

Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 320271 a 320273, 321154 e 321155
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 e 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2

EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Ben Bella relacionou a revolta berbere na Kabília com concentrações de tropas de Marrocos na fronteira da Argélia

ARGEL, 1 — A crise na Argélia piorou hoje depois de o presidente Ben Bella ter relacionado a revolta dos berberes na Kabília com anunciadas concentrações de tropas marroquinas na fronteira argelina. Por outro lado, a comissão política da F. L. N. marcou para amanhã de manhã uma importante reunião dos principais dirigentes do partido unico argelino. A Assembleia Nacional, que só

(Continua na ultima página)

Nota do dia

BEBER E REGAR

Comemoram-se, regularmente, os centenários de escritores, poetas, artistas, políticos, homens de ciência e outros vultos que se impuseram ao respeito e à admiração dos seus contemporâneos por obras e feitos que enriqueceram de algum modo o património espiritual da Humanidade ou contribuíram para o seu progresso e para o seu bem-estar. Celebram-se, igualmente, os centenários de cidades ou de factos históricos mais ou menos gloriosos que, por via de regra, constituem motivo de orgulho e de satisfação para um país e de abatimento e tristeza para outro. Supomos porém que seja inédita a comemoração que o povo de Massamá levou a efeito anteontem e que consistiu, nada mais nada menos, do que em festejar o primeiro centenário do chafariz público que abastece de água a população. A primeira vista, pode parecer um facto banal. Mas, bem vistas as coisas, sendo a água um elemento indispensável à vida tanto animal como vegetal, a construção de um chafariz que forneça água abundante e potável a uma povoação é um acontecimento digno de inscrever-se nos anais da história local e, como tal, pode muito bem constituir motivo de uma comemoração festiva, como aquela que o povo de Massamá levou a efeito, com inauguração de lápide, baile ao ar livre e libações que não provieram, certamente, do chafariz mas sim da adega, onde começou já a fermentar o mosto que agrada ao paladar dos deuses. Se a rega é um elemento de riqueza e a hidráulica agrícola uma preocupação dominante dos poderes públicos, com o fim de aumentar a fertilidade do solo e melhorar a economia nacional, não é menos importante o abastecimento de água às populações por meio de instalações modernas que substituam os processos antiquados e perigosos do poço sem resguardo e da fonte de chafurdo. E enquanto, por um lado, se aconselha o País a regar, por outro devem envidar-se todos os esforços para lhe dar de beber. Já se pensava assim há cem anos, quando reinava em Portugal o sr. D. Luiz I, que Deus haja, e continuamos, felizmente, a pensar do mesmo modo.



Numa das suas visitas, o Chefe do Estado assina o livro de honra de uma instituição

A Barragem Salazar foi inaugurada esta manhã pelo Presidente da República que à tarde visitou Moçâmedes

SÁ DA BANDEIRA, 1 — Foi de avião que o Presidente da República partiu desta cidade, pouco depois das 9 horas da manhã, para a Vila Folgares, antiga Capelongo, e para o Colono da Matala, sobre o Cunene. ribatejana — jaleca curta e botas altas. Acompanhadas pelas freiras suas professoras, viam-se também as alunas do Colégio das Irmãs Doroteias e as do Instituto D. Fernanda da Silva Carvalho, ontem visitado pela sr.ª D. Gertrudes Rodrigues Thomaz.

Desde muito cedo que grupos de crianças e de adolescentes de ambos os sexos convergiram, em autocarros e em camiões, para esta cidade, vindos de todas as localidades das imediações para a grande concentração juvenil em honra do Chefe do Estado.

Estavam igualmente presentes os alunos de todos os estabelecimentos de ensino da cidade, com os respectivos professores. Não faltaram os do Liceu Nacional Diogo Cão, que ontem puseram uma nota de inesgotável entusiasmo na grandiosa manifestação que foi a marcha luminosa, nem os da Escola Comercial e Industrial Artur de Paiva, nem os da Escola de Regentes Agrícolas Vieira Machado, do Tchivinguiri, estes com o seu uniforme à

Depois, por sobre esta imensa concentração — só as crianças das

(Continua na 6.ª página)

Declarações em Pequim sobre Angola e Moçambique

PEQUIM, 1.—Segundo relata a agência Nova China, usando da palavra num comício de boas-vindas organizado pela delegação governamental argelina em

(Continua na ultima página)

VISADO PELA CENSURA

Diário de Lisboa

HOJE 24
PÁGINAS

nas quais se inclui

ÊXITO

JUVENIL

(Continua na 10.ª página)

Está já assegurada a participação de Portugal no centenário do Rio de Janeiro — comunica-nos Carlos Lacerda

Por duas vezes se comentou no «Diário de Lisboa» o facto de, num esboço do programa das comemorações do IV Centenário da Fundação do Rio de Janeiro, que veio a

publico, não haver qualquer numero que recordasse a intervenção portuguesa nesse evento da His-

(Continua na página central)



Reabriram as aulas. Os pátios e corredores dos estabelecimentos de ensino voltaram a encher-se de estudantes, muitos deles acompanhados pelos pais e encarregados de educação que querem seguir de perto mais um ano lectivo dos filhos e pupilos. (Ler na página central)

NAS COORDENADAS DE ANGOLA - 63

Mudam gentes e terras

no empório do algodão e do sisal onde se evidencia o problema das grandes áreas não cultivadas

por EDGAR DE CARVALHO

MALANJE, Setembro — Sinceramente, é muito cómodo e agradável ter descido do Uíge e do Zaire, depois de espreitar uma Cabinda, que, desde há dois anos, está a desenvolver-se, encostada ao mar. E mais agradável ainda é ter feito esta descida num pequeno avião a

razar os palmares de Santo António e as plantações de Ambrizete. A seguir ao deslumbramento daquele vastíssimo território, onde vicejam exuberantes plantações e

De ontem para hoje

O SANGUE DA TERRA

A água transforma os campos áridos, batidos do Sol e calcinados de contemplação magoada e triste, em regiões idílicas onde brotam as árvores e as flores e onde os passarinhos cantam. A água transforma os campos como o sangue transforma a lizeza do cadáver em energias de gigante e beleza de vida e amor. Há agora planos para transformar o Alentejo, executando obras de rega; outras obras têm sido executadas dentro do mesmo critério. Ontem foram os srs. secretário de Estado da Agricultura, eng.º agrônomo Luís de Azevedo Coutinho, e subsecretário de Estado das Obras Públicas, eng. Amaro da Costa, com vários técnicos dos dois departamentos em visita às obras de rega do Vale do Caia que constituem a primeira fase do Plano de Rega do Alentejo. Depois, atravessaram a fronteira e visitaram o Plano de Rega de Badajoz. Nos concelhos de Elvas e Campo Maior foram apreciados os trabalhos em realização que visam melhorar nada menos de 7400 hectares. Entre outras obras as de construção da barragem e órgãos de segurança e utilização da albufeira, adjudicados pelo Ministério das Obras Públicas por 60 709 986\$30, e da rede primária de rega, edifícios das estações elevatórias, redes secundárias de rega dos canais, condutor geral, de Campo Maior e de Elvas e rede de enxugo, adjudicados por 52 882 613\$60. Em reunião efectuada no escritório da fiscalização da obra, que depois da execução desta ficará a servir de sede da Associação de Regantes e Beneficiários, foram analisadas as várias modalidades de utilização dos solos pelo regadio e os métodos de rega requeridos nalguns casos particulares. Foi visitada a fábrica da Sociedade Elvense de Tomate, em laboração com produto recebido, em parte considerável, da zona beneficiada pela obra de rega do Vale do Sorraia, à falta de zonas produtoras mais próximas, que virão a verificar-se com a realização da obra do Caia, que criará condições de embarquecimento da matéria-prima e de incremento da industrialização.

OS PREÇOS DO ARROZ

Um despacho do sr. secretário de Estado do Comércio fixa os preços do arroz em casca para a colheita de 1963 e os preços máximos do arroz branqueado para a

campanha de 1963-1964. Para a venda ao publico esses preços são os seguintes, não podendo ir além por parte do retalhista: Carrolino (limite de trincas, 15 por cento): embalado, branco, 7\$90; embalado, glaciado, 8\$10; gigante (limite de

O TRACTOR E A CRIANÇA

José António Lourenço Lopes Sales, de 7 anos, de Lisboa, estava a passar as férias em Alentejo, na freguesia da Baleia. Estava nos campos a observar as manobras tentaculares de um tractor conduzido pelo sr. José Artur de Jesus Vala, de 23 anos. Em dada altura não se preveniu convenientemente e o atrelado da máquina poderosa apanhou-o e matou-o. Sete anos curiosos e em flor atritados para a vala de um cemitério...

COMBOIO-PILÃO

Bem perto de Ponte de Sor, no lugar de Vale da Bica, na linha de Leste, apareceu o cadáver do jornalista sr. Miguel Lourenço Silva, de 39 anos. O comboio o matara horas antes, no escuro da noite...

BOA UNIÃO

De Sociedade Boa União foi crismada a nascente uma popular colectividade de Alfama, o bairro em que as tradições de um por todos e todos por um ainda se mantêm. Pois ontem a Sociedade Boa União rendeu homenagem ao representante da nação irmã em Portugal, dr. Negrão de Lima. Nas salas da sociedade se assistiu ao enaltecimento da grande e fraterna união luso-brasileira diante de alguns dos mais operosos obreiros desta união, a começar pelo homenageado e a continuar pelo antigo ministro, dr. Nuno Simões, pelo ministro assistente à Embaixada do Brasil, dr. Donatello Grieco e outros. Gentil Marques enalteceu o dr. Negrão de Lima e, por fim, foi descerrada uma estante a que deram o nome do embaixador. Nella se encontram as obras dos mais des-

tacados escritores brasileiros, como que a dizer que a verdadeira e boa união começa pelo espírito.

ADEUS À FEIRA POPULAR

Naquele espaço de entre a via férrea e o Campo Grande em que nos meses de Verão, o publico se entretem nas horas calmas de fim do dia, houve ontem como que um melancólico termo de diversão. A Feira Popular, organizada pelo nosso prezado colega de Imprensa «O Século», teve o seu ultimo dia. Setembro findara; hoje recomencaram as aulas e a azáfama corrente das profissões suspensas durante os meses de Verão. Além disso, as folhas das árvores começam a acobrear-se e um ventinho leve as agita como a dizer que vêm aí as noites frias do Outono, mais propícias para o descanso do lar do que para diversões ao ar livre. Mas os ultimos frequentadores da Feira Popular aproveitaram ainda aquelas horas de saborear um bom petisco ou dar uma volta no «carrousel». Depois foi com certa mágoa que saíram. Só lá para Junho ou Julho voltarão a essa euforia. Registe-se entretanto que a frequência deste ano foi grande e que a Colónia Balnear Infantil de «O Século» muito lhe deve. Para assinalar o ultimo dia houve o sorteio de cinquenta e sete prémios, sendo o primeiro uma máquina de costura Husqvarna, para a senha n.º 9261, o segundo um aparelho de rádio para a senha n.º 17074, e por aí adiante. E até para o ano, todos disseram adeus à Feira Popular.

ATROPELADO mortalmente

ALBERGARIA - A - VELHA, 1. — Uma camioneta, conduzida por José Cardoso Lopes, de 36 anos, casado, residente em César, concelho de Oliveira de Azeméis, atropelou, na variante da estrada nacional desta vila, pelas 2 horas, José dos Santos, casado, marmorista, de 45 anos de idade, residente em Albergaria-a-Velha que seguia numa bicicleta motorizada.

Transportado ao hospital local, o infeliz ciclista faleceu pouco depois de ali dar entrada. Deixa três filhos menores.

Como conservar Dentes postiços com mais firmeza no seu lugar

A sua dentadura postica causa-lhe aborrecimentos movendo-se, caindo ou abanando quando come, ri ou fala? Polvilhe apenas as suas placas com um pouco de DENTOFIX. Este pó alcalino (não ácido) fixa os dentes postiços com maior firmeza e maior conforto. Evita aquela sensação gomosa e pastosa tão desagradável. Não magoa. Elimina o mau hálito das dentaduras. Peça Dentofix hoje mesmo em qualquer farmácia, drogaria ou perfumaria.

Diário da Outra Banda

Farmácias de serviço

ALCOCHETE — Gamito — L. António dos Santos Jorge. 15 (Tel. 234100).
ALMADA — Cristo-Rei — Av. Cristo-Rei, 31.
BARREIRO — Higiénica — Rua D. Manuel I, 178 (Tel. 2273217).
COVA DA PIEDADE — Cerqueira Afonso — Praça 5 de Outubro. 18 (Tel. 270254).
MOITA — Silva Rocha — P. da Republica, 16 (Tel. 239029).
MONTIJO — Montepio — Rua Almirante Reis. 93 (Tel. 230035).
SESIMBRA — Leão — Av. Salazar (Tel. 229025).
SETUBAL — Soromenho — Praça Machado dos Santos (T. 22946).
Alice — Praça do Quebedo (Tel. 23743).
ALHOS VEDROS — Gusmão — R. Candido dos Reis. 30 (Tel. 224020).
SEIXAL — Godinho — L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580).
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança — Estrada Nacional. 174.

Cinemas

ALMADA — Incrível — A's 21 e 15: «Espionagem em Hong-Kong» (17 anos). — Academia — A's 21 e 15: «Tarzan e os elefantes» e «A casaca vermelha» (12 anos).
BARREIRO — Ginásio — A's 21: «Lady Godiva» e «Adeus às nuvens» (12 anos). — Cine-Barreirense — A's 21: «Um golpe sensacional» e «A marca do ódio» (17 anos).
COVA DA PIEDADE — Clube Recreativo — A's 21 e 15: «Que bom é viver» (12 anos). — União Artística — A's 21 e 15: «Os três mosqueteiros» (12 anos).

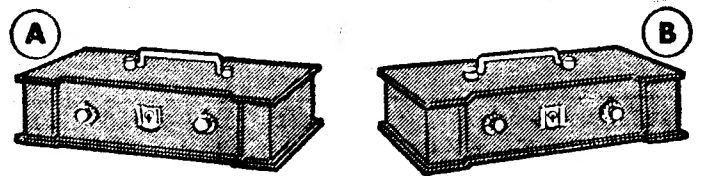
BEJA ESPERA-O

O LIDADOR, também.
Qtos. c/ ág. etc. Tel. 734.
Restaurante até às 24 h.
Prop. AMBRÓSIO PEREIRA

CONCURSO DA R. T. P. OU SIM OU NÃO

2.^a SESSÃO
5/10/1963

BOLETIM - PALPITE



☐ VENDE ☐ VENDE ☐
☐ NÃO VENDE ☐ NÃO VENDE ☐

NOME
MORADA

ATENÇÃO: Indicar com uma cruz X qual o seu palpite do cofre que o concorrente vai escolher e se vende ou não a chave. O palpite refere-se sempre ao ultimo concorrente de cada sessão. De entre os votantes no boletim vencedor será sorteado um televisor Philips. Recortar pelo tracejado e remeter até à próxima quarta-feira, às 12 horas, para CONCURSO «OU SIM OU NÃO» — RADIOTELEVISÃO PORTUGUESA — Alameda das Linhas de Torres. 95 — LISBOA-5

EM TRÊS LINHAS

O «Diário do Governo» publicou hoje um acordão do Conselho de Cadastro, que confirma os quadros de tarifas relativos à freguesia de Sacavém.

O eng.º Luís de Castro Ferreira de Carvalho foi nomeado definitivamente director de Serviços da Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos.

O eng.º Carlos Manuel Temudo Barata foi nomeado delegado do Governo junto da Sociedade Esportiva.

VIDA SOCIAL

DR. CLAUDIO JORGE
Regressou ontem de Luanda, onde esteve em serviço profissional, o ilustre advogado dr. Claudio Jorge, o qual retomou a sua actividade na capital.

EMBAIXADA DE ESPANHA
O sr. embaixador de Espanha e a sr.ª condessa de Marin dão hoje, às 18 horas, recepção, no Palácio de Palhavã, por motivo da festa do Caudillo, para a qual foram convidados membros do Governo, autoridades, corpo diplomático e outras individualidades portuguesas.

A FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN PROMOVE

durante os meses de Maio, Junho, Agosto e Setembro e interessando 50 localidades, o

1.º CICLO GULBENKIAN DE TEATRO

com a apresentação dos seguintes espectáculos:

O VAGABUNDO DAS MÃOS DE OIRO	pelo Teatro Experimental do Porto de Romeu Correia
OS TRÊS CHAPÉUS ALTOS	pelo Teatro Moderno de Lisboa de Miguel Mihura
BREVE SUMÁRIO DA HISTÓRIA DE DEUS	pelo Teatro dos Estudantes Universitários de Coimbra de Gil Vicente
MANUFATURA UNIVERSAL DE AUTÓMATOS	pelo Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra de K. Chapek
OS PÁSSAROS	pelo Teatro Universitário do Porto de Aristófares
ADORÁVEL MENTIROSO	por Eunice Muñoz e Jacinto Ramos

ÚLTIMOS ESPECTÁCULOS

ADORÁVEL MENTIROSO

NOS DIAS 30, 1 E 2, NO TIVOLI

ATRÁS DO REPOSTEIRO

- Os bailarinos Rudolfo Leinée e Renée Simon, depois de terminado o seu contrato com a empresa do ABC, seguem para o Brasil, onde devem actuar numa super-produção musical que terá como primeira figura o popular cómico Grande Otelo.
- Entraram num ritmo intenso os ensaios da nova revista do Maria Vitória. Como noticiámos, a coreografia é dirigida por Charles e o poema por Rosa Mateus. O novo espectáculo do empresário Hermes Portela deve subir à cena dentro da primeira quinzena deste mês.
- O actor Costa Ferreira vai ter, na nova revista do Variedades, quatro intervenções. Registe-se a sua estreia neste género de teatro.

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

«Quando o ciúme nasce...» no Tivoli

Esta é a segunda adaptação da literatura que o Cinema Tivoli apresenta no seu «écran». Depois de «Beleza perversa», extraído de um romance de Italo Sverro, foi agora a vez de André Maurois ter uma obra sua nesta tela. Todo o entrecosto se desenrola num ambiente de alta-burguesia. Fixa toda uma existência artificial, com todos os erros da classe que nos é apresentada. Todavia, é tratado de dentro dessa classe, portanto, também, com poucas perspectivas a apresentar, que conduzam a uma libertação dos seres, dos erros em que caem e dos defeitos que possuem. Aliás, é o próprio Maurois que confessa: «É um romance muito querido por mim porque exprime nele os sentimentos que senti. O herói possui traços meus e creio tê-lo compreendido bem.»

— Os nossos destinos e nossas vontades surgem sempre em desencontro.

Pretende ele assim justificar um fatalismo que só dificilmente pode ser aceite. Aparentemente de um meio ocioso, rico, sem preocupações, que necessita de devaneios negativos, com que se procura encher a existência, apresenta-nos desencontros amorosos que existem devido a condicionamentos externos que não são apontados, como seria necessário, se alguma lição naquele sentido se quisesse dar.

O filme tem uma primeira parte excelente, uniforme, com um equilíbrio entre exteriores e interiores. A segunda parte já não consegue igualar a primeira, pelo desenrolar dos acontecimentos, e talvez porque o realizador pretenda seguir demasiado de perto o romance de Maurois.

Uma coisa há a salientar em todo o filme: a fotografia excelente de Sacha Lenny. A realização, de Stelio Lorenzi, é boa, embora possamos julgar que em algumas cenas, talvez houvesse ângulos mais favoráveis a explorar. É verdadeiramente notável toda a enorme série de «travellings» que o filme possui, decorrendo a apresentação com um larguíssimo, e de grande efeito. Dos intérpretes, tiveram grandes criações Marina Vlady (Odile), e Emmanuelle Riva, sendo a criação desta, notável, como, aliás, os seus recursos em outras obras já o demonstraram. — Visor 12.

HOMENAGEM

a João Villaret

Por iniciativa do Grupo Tábua Rasa, os arquitectos Chaves, Peres Martins e Palma de Melo estão a trabalhar no projecto de um busto, a executar em bronze pelo escultor Martins Correia a entregar à comissão que pretende oferecer o busto do grande actor João Villaret à cidade de Lisboa. Dessa comissão fazem parte os nomes mais representativos das artes e das letras portuguesas.



Eunice Muñoz e Jacinto Ramos numa cena de «Adorável mentiroso»

«Adorável mentiroso», no Tivoli

O acontecimento — A's vezes não precisamos de raciocinar muito para ajuizar da categoria de um espectáculo. E mau é quando, para acharmos as suas qualidades e defeitos, nos temos de atardar em raciocínios longos e profundos.

Isso não nos aconteceu ontem, quando, após três horas de espectáculo, saímos do Tivoli, onde acabava de se estreiar «Adorável mentiroso». Teríamos gostado de ficar ainda a olhar o palco coberto de flores, a olhar o publico a aplaudir de pé, a olhar Eunice Muñoz e Jacinto Ramos, contente por nos terem proporcionado alguns momentos, de excelente teatro.

Tudo o fazia prever, aliás. O talento de Eunice, a nossa primeira comediante da sua geração, como a cultura e o apuro profissional de Jacinto Ramos.

Por outro lado, «Cher Menteur», trazido até nós a temporada passada, com Maria Casarès e Pierre Brasseur, ficou lançada nesse momento, e inútil será agora tentar saber se por snobismo ou agrado real. Muitos não foram ontem ao Tivoli porque se tinham visto em bom não iam agora ver em mau. Mas a gente de Teatro, os que verdadeiramente se interessam por ele, estavam lá todos. Sabem avaliar a envergadura do empreendimento, e estavam, como nós, provavelmente, semipresos pelos boatos que nos chegaram da Figueira da Foz e de outras terras de província, onde a peça fez carreira.

E ninguém, certamente, se preocupa com comparações idiotas, de que, afinal, não sairiam envergonhados os obreiros do espectáculo de ontem.

Luís Sttau Monteiro, tradutor e encenador da obra, subiu ao palco antes de o pano levantar e disse, um pouco fora de tom, para se ouvir em todos os recantos da sala, do interesse cultural da obra, detendo-se num agradecimento que ninguém regateia à Fundação Gulbenkian, pela realização do seu 1.º ciclo de Teatro, coroado com este «Adorável mentiroso». E oxalá esta primeira iniciativa possa ser o prenúncio de voos mais largos, bem merecidos por alguns dos nossos comediantes e encenadores. Assim não acontece o que se tem esboçado com a ópera de camara e o bailado. Ou, então, a «galinha dos ovos de ouro» pode morrer de cansaço.

A peça — Parece-nos não haver elemento mais precioso para a elaboração de uma biografia, que a correspondência do biografado. Aquela género literário é, por sua vez, o melhor monumento, o mais completo que conhecemos erguido ao culto do personagem.

Em nenhum outro género o homem aparece tão inteiro, tão completo, tão carne e sangue, sonho, ilusão e ironia. Talvez seja este o segredo do êxito da obra que Jerome Kilty construiu com as cartas trocadas, ao longo de meio século, entre Bernard Shaw e Patrick Campbell. As personagens, neste caso, são um dramaturgo de génio e uma actriz de talento, dois monstros de natureza tempestuosa, que o destino ligou de alguma forma. E nas cartas de ambos está aceso o facho da polémica, é ardente o

fio condutor das ideias e dos sentimentos, numa espécie de «luta entre dois leões assexuados», como mrs. Campbell define as suas relações com o dramaturgo. Jerome Kilty teve a rara felicidade de poder dispor de algumas dezenas destas preciosidades, que desvendam a intimidade de dois seres fora de série. A sua coroa de glória é ter sabido, saltando no tempo e no espaço, seleccionar o material de que dispunha, harmonizando-o de forma a poder transformá-lo em teatro. E é assim que a acção, toda ela íntima, psicológica, interligada por linhas invisíveis, prende o publico na contemplação de dois personagens apaixonantes, que transformaram as suas cartas num «autêntico carnaval de palavras». Se soubesse escrever cartas como tu — é ainda Patrick Campbell que diz a Shaw — escrevia-as a Deus, Jerome Kilty encarregou-se de immortalizar Shaw na sua intimidade, mantendo vivo o crepitante diálogo das suas peças e o humor caustico das suas situações, palpáveis na sua literatura epistolar, em que também foi mestre.

A encenação — Duvidamos muito, que Deus nos perdoe, que o publico português tenha conseguido apreender realmente o conteúdo do «Cher Menteur» que viu no São Luiz. As «nuances» de linguagem, com sua tradução exacta para a mentalidade portuguesa, não podem deixar de ser apreendidas senão por meia dúzia de quantos a vêem em cena, representada em francês. E é assim que a tradução de Sttau Monteiro adquire uma tonalidade que restitui a dimensão adequada a «Cher Menteur». Pareceu-nos correcta, justa na interpretação do que cada carta continha em si.

A apreensão do conteúdo psicológico de cada uma ajudou o encenador, ao qual não se deparavam, aliás, transcendentes problemas de cena. Uma marcação sóbria, a aproveitar aqui e além sugestões colhidas no trabalho dos seus antecessores, uma iluminação discreta a marcar com propriedade mutações de tempo ou atitude, como um apontamento de «décor» psicológicamente justo, definiram o seu trabalho. Um bravo para Pinto de Campos, por três criações de alta-costura que são uma maravilha de gosto.

A interpretação — Tanto para Eunice como para Jacinto Ramos não era fácil a tarefa de estar quase três horas em cena a debitar palavras de um texto que encontrava o seu valor mais forte na criação de um clima de intimidade, sem o apoio da acção em que cada um pudesse esconder-se. A personagem tem de vir de dentro para fora, alheia a truques fáceis e esgotados pela arte de representar á antiga. Eunice foi isso mesmo, uma

(Continua na página seguinte)

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELECTRICOS

Actualidades mundiais

Um violinista americano em Moçambique

LOURENÇO MARQUES, 1. — Apresentou-se ontem, ao publico desta capital, no terceiro concerto da temporada do Circulo de Cultura Musical, o violinista norte-americano Berl Snofski, acompanhado pelo pianista português José Carlos Picoto, num programa com obras de Vitali, Cesar Franck, Chostakovitch, Paganini, Fauré, Bela Bartok e Wieniasky. — (A. N. I.).

Encontro Internacional de Cinema em Nápoles

NÁPOLES, 1. — Uma recepção em honra de Sophia Loren, um «cocktail» e uma manifestação em honra de Vittorio de Sica e um almoço em honra de Totó figuram no programa do «Primeiro Encontro Internacional de Cinema», que se celebra nesta cidade, entre os dias 5 e 12 deste mês. — (A. N. I.).

Bailado em Fontainebleau

PARIS, 1. — O Teatro Municipal de Fontainebleau abriu a nova época com um espectáculo a cargo dos «Ballets Serge Golovine» com Anita Kristina, Liliane van de Velde e Belinda Wright, «estrela» bailarina do «Royal Ballet de Londres». Compunham o programa: «Les forains», de Henri Sangnet, «Sinfonia clássica» de Prokofiev, «Adagio» de Rachmaninov e «Suite de danses» de Chopin.

Novo filme de Bourguignon

PARIS, 1. — O realizador francês Serge Bourguignon, autor do filme «Domíngos de Cybele», tenciona começar a rodar «Cassandra at the wedding» em Janeiro, nos Estados Unidos, com a actriz Natalie Wood no papel principal. A segunda parte da película será filmada em Roma. — (A. N. I.).

A R. A. U. tem «o dia mais longo» da TV

CAIRO, 1. — A estação emissora de televisão da R. A. U. existe há apenas três anos, mas transmite através dos seus canais, 25 horas de programa por dia, «record» que ainda não foi attingido pelos países que possuem televisão há muito mais tempo.

Vai começar a rodagem de «Les chiennes de Soledor»

PARIS, 1. — O realizador cinematográfico Max Pécas acaba de contratar as actrices Marie-France Mignal e Nicole Merouze a fim de interpretarem o seu próximo filme que se intitulará «Les chiennes de Soledor». As filmagens iniciar-se-ão dentro de poucos dias na região de Montpellier.

Jean Rigaux na «Lune Rousse»

PARIS, 1. — Jean Rigaux fez já a sua reentrada acompanhando de Jean Marsac, no novo espectáculo da «Lune Rousse». Edmond Meunier, Jean Raymond, André Rochel, Martial Carré e Robert Gamelin integram, também, o elenco.

Confraternização

de antigos alunos da Escola Comercial Veiga Beirão

Um grupo de antigos alunos da Escola Comercial de Veiga Beirão, do curso de 1953-58, promove brevemente um almoço de confraternização para lembrança de velhos tempos. As inscrições podem ser feitas pelos telefones 665423, 673536 e 328675.

A ESPANTOSA ODISSEIA DE UM HOMEM QUE COMANDA UM EXÉRCITO DE ESCRAVOS E DESENCADEIA UMA ESMAGADORA REVOLTA NA LUTA PELA LIBERDADE!

com STEVE REEVES

GIANA MARIA CANALE

JACQUES SERNAS

CINEMASCOPE EASTMANCOLOR

o filho de SPARTACUS

Ex. TALMA FILMES

AVIS

Às 21.45

ESTREIA

simultânea AMANHÃ

(ADULTOS)

odeon

Às 21.30

TEATROS E CINEMAS

«Adorável mentiroso»

no Tivoli

(Continuação da página anterior)

mrs. Campbell verdadeira, com sangue e nervo, saltando do tom narrativo para o tom vivo, com uma plasticidade notável. Esperávamos isso dela e não nos desiludiu, nem mesmo quando, no segundo acto, por descuido seu ou do encenador, que não soube encontrar o tom justo para a acustica do Tivoli, quase não deixava perceber o que dizia. Jacinto Ramos pécou, aqui e além, por esse tal tom declamado, e quase nos parece despropositado que o publico tenha interrompido o seu final do 1.º acto, para aplaudir uma representação com truques de mau gosto, que a linha geral conseguida pelo actor desmentiu. Mau grado esses pequenos senões, Jacinto Ramos foi notável e deu-nos um Bernard Shaw ora truculento, ora íntimo, ora cinimo, ora terno na sua rudeza.

Pena é que só estejam previstos três dias para permanência da peça no cartaz. A menos que, para maior desgraça nossa e glória de todos os comerciantes de peças de má qualidade, o publico não se deixe seduzir por um espectáculo capaz de apaixonar qualquer amante de teatro. — L. d'O. N.

«Montra de Cinema» — sessões clássicas no cinema Roma

O cinema Roma vai ter, também, as chamadas sessões clássicas. Um grupo de gente nova, dinamica, cheia de vontade de triunfar, propõe-se apresentar ali filmes que pela sua categoria poderão ser considerados «hors series».

Para estas sessões, que se chamarão «Montra de Cinema», querem os seus organizadores somente apresentar bons filmes. Não é um espírito comercial que os anima, bastando-lhes que os bons filmes sejam passados sem constituir prejuizo para a organização.

Para a primeira destas sessões foi escolhido «Sorrisos de uma noite de Verão», de Ingmar Bergman. É um dos melhores filmes deste século, realizado, pela sua simplicidade, pela história e situações amorosas que consegue apresentar com a sua extraordinária intuição e sabedoria cinematográfica. Além do mais, este filme liberta-se quase daquele misticismo de que são impregnados os filmes de Bergman.

A primeira sessão de «Montra de Cinema» está marcada para a próxima sexta-feira, às 18 e 30, no cinema Roma.

RIA ATÉ ÀS LAGRIMAS NO AVENIDA

HOJE, ÀS 21.45 H.
aplaudindo a famosa comédia de
ALFONSO PASO

VAMOS CONTAR MENTIRAS

com
SOLNADO
FLORBELA
e CORTEZ

26.^a BALCÃO
PARA
O POVO
SEMANA 2\$50
e 5\$00

MAIORES 12 ANOS

TEATRO (ADULTOS)

MONUMENTAL

HOJE, ÀS 21.45 HORAS
VASCO MORGADO apresenta
A FABULOSA COMÉDIA:

O GATO

com HENRIQUE SANTANA
IRENE ISIDRO

ANTÔNIO
SILVA
COSTINHA
MARIA
HELENA
LUIZA DURÃO
ALINA VAZ
LUIZ HORTA
HENRIQUE
VIANA
FERNANDA
DE
FIGUEIREDO
PALMIRA
FERREIRA

HENRIQUE
SANTANA

AGUARDENTE VELHA
Niepoort
a prova esta na prova

TIVOLI

HOJE E AMANHÃ, ÀS 18.30
ÚLTIMOS ESPECTÁCULOS
DE

ADORÁVEL MENTIROSO

COM

EUNICE MUÑOZ e JACINTO RAMOS

Integrado no I Ciclo Gulbenkian de Teatro

MAIORES DE 17 ANOS

A sensação de bem estar
aliada às melhores características
de qualidade

LAVÁVEIS MAIOR DURAÇÃO E INENRUGÁVEIS
fazem das malhas e tecidos "robilon"

o expoente máximo
de toda a mulher moderna.

A etiqueta "robilon" é
e será sempre a sua
melhor garantia.

robilon

Malhas e Tecidos



Cartaz dos Cinemas



Telefone 50595

O célebre romance de André Maurois
«Climats»
com Marina Vlady, Emmanuele Riva
e Jean-Pierre Marielle

QUANDO NASCE O CIUME
A's 18.30—ADORÁVEL MENTIROSO
(M. 17 anos)



Telefone 327177

O MAIS SELVAGEM
ENTRE MIL

Hud 6... o homem que nunca se re-
trai para alcançar o que pretende...
Com Paul Newman — Patricia Neal



Telef. 76 63

A GRANDE FAMÍLIA

Um filme que comete a ousadia de
plagiar e modernizar a história da
Torre de Babel...



Telefone 326283

com o «monstro» da dança
ALFREDO ALARIA
DIFERENTE

Grandiosos e vibrantes bailados
EASTMANCOLOR (Adultos)



Telefone 610375

Cinco semanas num balão
c/ Red Buttons—Fabian—Barbara Eden



Telefone 320917

GAROTAS!
GAROTAS!
GAROTAS!

com Elvis Presley — Stella Stevens —
Jeremy Slate e Laurel Goodwin



Telefone 320917

ANNA
PORQUE VENS TÃO TARDE



Telefone 555134

Uma alucinante volta ao mundo dos
lugares proibidos!
MUNDO CÃO



Telefone 763086

O MAIS SELVAGEM
ENTRE MIL

O homem que nunca se retrai para
alcançar o que pretende.

Com Paul Newman—Melvyn Douglas

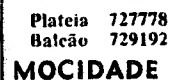


Telefone 326305

O MELHOR FILME DO FAMOSO
IDOL EDDIE CONSTANTINE

F. B. I. — AGENTE
IMPLACÁVEL

UMA REALIZAÇÃO DE ALTO
NÍVEL DE «SUSPENSE»
(M. 17 anos)



Plata 727778

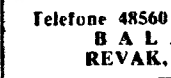
com o famoso cantor
Cliff Richard
e The Shadows

AR CONDICIONADO



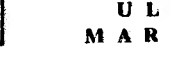
Telefone 324194

ANNA DE BROOKLYN



Telefone 48560

BALALAIKA
REVAR, O REBELDE



Telef. 865037

ULISSES
MARUZELLA



Telefone 322523

MADAME SANS-GENE
com Sophia Loren e Robert Hossein
AR CONDICIONADO



Telefone 555131

O DIABO
E OS MANDAMENTOS

com Alain Delon — Danielle Darrieux
— Jean Claude Brialy — Françoise
Arnould — e muitos outros nomes
famosos



Telefone 320768

55 DIAS EM PEQUIM

com Charlton Heston, Ava Gardner
e David Niven

Epopeia extraordinária de um grupo
de homens, cujo feito estremeceu o
Mundo.



Telefs. 54153/4

A RESPEITÁVEL CARÇAÇA

Conceitos e gargalhadas na comédia
das comédias!

Com Stanley Baxter — James Robertson
Justice — Leslie Phillips

COLISEU

Emp. Ricardo Covões. Herds.
HOJE, às 21.30
(Maiores de 12 anos)

NO NOVO E GIGANTESCO
ECRAN

A SUPERPRODUÇÃO

HÉRCULES,

O CONQUISTADOR

QUINTA-FEIRA
ESPECTÁCULO A TARDE
ÀS 15.30

EM SURPREENDENTE
CONTINUAÇÃO DE ESTREIA!

FILMES CASTELLO LOPES
APRESENTA COM ORGULHO

ADULTOS

SOPHIA LOREN
OSCAR DA ACADEMIA DE HOLLYWOOD

NUM ESPECTÁCULO DE ENCANTAMENTO
em

**MADAME
SANS-GÊNE**

Realização do mais alto requinte de
CHRISTIAN-JAQUE

com
ROBERT HOSSEIN

RENAUD MARY • JULIEN BERTHEAU



TECHNICOLOR

TECHNIRAMA



5ª SEMANA
AR CONDICIONADO

TODOS OS DIAS
AS 15.15, 18.15
E 21.30



AGORA A PREÇOS NORMAIS

ABC

Telet. 36-74

JOSÉ MIGUEL
APRESENTA
As 20.45 e 22.45
(ADULTOS)

A REVISTA

CHAPÉU

ALTO!

UMA REVISTA
DE SE LHE TI
RAR O CHA
PÉU

com **IVONE SILVA**

NICHOLSON
HENRIQUETA
MAIA
ESMERALDA
AMOEDO
MARIANO
FRANCO
BRAGA

SANTOS
com o actor
ANTÓNIO
ANJOS
e os bailarinos
RUDOLFO
LEINF

RENÉE SIMON
e o actor-cantor

ANTÓNIO CALVARIU



Um dos 8 anos

CAMPO PEQUENO

LEVE OS SEUS PAIS

A DIVERTIREM-SE CONSIGO NO MAIS EXTRAORDINÁRIO
ESPECTÁCULO CÓMICO-TAURINO DE TODOS OS TEMPOS

VOCÊ NÃO PAGA NADA
SE TIVER MENOS DE 10 ANOS

EL BOMBERO TORERO e os seus 8 ANÕES 8
PREÇOS DESDE 10\$00

A BILHETEIRA DOS RESTAURADORES, 7, ABRE NO DIA 3, DAS 10 ÀS 20 HORAS

MAIORES DE 6 ANOS
DIAS 5 E 6 DE OUTUBRO
PELAS 16 HORAS



HOJE INAUGURAÇÃO DA ÉPOCA DE INVERNO
MAXIME ORGULHA-SE
DE APRESENTAR



A REVELAÇÃO
DA CANÇÃO
ESPANHOLA

RAPHAEL

DUPLO VENCEDOR
DO FESTIVAL DE
BENIDORM

MÚSICA CONSTANTE PELA
ORQ.: JOSÉ MAGALHÃES
COM O VOCALISTA TITO
MAIORES 21 ANOS

AR
CONDICIONADO

O famoso conjunto atracção
LOS 4 DELTAS
Telef. 35366/7

Analise Cezal

A mais antiga e acreditada
marca de líquidos para a
determinação volumétrica
da acidez dos azeites

Depósito Geral
SOCIEDADE DE DROGAS
GRANCHINHO, LIMITADA
Rua das Galvoas, 21-A e 23-A
(ao Conde Barão)
Telefones 664316-665037 — LISBOA

Colhido gravemente por um camião

PORTO, 1. — Na Via Norte, em Leça do Bálho, seguia de bicicleta motorizada o carpinteiro sr. José Carneiro, de 54 anos, casado, residente no lugar de Castelo, São Pedro do Avioso (Maia). Em sentido contrário, e em grande velocidade surgiu um camião carregado com oito toneladas de cal, conduzido por Fernando de Jesus Bernardo, morador em Cantanhede.

O desastre deu-se em circunstâncias ainda não apuradas, sendo o ciclista colhido pelo pesado veículo e projectado a grande distancia. Os Bombeiros Voluntários de São Mamede de Infesta, transportaram a vítima ao Hospital de Santo António, onde ficou internada em estado grave, com fractura exposta da

Gravemente colhido por uma camioneta de passageiros

COVILHA, 1. — Uma camioneta de transporte de uma empresa do Fundão, conduzida pelo motorista José dos Santos Roxo, atropelou o menor António Nunes de Carvalho, de 13 anos, quando este se pendurou na retaguarda do veículo. Com fractura do crânio e outros ferimentos pelo corpo, o imprevidente rapaz ficou internado no hospital regional em estado grave.

Jornaleiro trucidado pelo comboio em Ponte de Sor

PONTE DE SOR, 1. — O jornalista Miguel Lourenço Vitor, de 39 anos, foi encontrado trucidado na linha férrea de Leste. O infeliz deve ter sido apanhado pelo «Lusitania-Expresso», que passa por aquela estação cerca das 23 e 55.

perna esquerda e contusões pelo corpo.

Fizeram-lhe a vontade...

O jardineiro António Rocha, de 32 anos, solteiro, sem morada certa, foi para o ático de um jornal diário desta cidade fazer distúrbios. Um guarda da P. S. P. intimou o desordeiro a retirar-se, mas este não acatou porém a ordem do agente da autoridade, pedindo somente: — Leve-me preso.

A verdade é que lhe foi feita a vontade, e o jardineiro recolheu às prisões privativas da Polícia.

Queixa por danos

Na P. S. P. queixou-se o sr. Serafim da Silva Ferreira, na qualidade de gerente do Café Angola, da Rua Padre Correia, em Gaia, contra duas mulheres, mãe e filha, cujos nomes indicou acusando-as de praticarem, por crueldade, danos no interior daquele café, que avalia em alguns milhares de escudos.

Espectáculos de amanhã

COLISEU — As 21 e 30: «O miúdo da Bica» (12 anos).
RIVOLI — As 15 e 30 e às 21 e 30: «Segue o teu destino» (17 anos).
SA DA BANDEIRA — As 15 e 30 e às 21 e 30: «Barrabás» (12 anos).
S. JOÃO — As 15 e 30 e às 21 e 30: «Julgamento à porta fechada» (17 anos).
BATALHA — As 15 e 30 e às 21 e 30: «55 dias em Pequim» (12 anos).
AGUIA DE OURO — As 15 e 30 e às 21 e 30: «Sodoma e Gomorra» (17 anos).
TRINDADE — As 15 e 30 e às 21 e 30: «A mulher que viveu duas vezes» (17 anos).
OLIMPIA — As 15 e 30 e às 21 e 30: «Os mistérios de Paris» (12 anos).
CARLOS ALBERTO — As 15 e 15 e às 21 e 15: «Aguenta-te no balanço» e «Alfaiate e senhoras» (17 anos).
JULIO DINIS — As 21 e 30: «Dia, após dia, desesperadamente» (17 anos).

O secretário de Estado da Agricultura preside em Bragança à inauguração da Semana de Estudos Regionais

MACEDO DE CAVALEIROS, 1. — Chegou hoje a esta vila o secretário de Estado da Agricultura, eng.º Azevedo Coutinho, que foi recebido no limite do concelho pelas autoridades distritais e concelhias, que vem inaugurar a Semana de Estudos Regionais.

Ao chegar a esta vila, foi-lhe oferecido um almoço no Casal de Vale Pradinhos, da sr.ª D. Maria Pinto de Azevedo. A ele assistiram também os srs. governador civil de Bragança, presidente da comissão distrital da União Nacional, presidente da Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros e presidente da Cooperativa Agrícola e outras personalidades.

Terminado o almoço, realizou-se uma visita às instalações da Cooperativa Agrícola que se encontram numa fase muito adiantada, estando concluído o lagar de azeite, já em laboração, a adega cooperativa, concluído também o armazém de frutas e, também muito adiantada a central leiteira.

Aquele membro do Governo seguiu depois para Bragança, onde, ao fim da tarde, no Palácio das Corporações, se efectuará a sessão inaugural da Semana dos Estudos Regionais. Essa semana conforme ontem noticiámos, prosseguirá em várias terras do distrito, estando a despertar o maior interesse em todos os meios, em especial nos meios ligados à lavoura.

O «DIÁRIO DE LISBOA» — recebido por avião — vende-se em PONTA DELGADA por intermédio da TABACARIA ESPERANÇA de OJO LUIS

A viagem presidencial à província de Angola

(Continuação da 1.ª página)

escolas primárias oficiais eram mais de duas mil — desdobrava-se um distico: «Somos as searas da Huila». E são elas, na verdade, as melhores searas da Huila, esta boa terra portuguesa, cujos filhos irradiam para toda a Província e a todos os pontos de Angola levam, com o seu amor ao trabalho e a solidiez dos seus músculos, o seu espírito vivo e a sua inapreciável experiência das coisas e das gentes africanas. — (A. N. I.).

A Barragem Salazar

VILA FOLGARES, 1. — O avião presidencial chegou a esta vila cerca das 9 e 50, vindo de Sá da Bandeira. Nesta vila, a cerca de 200 quilómetros da capital da Huila, ergue-se a Colónata do Cunene com a importante barragem da Matala, obra que honra a engenharia portuguesa.

Trata-se de um aglomerado populacional onde habitam já mais de 2000 agricultores, entre brancos e pretos. Encontra-se assim, povoado o vale do Cunene, com uma vila e quatro aldeias.

O sr. Presidente da Republica foi carinhosamente recebido por toda a população á sua chegada ao aeródromo. O Chefe do Estado descerrou em seguida, na barragem da Matala, a convite do eng.º Trigo de Moraes, uma placa que dá o nome de Salazar á barragem.

Discursando no acto, o eng.º Trigo de Moraes afirmou:

«Todos os que aqui nos encontramos queremos exprimir a V. Ex.ª, sr. Presidente da Republica, os sentimentos da nossa maior gratidão pela vinda de V. Ex.ª a esta Angola heroica, sacrossanta e nossa.

«Aqui, numa placa de granito arrancado a uma pedreira do Norte de Portugal, está gravado o nome do homem que tudo sacrificou ao dever de servir Portugal.

«Acha-se aqui há muito esta placa, mas ainda não fora descerrada. Aguardava-se para tanto uma oportunidade condigna. Esse momento chegou agora».

Seguidamente, entre aplausos e vivas, o Chefe do Estado retirou a bandeira nacional que cobria o nome do Presidente do Conselho: a partir de agora a Barragem da Matala, sobre o Cunene, passa, portanto, a ser, oficialmente, a Barragem Salazar.

Visita ao Colónato de Matala

O Chefe do Estado visitou, seguidamente, as quatro aldeias que constituem com a Vila Folgares o Colónato da Matala e onde vivem dois mil portugueses, entre brancos e pretos.

Em todas as aldeias a população reuniu os seus gados e alfaías, de modo que o Presidente da Republica pudesse ter uma noção da importância de cada aldeia.

Foi uma visita rápida, mas que deixou em todos quantos acompanhavam o Chefe do Estado por esta já longa peregrinação patriótica através das terras de Angola a melhor e mais profunda impressão: as casas dos colonos apresentam-se limpas, bem caídas, todas com o seu pequeno jardim á frente, os campos estão bem cultivados e têm esplêndido aspecto os pomares já plantados pelos colonos. — (A. N. I. e L.).

Regresso a Sá da Bandeira e partida para Moçâmedes

SÁ DA BANDEIRA, 1. — De regresso de Folgares, depois da visita ao colónato misto da Matala e

á Barragem Salazar, sobre o Cunene, regressou de avião a esta cidade, alguns minutos antes das 13 horas, o Chefe do Estado, partindo depois do almoço, outra vez de avião, para Moçâmedes, de onde chegam informações de que está a ser-lhe preparada ali uma entusiástica recepção, decerto uma das mais vibrantes de toda esta viagem.

Esta manhã, a esposa do sr. Presidente da Republica foi homenageada pelas crianças de todos os estabelecimentos de ensino da capital da Huila. Visitou, em seguida, o Tundavala, um dos recantos turísticos mais maravilhosos desta terra. Situa-se a cerca de 20 quilómetros desta cidade. — (A. N. I. e Lusitania).

A recepção em Moçâmedes

MOÇÂMEDES, 1. — Esta cidade, terra de pescadores roubada ao deserto, tributou recepção deveras calorosa ao sr. almirante Américo Thomaz, suplantando, ainda, tudo quanto se esperava.

Efectivamente, Moçâmedes é, lado a lado com Sá da Bandeira, uma das duas cidades de Angola mais «europeia» — uma das duas onde menos nos lembramos de que, apesar de tudo, nos encontramos na África e entre os dois trópicos: Moçâmedes tem, na verdade, todo o aspecto, toda a fisionomia de uma terra do Algarve. E a sua população de pescadores e de gente que vive de actividades relacionadas com o mar caracteriza-se por uma espontaneidade e por uma exuberância semelhantes ás do algarvio.

Desde pela manhã que se concentraram na baía de Moçâmedes as traineiras das pescarias da Lucira, de S. Nicolau, do Chapéu Armado, da Mariquita, da Baha, do Mucuiu, das Pisas e do Saco.

Todas as embarcações chegaram embandeiradas e trazendo a bordo, além da tripulação, muitas pessoas que não quiseram estar ausentes da recepção que Moçâmedes preparou ao Chefe do Estado.

O protocolo obrigou no entanto, Moçâmedes a um programa de recepção igual ao que tem sido executado nas outras cidades: entrega das chaves pelo presidente do Município ainda no aeroporto, sessão solene nos Paços do Concelho, imposição de condecorações pelo Chefe do Estado, distribuição de medalhas comemorativas da viagem presidencial pelas autoridades gentílicas e uma recepção, ao fim da tarde, na residência do governador do distrito comandante Sales Henriques de Brito.

Depois da distribuição, pelo Chefe do Estado, de medalhas comemorativas da sua visita aos chefes gentílicos, estes ofereceram-lhe uma arma de caça, verdadeira obra prima da espingardaria nativa.

Foi também organizada uma exposição de peles de caracul, esperando-se que o Chefe do Estado possa ter o enseio de a visitar, ou ainda hoje, ou amanhã.

Uma colecção de peles de caracul será oferecida pelos respectivos criadores á sr.ª D. Gertrudes Rodrigues Thomaz.

Amanhã e após a visita á cidade, o Chefe do Estado, depois de passar pelo cais de embarque de minérios, deverá embarcar numa traineira para uma visita ao porto. — (A. N. I.).

Um ferido grave num desastre de viação

ILHAVO, 1. — Num automóvel conduzido pelo sr. Albérico Orlando Ferreira Moniz, de 25 anos, solteiro, empregado comercial, natural de Albergaria-a-Velha seguiam em passeio para a Vagueira da Costa Nova o sr. António Bom Pastor, carpinteiro de 42 anos, há pouco regressado de Benguela donde é natural, e duas raparigas. No regresso á Costa Nova, já de noite, por motivos que não estão ainda esclarecidos, o automóvel chocou com duas motorizadas conduzidas pelos srs. Alberto Marques Delgado, casado, residente nas Quintas, ao sul da Costa Nova e Abílio Rodrigues Varatojo, solteiro, de 31 anos, agricultor e natural de Oliveirinha. Aveiro, ficando feridos os dois, pelo que foram conduzidos ao hospital desta vila. Verificou-se que o primeiro sofrera fractura do crânio e da perna esquerda, pelo que ficou internado em estado grave. O segundo sofreu ligeiros ferimentos e seguiu para sua casa, depois de tratado.

A G. N. R. do posto local tomou conta da ocorrência. Todos os veículos sofreram grandes avarias.

BRILAN

1.º GRANDE SORTEIO

- 1.º PRÉMIO — 1 FRIGORÍFICO — Senha n.º 5735
MARIA ANTÓNIA BACELAR PAVÃO — MIRANDELA
- 2.º PRÉMIO — 1 TELEVISOR — Senha n.º 4347
ANTÓNIO DOS SANTOS BAPTISTA — MACEIRA DO LIZ
- 3.º PRÉMIO — 1 FOGÃO A GÁS — Senha n.º 4252
FLORINDA DA CONCEIÇÃO H. MAMEDE — PENICHE

A LISTA DOS RESTANTES CONTEMPLADOS SERÁ PUBLICADA AMANHÃ EM VARIOS JORNAIS DIARIOS DE LISBOA E DO PORTO.



DIAS 5, 6, 7 E 8 DE OUTUBRO — POR OCASIÃO DA FEIRA ANUAL A MAIOR FEIRA TAURINA DE PORTUGAL 4 GRANDIOSAS CORRIDAS

DIA 5 — NOCTURNA AS 21.45 8 — TOIROS — 8 4 DE LIMA MONTEIRO 4 DO MARQUES DE RIO MAIOR Cavaleiros: PEDRO LOUCEIRO ALFREDO CONDE Espadas: JOAQUIM BARROCA JOSÉ FALCÃO FORCADOS AMADORES DE VILA FRANCA	DOMINGO — 6 AS 16 HORAS GRANDIOSA CORRIDA A PORTUGUESA 8 CORPULENTOS TOIROS de MANUEL VINHAS Cavaleiros: MANUEL CONDE D. JOSÉ DE ATAYDE MESTRE BATISTA JOSÉ CORTES 2 Grupos de Forcados em competição AMADORES DA ESTREMADURA e AMADORES DO MONTIJO	2.ª-FEIRA — 7 AS 16 HORAS 8 — TOIROS — 8 DA SOC. AGRÍCOLA RIO FRIO Cavaleiros: MANUEL CONDE ENG.º SAMUEL LUPI Espadas: FERNANDO SANTOS OSCAR ROSMANO Forcados: PROFISSIONAIS DE VILA FRANCA, DE JOSÉ DA VILA	3.ª-FEIRA — 8 NOCTURNA, AS 21.45 H. SENSACIONAL CORRIDA 4-Toiros—4, do Marquês de Rio Maior e 4 — Dr. José Manuel Andrade Cavaleiros: JOÃO NÚNCIO RIBEIRO TELES Espadas: JOSÉ JÚLIO ARMANDO SOARES FORCADOS AMADORES DE SANTAREM
--	---	--	--

TODOS OS DIAS DAS CORRIDAS, AS 10.30, EMOCIONANTES ESPERAS DE TOIROS

César Nascimento do F. Benfica é hoje homenageado



Jogador de boas qualidades técnicas, César do Nascimento iniciou a sua carreira no Sport F. Benfica permanecendo ali de 1944 a 1949, para depois se transferir para o Sporting Clube de Portugal onde alinhou na categoria de honra para ser uma vez campeão nacional.

Em 1952, César ingressou no Vitória de Setúbal, tendo passado ainda pelo Caldas e Alhandra até se fixar no Futebol Benfica, onde terminará a sua actividade, de 18 anos, após cerca de 400 jogos oficiais durante os quais nunca foi expulso nem sofreu qualquer castigo ou simples advertência.

O correcto e valoroso jogador é esta noite, homenageado no decorrer de um festival marcado para o campo «Francisco Lázaro».

O programa, com início às 20 e 45, constará de dois jogos de futebol: Palmense-Benfica e Sporting-Vitória de Setúbal.

Alterações às leis do futebol

Foram aprovadas, na ultima reunião da «International Board», realizada em Veneza, as seguintes alterações às leis do futebol sobre o equipamento dos jogadores e a marcação do pontapé-livre.

Os novos textos:
Lei IV, alínea b): «Os pitões devem ser sólidos e de cabedal, borracha, alumínio, plástico ou material similar. Com excepção do pitão formando a base, a qual não deve exceder a sola, mais de que um quarto de polegada (6,4 mm) os pitões deverão ser redondos e planos e não devem ter menos de meia polegada (12,7 mm).

Quando os pitões forem ponteados, o diâmetro mínimo de qualquer secção dos mesmos não deve ter menos de um quarto de polegada (6,4 mm).

Quando forem utilizados pitões, tipo roscado, as bases metálicas deverão ser metidas na sola devendo os respectivos espigões formar um todo com os pitões.

Com excepção destas placas, não é permitido o uso de chapas metálicas ainda que revestidas com cabedal ou borracha, nem pitões aparafusados com porca fixada por pregos ou por qualquer forma as solas das botas, nem pitões, que, desligados da base, tenham qualquer forma saliente com bordos, guarnições ou ornamentos.

Lei XIII, decisão n.º 3:
Esta decisão, que foi redigida de maneira a abranger também os jogadores atacantes passa a ler-se como segue:

«Se, ao executar-se um pontapé-livre, os jogadores gesticularem ou saltitarem com a intenção de distrair os adversários, tal comportamento deve considerar-se como conduta incorrecta, pelo que o infractor ou infractores devem ser advertidos».

OS CAMPEÕES
do Sporting
vão ser homenageados

O Sporting Clube de Portugal, promove amanhã, á noite, num restaurante da capital, um jantar de homenagem aos seus atletas que conquistaram títulos de campeonatos nacionais no decorrer do ano.

O «onze» do Distillery treina-se esta noite no Estádio da Luz

Encontram-se desde ontem, em Lisboa, os jogadores irlandeses do Distillery que, amanhã, defrontam o Benfica no jogo da 2.ª «mão» da primeira eliminatória da Taça dos Campeões Europeus.

A equipa visitante que traz os mesmos elementos que actuaram em Belfast, com excepção de Finney, treina-se, esta noite, no Estádio da Luz, sob as ordens de George Eastham.

Entretanto, o Benfica, de acordo com um programa cuidadosamente elaborado, proporcionou ontem aos dirigentes do Distillery uma visita ao Solar do Vinho do Porto e uma ceia, e, hoje, um passeio a Sintra, seguido de almoço e visitas ao Estádio Nacional e Parque de Monsanto.

Os jogadores irlandeses nas suas declarações confiadas aos jornalistas manifestaram o propósito de conseguirem um bom resultado em frente do Benfica, cuja categoria reconhecem e, também, a probabilidade de passar á fase seguinte do torneio.

O Sporting defronta o Málaga no dia 4

A direcção do Sporting assegurou a vinda da equipa de futebol do Málaga para a efectivação de um jogo na próxima sexta-feira, no Estádio «José Alvalade».

O encontro está englobado nos planos de preparação do grupo «leonino».

Os melhores marcadores do campeonato espanhol

MADRID, 1. — O extremo-esquerdo do Barcelona, Fuste, com quatro golos, está á frente da classificação dos melhores marcadores do campeonato de futebol da 1.ª Divisão.

Seguem-se, com três tentos, Guillot, do Valencia; Mercader, do Espanhol; e Puskas, do Real Madrid. Com dois golos, o paraguaio Achucarro, do Sevilla; Argoitia, do Atlético de Bilbao; Camarasa, do Levante; Dieguez, do Sevilla; Kuban.

Linha de SINTRA

Farmácias de serviço
AMADORA — Melo — P. D. João 1. lote 146 (Tel. 931551); Central — Av. Cardoso Lopes, 25 (Tel. 932210); Igreja — P. da Igreja, lote 2 (Tel. 930740).

QUELUZ — Correia — L. do Mercado, 3 (Tel. 950905); Zeller — R. da República, 83 (Tel. 950043).

SINTRA — Marrazes — Largo Rainha D. Amélia, 20 (T. 980155). S. PEDRO DE SINTRA — Valentim — (Tel. 980456).

BURACA — Vaz Martins — R. António Ferro, M. A. D. (Telefone 931690).

MEM MARTINS — Química — Estrada de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012).

COLARES — Colares — Abreja (Tel. 299088).

DAMAIA — Confiança — Estrada Militar lote D (Tel. 934023).

Cinemas

AMADORA — Recreios Desportivos — A's 15 e ás 21 e 15: «O repouso do guerreiro» (17 anos).

QUELUZ — Queluz-Cine — A's 15 e ás 21:15: «A valsa do galanteador» e «Sem dó nem piedade» (17 anos).

MEM MARTINS — Cine-Chaby — A's 21 e 30: «O destino de um bravo» (12 anos).

SINTRA — Carlos Manuel — A's 21 e 30: «O Oeste selvagem» (12 anos).

ERICEIRA — Cine-Teatro — A's 21 e 15: «Contrabando no Cairo» e «O corsário da rainha» (12 anos).

Feira anual de Ponte de Sor

PONTE DE SOR, 1. — Efectua-se, nos dias 4, 5 e 6 do corrente, a grande feira anual desta vila.



A selecção nacional no treino de ontem

JESUS CORREIA seleccionador nacional de hóquei em patins fala-nos da Taça Latina e da constituição da equipa portuguesa

António Jesus Correia, seleccionador nacional de hóquei em patins, anda atarefado com a preparação da equipa que, no próximo dia 9, parte por via aérea, para a Itália, a fim de disputar a Taça Latina.

Quem são os jogadores convocados para a deslocação? Era uma pergunta que desejávamos formular

ao antigo campionissimo. Para tanto o procurámos... e encontramos-o. A resposta á nossa curiosidade surgiu imediatamente, sem evasivas:

— Guarda-redes: Brito (Académico do Porto) e Vitor Domingos (Sintra); defesas: Reis (Sporting) e Nogueira (Benfica); médios: Urgeiro (Benfica) e Américo (Sporting); avançados: Livramento (Benfica), Leonel (C.U.F.), Nunes (Oeiras) e Abreu (Paço de Arcos).

— Afora os conhecidos Adriaão, Moreira, Bouços e Vaz Guedes — acrescentámos.

— Não. Esses não participam desta feita, da caravana.

— Motivos?

— Antes de apontar os motivos, quero esclarecer que todos eles foram convocados. Quanto aos motivos: os ultramarinos não seguem porque a comissão administrativa da Federação alegou que não tem disponibilidades suficientes para a viagem. Relativamente a Vaz Guedes sei através de um officio, que recebi do Clube Atlético de Campo de Ourique, que ele representa, que o excelente «capitão» da equipa das quinas tem, durante o período da prova — 10, 11 e 12 de Outubro — exames no Instituto Nacional de Educação Física (I.N.E.F.).

— Mas a ausência de tais unidades pode considerar-se como fundamental para o êxito da nossa representação — dissemos.

— Não há duvida. Todavia, se por um lado é como me disse, por outro lado, dá-me a oportunidade de lançar gente nova na «fogueira» das competições internacionais, o que, salvo erro, é de muito interesse para o hóquei nacional.

Acordámos com Jesus Correia, que nos afirmou serem os escolhidos para a viagem á Itália elementos de real capacidade técnica. «Evidentemente — sublinhou — a inexperiência natural de quem começa...».

— De resto á nossa equipa basta o terceiro lugar para conquistar o valioso troféu.

Jesus Correia, com o espírito desportivo sobejamente conhecido por todos os que se recordam dele como jogador de excepcional envergadura, rematou o diálogo travado com o jornalista com a seguinte elucidativa expressão:

— Uma selecção portuguesa, seja de que modalidade for, somente intervém numa competição para jogar o primeiro lugar. Desportivamente, todas as posições na tabela classificativa são honrosas. Mas — o primeiro lugar é o objectivo numero um do desportista que se preza. E nesse numero estão perfeitamente á vontade os hoquistas portugueses.

VAMOS PRATICAR BASQUETEBOL! MAS COMO? — EIS O PROBLEMA DO SPORTING DE TORRES

Fundado em 1929, o Sporting Clube de Torres dedica-se, há 34 anos, á prática do basquetebol, tendo alcançado quase todos os títulos de campeão nas provas organizadas pela Associação de Basquetebol de Torres Vedras, nas quais tomavam parte nunca menos de seis conjuntos.

Através de um despacho, de há uns anos atrás, do sr. director-geral dos Desportos, foi extinta a Associação de Torres Vedras, passando os clubes torrejanos a pertencerem á Associação de Lisboa. Esta resolução originou a desistência da prática da modalidade dos clubes locais, excepção feita ao Sporting que, com enormes sacrificios, passou, e sem qualquer subsídio para tal, a disputar as provas da associação lisboeta, tendo conquistado os campeonatos das 2.ª e 3.ª Divisões, pelo que a sua equipa de honra disputa, presentemente, a 1.ª Divisão Regional.

Mais tarde, a Educação Física, também com enorme sacrificio, dedicou-se á modalidade, formando também escolas de jogadores, onde tem marcado excelente presença. Em primeiras categorias conquistou já o título da 3.ª Divisão, disputando agora o «Regional» da 2.ª Divisão.

Langou este ano, uma vez mais, o Sporting de Torres uma grande campanha, nas camadas jovens, para a prática de tão salutar desporto. Encheu o seu esplêndido ringue, de miudos a atirar bolas ao cesto. Como resultado desse esforço, e em continuação do mesmo, inscreveu-se nos «Regionais» de infantis e juvenis. O Sporting de Torres, de resto, nunca faltou, embora obrigado a deslocar catorze vezes a Lisboa os seus atletas.

Resolve agora a Associação que o «Regional» da 1.ª Divisão seja disputado em Lisboa em recinto coberto, o que não sucede pela primeira vez, o Sporting de Torres nunca faltou, embora obrigado a deslocar catorze vezes a Lisboa os seus atletas.

Mas este ano resolveu, também, a Associação que os «Regionais» de juniores e infantis sejam disputados em campos neutros dentro de Lisboa e ao ar livre. (Agora já não há desculpa da chuva).

Como poderá o Sporting de Torres, com cerca de 300 associados, praticar a modalidade?

Como poderá haver em Torres Vedras interesse por uma modalidade, que não é praticada na terra?

Como poderão as camadas jovens ter interesse por uma modalidade cujos «ídolos» não são admirados?

Como pagarão os sócios as suas quotas não havendo competições para assistirem?

Como poderá haver tanta injustiça para com um clube que tanto tem trabalhado em prol do basquetebol?

Tem já, por vezes, a Federação facilitado e reconhecido o esforço feito pelo Sporting, mas nunca o fez a Associação de Lisboa, que vê no clube torrejano um filiado intruso.

Não! A Associação ou alguns dos seus dirigentes, que pouco ou nada têm feito pelo basquetebol, desconhecem que o Sporting de Torres não é filiado por esmola, mas por direito próprio, que lhe foi imposto pela Direcção-Geral dos Desportos.

Assim não! Assim não pode ser!... Que as entidades competentes ponham a mão na consciência e façam reconhecer que nem só Lisboa é Portugal e que não é por linhas tortas que se pode praticar desporto direito.

Fez o clube, que se sente lesado, uma exposição ao sr. director-geral dos Desportos, á Associação de Lisboa, e á Federação, expondo a sua situação e solicitando justiça para que não se veja obrigado a desistir de praticar o basquetebol, modalidade para a qual tantos e tantos esforços tem feito, superiores até ás suas possibilidades.

Para bem do basquetebol, e de um modo geral para bem do prestigio do próprio desporto, esperamos que continui a haver basquetebol no Sporting Clube de Torres mas que, desta vez, não seja só o clube a fazer aquilo que não lhe é possível.

VIDAL SEVERINO

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELECTRICOS

LET'S LEARN ENGLISH

Vocabulário da Lição n.º 14, Parte 4, que a Radiotelevisão Portuguesa transmite amanhã, dia 2, pelas 20 horas:

INGLÊS	PORTUGUÊS
food	— comida
put	— pôr
refrigerator	— frigorífico
get dinner	— arranjar o jantar
shop	— fazer compras
she's shopping	— ela está a fazer compras
the shopping	— as compras
she's doing the shopping	— ela está a fazer as compras
buy	— comprar
she buys food every week	— ela compra comida todas as semanas
supermarket	— supermercado
meal	— refeição
iron	— engomar
iron	— ferro
why?	— porquê?
because	— porque

LET'S LEARN ENGLISH

Volume I e II

à venda em todas as livrarias

Preço de cada volume: 47\$50

LIVRARIA BERTRAND

Dois rapazes vadios recuperados pela G. N. R. do Barreiro

Descalços e sujos, Rui Borda d'Água, de 15 anos, e Arlindo de Carvalho, o «Portos», de 13, vagueavam todos os dias pelas ruas do Barreiro, pedindo esmola. A comunidade barreirense já os via com

desconfiança, convencida de que estava em presença de dois casos de perigo moral sem remédio.

Pois ontem, ao fim da tarde, o futuro mostrou-se-lhes generoso, pela mão do comandante do destacamento da Guarda Nacional Republicana, no Barreiro. Foi nessa altura que um «jeep» daquela corporação, conduzido pelo referido oficial, e trazendo como «passageiros» os dois rapazes vadios, parou à porta de um estabelecimento comercial da Avenida Alfredo da Silva, para uma operação inesperada: o comandante militar do Barreiro, mandando-os entrar no estabelecimento, adquiriu para eles, meias, botas e fatos de ganga. E' que hoje, às 8 e 30, os dois rapazes vagabundos, que não deviam nenhum favor ao destino, passariam a fazer serviço nas instalações oficiais do destacamento da G. N. R., um como aprendiz de ferrador e o outro como aprendiz de mecânico — e não poderiam apresentar-se ali sem um aspecto de pessoas limpas. Adquiridas as peças do seu fardamento civil, lá foram eles, no «jeep», com o sr. tenente Crispim Gomes, para o quartel, onde se comprometeram a começar hoje a sua faina honrosa — início de uma vida de trabalho, em que nunca chegaram a pensar...

O saudoso padre Américo não pôde estar fisicamente neste acto, mas o seu espírito rondou-o, inspirando esta bela atitude, que abre o caminho a mais uma vitória moral sobre a decomposição de certas famílias sem eira nem beira.

O saudoso padre Américo não pôde estar fisicamente neste acto, mas o seu espírito rondou-o, inspirando esta bela atitude, que abre o caminho a mais uma vitória moral sobre a decomposição de certas famílias sem eira nem beira.



**PARIS
ROMA
LONDRES
GENÈVE**

apresentam
hoje
na

das Malhas

Rua do Carmo, 99

as últimas criações para

OUTONO E INVERNO

A montagem de automóveis que vai fazer-se em Portugal foi o tema da palestra no Rotary

Efectuou-se hoje, num dos hotéis da capital, a reunião semanal do Rotary Club de Lisboa, a que presidiu o sr. eng.º Sérgio Medeiros, secretariado pelo sr. dr. Carlos Estorninho.

Aberta a sessão e feita a tradicional saudação à bandeira nacional, o sr. dr. José Maria Cardoso, que dirigiu o protocolo, procedeu à apresentação dos convidados e dos rotários visitantes, tanto nacionais como estrangeiros.

Em seguida o sr. dr. Carlos Estorninho leu o expediente e anunciou que o «Instituto de Um Dia» dos clubes rotários do Sul se realiza no domingo, 27 do corrente mês, esperando a direcção a presença do maior número possível de elementos do clube de Lisboa.

Em determinada altura do almoço foi concedida a palavra ao rotário sr. Joseph Roda, director-gerente da Ford Lusitana, que proferiu uma palestra, sobre os «Progressos da Ford em Portugal».

O palestrante, que fez interessantes revelações sobre o estado actual e as perspectivas futuras da sua fábrica de montagem de automóveis em Portugal, começou por afirmar que em princípio de Novembro sairão os primeiros automóveis Ford montados no nosso País e que a sua produção normal será de 20 unidades por dia.

No Rotary Club de Almada

O Rotary Club de Almada pro-

moveu a sua reunião semanal, a qual presidiu o sr. prof. Ricardo José de Almeida Junior, secretariado pelo sr. Ventura Ribeiro Varanda. Além da quase totalidade dos seus membros estiveram ainda os rotários de Luanda srs. João Meira e Polibio Reis e eng. António Felix da Cruz, do Clube de Lisboa-Norte.

Depois de prestada homenagem à bandeira nacional e lido o expediente foi dada a palavra ao rotário daquele clube, sr. dr. Luís Alvaro Junior que leu a «Notícia da Semana», comentando-a. Seguidamente o sr. eng. Felix da Cruz proferiu uma palestra intitulada «Assiduidade em Rotary».

VIDA POLÍTICA

Ministro dos Negócios Estrangeiros

O sr. almirante George W. Anderson Junior, novo embaixador dos Estados Unidos em Lisboa, esteve no Palácio das Necessidades, a apresentar cumprimentos ao ministro dos Negócios Estrangeiros, sr. dr. Franco Nogueira, por quem foi recebido.

Ministro da Saúde

Regressou a Lisboa, tendo hoje retomado as suas actividades no gabinete, o titular da pasta da Saúde, sr. prof. Pedro Soares Martinez, que se deslocara a Estocolmo, à frente da delegação portuguesa aos trabalhos da reunião do Comité Regional para a Europa da Organização Mundial de Saúde.

Secretário-geral da Guiné

O secretário-geral da província da Guiné, sr. dr. James Pinto Bull, foi, esta manhã, recebido pelos subsecretários de Estado da Administração e do Fomento Ultramarinos, respectivamente, sr. prof. Silva Cunha e dr. Mário de Oliveira, aos quais apresentou cumprimentos de despedida, por seguir hoje para Bissau, a fim de assumir as suas funções.

Governador Civil de Lisboa

O presidente da Camara Municipal de Mafra, sr. Adriano da Silva Figueiredo, avistou-se, hoje, com o chefe do distrito, sr. dr. Osório Vaz, a fim de expor assuntos de interesse para aquele concelho.

Reunião de governadores civis

Chegaram a Lisboa, para tomar parte na reunião dos governadores civis do continente e ilhas, a efectuar depois de amanhã, no Ministério do Interior, os srs. dr. Machado Pires e eng.º Vasconcelos Raposo, governadores de Angra do Heroísmo e Ponta Delgada, respectivamente.

Paris recebeu Chevalier em delírio

PARIS, 1. — Paris acolheu ontem, à noite, em delírio, Maurice Chevalier, que, com 75 anos, depois de sete anos de ausência da cena parisiense, retomou contacto com o publico da capital, no Teatro dos Campos Elísios.

Mal apareceu no tablado, de «smoking» azul e «palhinhas» a cair sobre a orelha, rosado e sorridente, o criador de «Ma Pomme» foi saudado por uma trovada de aplausos, homenagem de uma plateia onde o conde e a condessa de Paris e vários ministros se acotovelavam com as vedetas do Mundo, das letras e das artes.

O célebre fantasista fez alternar os seus «gags», as suas anedotas e os seus números de mímica, com canções interpretadas tanto em francês como em inglês, com aquele sotaque que conquistou Nova York.

Não se esquecendo sequer do «twist», Maurice Chevalier manteve-se em cena durante uma hora e meia, e, no final de dez chamadas, avançou para o proscénio e, visivelmente comovido, sob uma chuva de flores, declarou: «proporcionaram-me a mais bela noite da minha vida». — (F. P.).



O horário do novo ano lectivo é sempre uma das preocupações do pri-

Principiaram hoje a nos liceus e nas escolas

- Nos liceus de Lisboa e Oeiras a frequência de 17 374 em 1962-63 passou para 18 700 em 1963-64.
- Para 1963-64 o ensino técnico de Lisboa e Almada tem 32 214 alunos contra 32 281 no ano anterior.

Com as ultimas reformas liceal e técnica, antecipou-se o começo das aulas para 1 de Outubro, e afinal parece que sem proveito, uma vez que a máquina do ensino secundário não esteja pronta a trabalhar efectivamente nesse dia. A manter-se esta data e restringindo-se cada vez mais a iniciativa dos reitores e directores, isto é, sem se aperfeiçoar, antecipar e simplificar a mecânica das nomeações de agentes eventuais, não vale a pena manter tal estado de coisas. O começo de aulas para a maior parte dos estabelecimentos de ensino pouco mais é que a continuação de férias.

Esta situação complica-se ainda, devido às frequências excederem a capacidade dos edificios e ainda à carência de professores.

Para os estabelecimentos de ensino abrirem com relativa coordenação é necessário colocar nos liceus e nas escolas os professores eventuais alguns dias antes do começo do ano escolar. Sómente assim se consegue dar uma linha de orientação a quem vai muitas vezes, pela primeira vez, leccionar. É necessário não esquecer que há estabelecimentos de ensino que requisitam mais de 100 agentes eventuais (Liceu de Oeiras: 105 provisórios para 15 efectivos).

Se os professores provisórios são colocados — a partir do início das aulas — a partir do início das aulas têm que começar a leccionar, na maior parte das vezes, sem quaisquer indicações didácticas pois os professores do quadro, delegados, directores de ciclo, de ano ou de curso, não podem ou não os deixam interromper as aulas para apresentar numa orientação em conjunto.

O milagre da multiplicação das salas — das salas e dos professores

Vai sendo vulgar um estabelecimento de ensino ter mais de 2000 alunos e ao serem inauguradas as novas instalações, especialmente construídas, conservar as instalações antigas, consideradas inadequadas.

Presentemente, esgotam os liceus e muitas escolas técnicas toda a sua capacidade, com o aproveitamento de todas as salas e instalações, improvisando salas pré-fabricadas (média de 60 000 escudos por pavilhão com 60 m², de dimensões interiores com 8,20 x 6,60 m, incluindo instalação eléctrica) ampliações de edificios e regime de desdobramento, quer no próprio edificio, quer em anexos alugados, alguns bem caros. A solução por meio de pré-fabricados iniciou-se o ensino liceal em 1959, com os pavilhões para os liceus de Faro, Coimbra, Porto, Bragança e Lisboa (Gil Vicente) num total de 25 pavilhões. Hoje existem muitos mais.

Há problemas cruciais a resolver no Porto com as Escolas Técnicas Infante D. Henrique, Oliveira Mar-

RELÓGIOS

De todas as marcas, máxima garantia, preços de concorrência
GRANDE OURIVSARIA DA MODA
RUA DA PRATA 257

6.ª feira «anda a roda»

LOTARIA ESPECIAL DO OUTONO

25.170 prémios

«taluda» 2.000 contos!



preocupações do primeiro dia de aulas

hoje as aulas escolas técnicas

freqüência
18 700

Lisboa e
32 281

visórios são
o início das
a leccionar,
vezes, sem
láticas pois
dro, delega-
de ano ou
não os del-
las para as-
o em con-

ultiplicação
alal e dos

n estabelec-
ais de 2000
guradas as
pecialmente
as instala-
adas inad-

am os liceus
s toda a sua
veitamento
talações, im-
é-fabricadas
dos por pa-
e dimensões
0 m, incluin-
ampliações
de desdobra-
rio edificio,
ados, alguns
por meio de
o ensino li-
vres, pavi-
ões, Coim-
bra (Gil Vi-
5 pavilhões,
mais,
s a resolu-
as Técnicas
Oliveira Mar-

ONO

ntos!

PORTUGAL

no centenário
do Rio de Janeiro

(Continuação da 1.ª página)

tória luso-brasileira. Foi, primeiro, Chianca de Garcia, que fez a observação a que se deu, depois, em «Nota do Dia», o relevo justificado pelas circunstâncias de possuir este jornal tradicionais responsabilidades no que respeita á amizade entre os dois países irmãos e de não haver, portanto, perigo de que os comentários inseridos nas nossas colunas pudessem ter outra interpretação do que a de chamar a tempo a atenção de quem de direito para a necessidade de corrigir um lapso que, por certo, não envolvia qualquer intenção desagradável.

Já o dr. Felner da Costa, director do Centro de Turismo de Portugal no Rio de Janeiro, em carta que publicámos no sábado, acentuava que o programa que a Imprensa brasileira revelara não passava de um primeiro esboço e que a participação de Portugal nas referidas comemorações não só não fora esquecida, como até estava prevista com amplitude condigna.

Mas a esta informação tranquilizadora, outra vem hoje juntar-se — e esta com a chancela particularmente autorizada do próprio governador do Estado que promoveu as comemorações. É um telegrama do dr. Carlos Lacerda dirigido ao director do «Diário de Lisboa», que diz o seguinte.

«Tomado de surpresa pelo comentário de Norberto Lopes sobre o programa do IV Centenário da Fundação do Rio de Janeiro, no qual estranha a vinda de gôndolas de Veneza, sem a participação de assuntos portugueses, venho informar que não existe qualquer programa oficial adoptado ainda, com gôndolas ou sem gôndolas. Pensei que a minha amizade por Portugal estivesse acima de qualquer intriga ou suspeita. Creio que me cabe o direito de estranhar essa prova de desconfiança injusta e baseada num facto inexistente. No programa das comemorações Portugal já está lembrado. Espero é que Portugal não se esqueça. Cordeais saudações, a) CARLOS LACERDA».

Não podemos deixar de nos regozijar com a informação do governador do Estado da Guanabara, que corresponde, aliás, ás suas tão frequentes como calorosas afirmações de amizade pelo nosso País. Mas não queremos, também, que fique de pé a mais pequena dúvida sobre o sentido dos comentários publicados no «Diário de Lisboa».

Baseando-se apenas num programa publicado na Imprensa carioca, o que se escreveu nas nossas colunas não teve a mais leve origem em intrigas, nem traduzia sequer uma suspeita que pudesse pôr em causa as intenções de Carlos Lacerda. Assinalava-se, apenas, aquilo que, perante a única fonte conhecida, parecia envolver realmente um lapso tão lamentável que o próprio estadista brasileiro entende dever esclarecer, em termos categóricos, dando a informação de que a participação portuguesa nas comemorações está pensada desde sempre, com a amplitude condigna, que tudo justifica. É uma atenção que não podemos deixar de agradecer e que, por certo, causará a maior satisfação a todos que amam o Brasil e a todos que desejam ver sempre irmanados nos mesmos sentimentos de estima e de compreensão os povos que constituem a comunidade luso-brasileira. Convém, no entanto, ter na devida conta, para que não sejam mais tarde as entidades oficiais brasileiras a queixar-se do nosso desinteresse, a última frase do telegrama de Carlos Lacerda:

«Espero é que Portugal não se esqueça».

Nós assim o esperamos também.

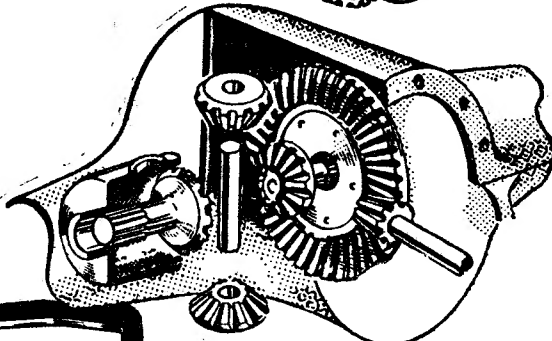
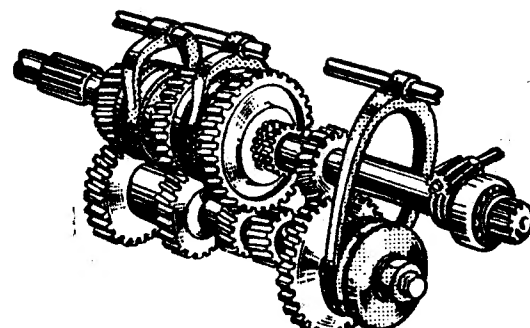
ANTÔNIO CABELEIREIRO

Ex-Empregado de Parady, participa às suas Ex.^{as}
Clientes que se encontra a colaborar no Cabeleireiro
ALVARO & IRENE, onde espera a visita de V. Ex.^{as}
RUA PRAIA DE PEDROUÇOS, 130, R/C. ESQ.
TELEFONE 613138

agora!

SACOR G-mo

lubrificante
especial
para
caixas
de
velocidades
e
diferenciais



UNTUOSIDADE
REFORÇADA COM
GRAFITE E
BISSULFURETO
DE MOLIBDÊNIO



lubrificantes
SACOR
SÉRIE molygrafite

CIDLA DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

VENDA DE TERRENOS EM CASCAIS

A Câmara Municipal de Cascais anuncia que, no dia 12 de Outubro próximo, pelas 15 horas, no edifício dos Paços do Concelho, procederá à venda, em hasta pública, de 8 lotes de terreno, situados no Bairro do Rosário, em Cascais, cujas áreas variam entre 378 m² e 520 m², pelo preço base de licitação de 250\$00 cada metro quadrado e 2 lotes de terreno situados na povoação de Birre, com as áreas de 988 m² e 1041 m², respectivamente, pelo preço base de licitação de 100\$00 o metro quadrado.

Estes lotes de terreno destinam-se à construção de moradias, e o valor dos mesmos poderá ser pago em prestações, sem acréscimo de juros.

Não se aceitam cheques. Cascais, 25 de Setembro de 1963. O Vice-Presidente da Câmara, em exercício,

D. António de Castelo Branco

Farmácias de serviço

ALGES — Combatentes — Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, 166 (Tel. 213955).

CAXIAS — Nova — Rua Bernardino Ribeiro, 1-A (Tel. 242839).

LISBOA

estará presente no Colóquio de Municípios em Angola

A representação de Lisboa ao Colóquio de Municípios, que amanhã se efectua em Luanda, parte amanhã, pelas 23 e 15, de avião para Angola. Chefia a delegação o sr. general França Borges, presidente do Município.

PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás — R. Costa Pinto, 186 (Tel. 2420034).

OEIRAS — Godinho — Rua Cândido dos Reis, 98 (Tel. 2430090).

PAREDE — Aisur — Bairro das Calças de Previdência lote A.

ESTORIL — Costa — Av. Sabota, 29-B (Monte Estoril) (Tel. 260085).

CASCAIS — Misericórdia — Rua do Regimento, 19 (Tel. 280141).

Cinemas

ALGES — Stadium — A's 21: «Feira das ilusões» e «Dia de furia» (17 anos).

OEIRAS — Oeiras-Cine — A's 21: «O testamento do médico e o monstro» e «Uma história de amor» (17 anos).

PAREDE — Royal-Cine — A's 21: «Garras de aço» e «Desafio ao perigo» (17 anos).

ESTORIL — Casino — A's 17 e 21 e 30: «Garotas! Garotas! Garotas!» (17 anos).

CASCAIS — S. José — A's 21 e 30: «Os ídolos de Viena» (12 anos).

O 59.º aniversário

da Sociedade Promotora de Educação Popular

No dia 5 de Outubro, em comemoração do 59.º aniversário da sua fundação, que coincide com a data da proclamação da República, a Sociedade Promotora de Educação Popular, efectua na sua sede, no Largo do Calvário e no Largo das Fontainhas, uma série de cerimónias.

O programa inclui uma merenda de confraternização oferecida aos alunos das suas escolas primárias, a meninas protegidas pelos jornais e ainda residentes em Alcantara; distribuição de vestuário a 36 meninas pobres, não só das suas escolas, como de famílias mais necessitadas do bairro.

A noite efectuar-se-á uma sessão solene comemorativa do aniversário, para a qual foram convidadas entidades oficiais.

(Continuação da 1.ª página)

medra uma mata liberta e soberana, adivinham-se as fontes de minério entre o M'Bridge e o Loge. Ambrizete representa nessa vastidão um oásis trabalhado com o esforço de uma população que luta contra todo o género de adversidade.

Dizia-nos um velho colono, o sr. Manuel Pires, de Nisa, que tudo dá esta terra, mas se tornou difícil colher os frutos por falta de mão-de-obra. Esse velho colono chegou ali com 16 anos. Tem 52 de Angola, que lhe curtiaram o rosto e a alma, mas não lhe fizeram esquecer a sua terra natal — Nisa. No entanto, a sua terra passou a ser, em verdade, a região de Ambrizete e a sua pele, onde há manchas brancas de antigos paludismos, está impregnada do cheiro adocicado do café e do coconote.

Esta tropa a que o sr. Manuel Pires se refere compreende, ao fim de algumas semanas de permanência nesses locais, o ponto de vista do colono e tenta levar a bom termo a sua política de recuperação psico-social indígena, ao mesmo tempo que se vão criando melhores condições de vida para brancos e negros.

Sabem todos que a segurança que se respira nas cidades e principais centros não poderá depender eternamente dos olhares vigilantes e atentos dos que garantem a tranquilidade e deverá penetrar a selva virgem, chegando aos morros e aos brejos onde se acolitam os que fugiram e, de vez em quando, atacam.

Enquanto isto, os velhos colonos, agora compreendidos e mais bem apoiados, prosseguem o trabalho a que dedicaram as suas vidas e procuram esquecer lutos das tragédias de há dois anos e dissabores de dramas longos que têm constituído a gesta dos bem intencionados, dos que lançaram a raiz funda da compreensão entre homens que podem não ter a mesma cor de

pele. Os que conhecem Angola de há muitos anos surpreendem agora um quadro muito significativo e digno no âmbito do convívio entre as populações branca e de cor.

Parece que o surto terrorista se transformou num mal que deu bens: nesse aspecto e na precipitação de um conjunto de medidas e realizações que estão na base de um nítido progresso e franco desenvolvimento nos sectores da actividade humana angolana, seja no campo das explorações agrícolas e comerciais, seja nas melhorias habitacionais públicas e comunicações, seja no fomento da fixação efectiva portuguesa.

A fita longa, coleante ou rectilínea, de um vermelho terroso, que define a estrada que segue muito perto da costa, de Santo António do Zaire, passando por Ambrizete, Ambriz e Caxito, consolida-se como veículo canalizador de gente e produtos. Os seus cruzamentos, que se infiltram no interior, menos seguros, têm vindo igualmente a sofrer as necessárias beneficiações, ligando fazendas e centros de produção. Para aí, no entanto, é mais problemático um transporte que não seja rodeado de precauções, pois abunda a selva e a vastidão.

«Mas os nossos camiões não deixarão de levar a Luanda o fruto do trabalho destes homens que se «enterraram no interior» — disse-nos um camionista do Bembe, o sr. Manuel Silva, vindo há 20 anos do Porto, e que já teve de haver-se com vários ataques terroristas. Acrescentou que «os terroristas, a mim, parece que me saíram à frente só para me assustarem. Carreguei no acelerador e escapei. Outros têm tido menos sorte, mas também, às vezes, são temerários de mais».

Depois fala-se da última vítima, há uma semana trucidada junto do seu camião, no Liena.

Estas histórias verídicas do que não deixa de suceder pelo Norte chegam já com um eco diluído ao coração do Cuanza-Norte, onde o terrorismo enfraqueceu de forma a não ter significado. Contribui, porém, como por quase toda a província angolana, para apressar um ritmo necessário de desenvolvimento. Salazar, sua capital, é uma cidadezinha agradável, ampla e com todas as características tropicais. O distrito é, actualmente, um dos mais progressivos, desempenhando um papel importante na vida económica de Angola. O esforço dos portugueses ali enraizados traduziu-se em exploração racional das Minas da Quitota e exportando muito mangarins, e de produtos locais, com especial relevo para um café de magnífica qualidade. É, ainda, importante a produção de sisal e frutos, para os lados do Dondo. Anualmente, saem dali 80 000 toneladas de café, 30 por cento do qual pertence à lavra indígena. Promovido o fomento de exploração agrícola, possui granjas ricas, sendo notáveis as que estão a cargo de cabo-verdianos.

A cidade de Salazar tem um comércio próspero e virou-se para os problemas sociais que a afligiam, solucionando-os igualmente no resto do distrito.

Neste momento, a população lamenta que vá ser substituído o seu actual governador distrital, pois a obra realizada e incentivada por ele seria garantia de uma necessária e aconselhável continuidade.

O sr. Silva Mateus, o mais velho colono do distrito (vive ali há 50 anos), de Torres Vedras, mas, talvez, mal, próximo por afecto e amor da sua actual terra, falou-nos do Cuanza-Norte como de um distrito que ele espera que «venha a ser um dos mais ricos de Angola, um autêntico paraíso para viver e trabalhar». E acrescentou: «Os meus filhos nasceram aqui e só aqui se sentem bem. Com os outros

dá-se o mesmo. Só é pena que o Santos Dinis não tenha também filhos, e muitos, pois, como é o maior proprietário, isso tornava possível que mais gente e mais terra fosse cultivada e povoada». A propósito, este desabafo veio confirmar a existência de um problema que é necessário encarar. Encontramo-lo, igualmente, em Malanje, a bela e ajardinada cidade, capital do algodão.

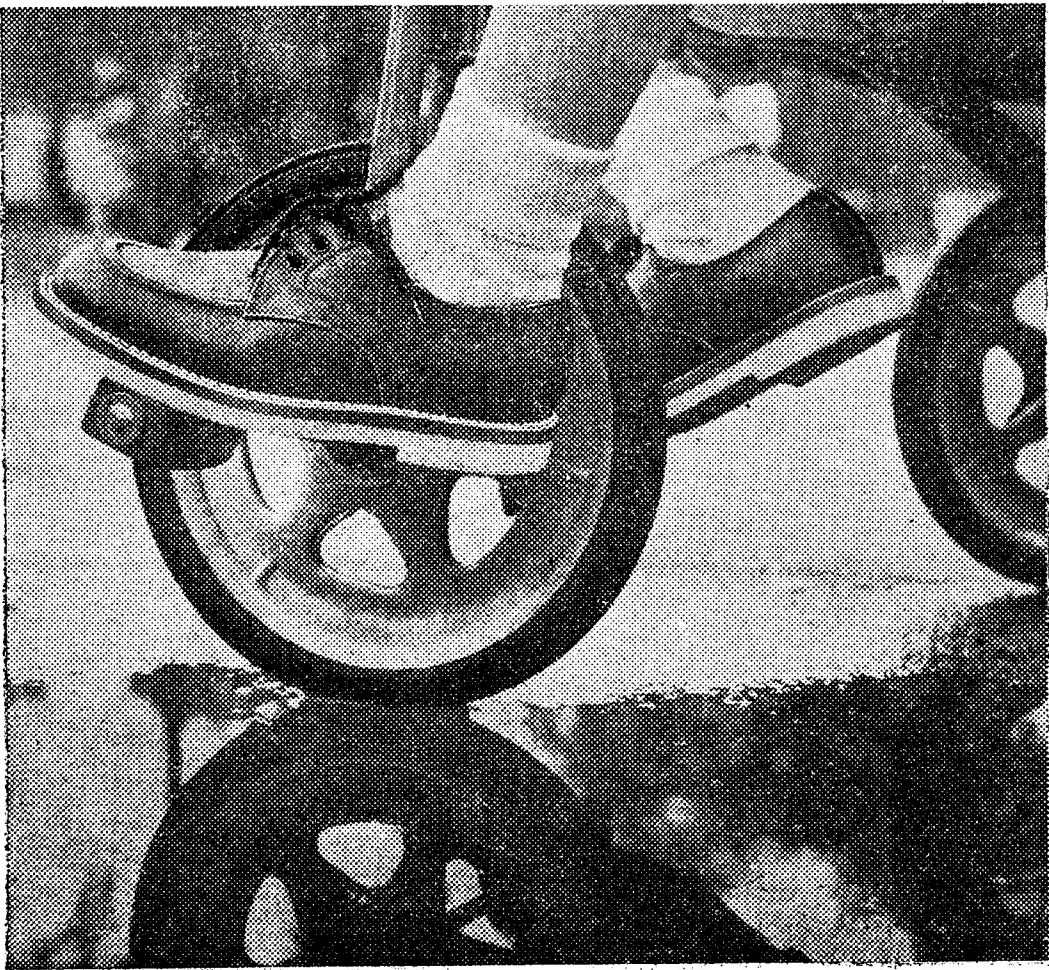
Reside tal problema, que parece ser genérico quanto à maioria dos grandes centros, na existência de vastíssimas áreas de terrenos irradiando das cidades — os melhores pela situação e condições de exploração. Essas vastas superfícies cultiváveis não estão aproveitadas a não ser em parte (a menor parte). Os colonos que chegam ou os angolanos que se tentem pela actividade agrícola têm que procurar áreas já distantes e não tão boas. Uns fazem-no, mas quase todos desistem. Ora, segundo opiniões abalizadas, uma das soluções apontadas para o problema poderia residir na divisão ou aproveitamento das zonas dessas extensões propriedades não cultivadas. Uma outra medida seria susceptível de bons resultados: a aplicação de impostos suplementares sobre terras não cultivadas — um sistema semelhante ao que foi posto em uso em Lourenço Marques quanto aos terrenos de construção de que aquela cidade estava cheia. Hoje, desapareceram essas parcelas para darem lugar a construções.

Aqui, desaparecia o capim e apanhava o milho, o algodão ou o sisal.

Malanje e o seu distrito podem ser mais do que já são, o empório do algodão. Este, já este ano — chegámos a Malanje precisamente no primeiro dia do funcionamento do novo sistema de mercados decretado por lei recente — está a ser transaccionado segundo processo mais equitativo e compensador para o nativo. Pela primeira vez na província, está em prática o mercado algodoeiro, com os seus principais entrepostos de compra na Quela, Marimba, Caombo e Cuale. O preço é estabelecido pelo Governo e fiscalizado pelos funcionários administrativos, tornando possível um melhor equilíbrio numa actividade que tantas dores de cabeça já causou e a tantos males deu origem. Esta medida que se espera ser aperfeiçoada está a agradar ao nativo, embora a data das compras do algodão não seja totalmente do seu interesse. O grande comprador continua a ser, no entanto, a «Cotonang», uma firma com interesses belgas.

Uma breve visita às impressionantes quedas do Duque de Bragança deu-nos o ensejo de verificar que é grande a diferença do nível de vida do nativo deste distrito (como o é também no Cuanza-Norte) com a do habitante do Uige e do Zaire. Aqui, o nativo veste-se já com um certo cuidado e nem todas as mulheres se embrulham nos «pintados». Usam saia e camiseta e habitam casas mais amplas e caídas na sua grande maioria. A população local indígena está em fase de evolução, um facto agradável de verificar. Mas, à noite, no largo fronteiro ao palácio do governador, a festa dos nativos em honra do ilustre visitante, fez-nos recuar um pouco no tempo. Os hábitos tradicionais impuseram o seu tributo. Ao som dolente da meloeira dos marimbais, gingavam mulheres de corpo coleante e olhar sensual, nas cadências de um ritmo suave, sugerindo seivas virgens em borbotões de vida ardente.

E. de C.



Os pésinhos trabalham muito, muito...

Os pésinhos das crianças têm um grande trabalho. Por isso precisam de muitos cuidados, precisam de Solas de Crepe de borracha natural — confortáveis, resistentes, conservam a sua flexibilidade não obstante o mais duro trabalho a que os pésinhos das crianças as submetem. Também são impermeáveis. Os pés em crescimento precisam de grandes cuidados — os pésinhos que crescem exigem Solas de Crepe de borracha natural.

CREPE SOLES

Publicado pela: Crepe Sole Rubber Association, Plantation House — 10-15 Mincing Lane, London EC3, England

AMPLIAÇÃO

da doca de Pedrouços

A Administração-Geral do Porto de Lisboa foi autorizada a celebrar contrato com uma empresa particular, para execução da empreitada de ampliação da doca de Pedrouços, pela importância de 16 815 834\$90, acrescida da quantia de 1 584 105\$10, destinada a ocorrer a eventuais aumentos das quantidades de trabalho previstas no projecto ou de encargos provenientes de possíveis alterações do mesmo projecto.

Em AGUEDA o «DIÁRIO DE LISBOA» encontra-se à venda na agência Raul Cande.

Policlínica do Intendente

AV. ALM. REIS, 27, 2.º — T. 45587

Dr. Abel Alves — Ouv., nariz e garganta

14 h

Dr. Anastácio Gonçalves — Doenc., olhos

18 h.

Dr. Armando Valle — Anál. clín. e vacinas

11 h.

Dr. Benard Guedes — Raios X, 16 h

Dr. Camara Leme — Boca e dentes, 9

às 20 h.

Dr. E de Miranda Rodrigues — Doenças

nev. mentais (2.º, 4.º e 6.º), 16 h.

Dr. Formigal Luzes — Ag. Físicos, 15 h.

Dr. Fernando Castro Amaro — Med. geral, 18 h.

Dr. João Marques Pinto — D. das crianças, 18 h.

Dr. Mário Rosa — Cl. méd. est. e intest., 15 h

Dr. Souto Soares — Cirurgia geral, ortopedia, operações, 14 h

Dr. Pedro da Cunha — Partos e doenças das senhoras (3.º, 5.º e sáb.), 15 h.

Dr. Tito de Noronha — Doenças da pele e sífilis (2.º, 4.º e 6.º), às 12 1/2.

Dr. Xaxier de Brito — Clínica Médica, 18 h.

Os ministros militares brasileiros denunciam as manobras de Lacerda e das minorias extremistas

RIO DE JANEIRO, 1 — O Governador Goulart reagiu ontem à noite, com energia, aos perigos provenientes da agitação sindical e dos interesses conservadores, de que o governador Lacerda se fez uma vez mais arauto no decorrer de uma entrevista concedida a um jornal americano.

Essa reacção assumiu a forma de uma nota conjunta dos ministros das três armas que denunciam não só as actividades de Lacerda como as «manobras das minorias extremistas, que agravam as dificuldades económicas e sociais do país».

Nessa nota os três ministros militares condenam as declarações de Carlos Lacerda e denunciam a acção do governador como a de um «mau cidadão no período difícil que o país atravessa».

«Por um lado», declara o comunicado — «há os que pregam a revolução e exasperam a luta de classes e por outro há os grupos que querem travar o desenvolvimento, conter a evolução social e retardar a emancipação económica do país».

«As Forças Armadas» — prossegue o comunicado — «previnem que serão inflexíveis na preservação da ordem».

Kruchchev e Cuba

NOVA YORK, 1 — Na sua secção «O Periscópio», a revista «Newsweek» afirma que a projectada visita de Kruchchev a Cuba se realizará em fins do mês corrente. — (F. P.).

Flores de conserva...

TÓQUIO, 1 — Um jardineiro de Pukuoka resolveu enlatar flores: a planta inteira, com as raízes e um torrão de terra fertilizada, é posta, deste modo, de conserva. O freguês só precisará de abrir o recipiente, como qualquer lata de sardinhas, e colocar o conteúdo numa jarra... Constituiu-se, imediatamente, uma sociedade para explorar a ideia, com o propósito de produzir umas 100 mil latas por ano, começando a experiência com petúlias. — (F. P.).

Moscovo mudou de tom em relação a Pequim

MOSCOVO, 1 — A mudança de tom verificada subitamente, ontem e hoje, nas mensagens e discursos publicados nesta capital e em Pequim, por motivo do 14.º aniversário da China Popular, desconcerta os observadores ocidentais que, de momento, não tiram conclusões quanto ao desenvolvimento ulterior da crise sino-soviética.

Após escassos dez dias da estrondosa arremetida dos dirigentes soviéticos contra os chineses, a mensagem que o partido e o Governo da U. R. S. S. enviaram ontem à noite aos chefes e ao povo chinês surpreende pela ausência total de qualquer alusão à crise e pelo empenho em evitar a mais pequena observação que possa parecer desagradável. Se se tratasse de atitude

AOS NOIVOS

TUDO PARA REVESTIMENTO E DECORAÇÃO DA SUA CASA

SOPAL

Rua Ivens, 58/64
Tel. 370166/7/8 — LISBOA

A China Popular comemora os seus 14 anos

unilateral da parte da U. R. S. S. seria lícito pensar-se que Moscovo explorava este aniversário com fins de propaganda. Mas verifica-se que as tréguas são de parte a parte e que tanto em Moscovo como em Pequim há o propósito de aproveitar este aniversário para travar o agravamento das relações entre os dois países.

Não é de supor, no entanto, que a crise sino-soviética deva, por isso, evoluir obrigatoriamente para uma solução. Era impensável que a U. R. S. S. se abstivesse de enviar a tradicional mensagem de parabéns à China Socialista, neste 1 de Outubro.

Os próprios termos da mensagem ficam, de resto, muito aquém dos usados no ano passado, em pleno período da «polémica velada», por Kruchchev, dirigindo-se ao camarada Mao Tsé-Tung. A mensagem deste ano foi despersonalizada e é dirigida por um directório a outro e por um povo a outro.

Mas é de notar que se tenta, nesta primeira oportunidade, sem risco de sofrer desaire, um gesto para apresentar de novo, quanto mais não seja às opiniões públicas recprocas, a expressão serena da antiga amizade sino-soviética. — (F. P.).

nistro do Trabalho e, possivelmente, do próprio presidente Goulart. Os problemas económicos que se apresentavam com uma acuidade quase dramática parece terem recebido ontem um princípio de solução.

Os problemas políticos, pelo contrário, mantêm-se na mesma. Salienta-se, com efeito, que a nota assinada pelos três ministros militares não visa apenas Lacerda; também o governador de São Paulo, Adhemar de Barros, é acusado de «insultar os poderes constituídos». — (F. P.).

DOIS SARGENTOS PEDIRAM ASILO POLITICO A BOLIVIA

RIO DE JANEIRO, 1 — O sargento da Armada brasileira José Medeiros Oliveira e o sargento aviador José Lauro Moreira, que participaram no fracassado movimento revolucionário de 12 do mês passado, em Brasília, refugiaram-se ontem na Embaixada da Bolívia. — (A. N. I.).

Rusk, Home e Gromyko discutiram o abrandamento da tensão internacional

NOVA YORK, 1 — Os ministros dos Negócios Estrangeiros norte-americano, britânico e russo conferenciaram, a noite passada, nesta cidade, depois do jantar, acerca dos meios de abrandar a tensão entre o Leste e o Oeste. Foi a segunda conferência dos três estadistas, nos últimos três dias.

Thant, o secretário-geral da O. N. U., foi o anfitrião dos ministros, e observadores interpretaram a sua iniciativa como uma diligência destinada a estabelecer o ambiente favorável a um novo estudo, pelos três países, das possibilidades de melhorar as relações entre o Leste e o Ocidente.

Dean Rusk, que foi o primeiro a chegar à sede da O. N. U., disse aos jornalistas que a conferência oferecia a oportunidade de discussão de muitos problemas. Ao ser-lhe perguntado se seria discutida a questão do estacionamento de observadores em ambos os lados da Cortina de Ferro, como medida de precaução contra ataques de surpresa, Rusk respondeu que essa questão poderia fazer parte dos assuntos a considerar.

André Gromyko e «lord» Home chegaram à O. N. U. quase ao mesmo tempo. Os dois estadistas pareciam bem dispostos, conversando e

Comemoram-se os 27 anos do general Franco no Poder

MADRID, 1 — Comemora-se hoje o 27.º aniversário da proclamação do general Franco como chefe do Estado espanhol.

Lembra a imprensa, nos editoriais, que a «Espanha vive o mais longo período de paz da sua História» e que, «sob a orientação do vencedor da guerra», o país atravessa um «era de estabilidade e de continuidade». — (F. P.).

EXPLODIU OUTRA BOMBA EM MADRID

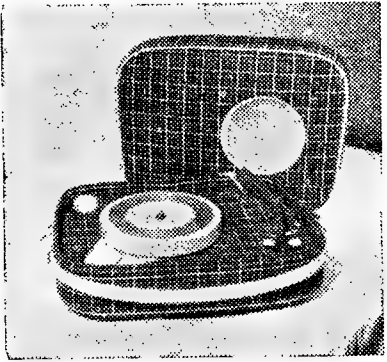
MADRID, 1 — Ontem, à noite, estourou outro engenho, numa rua de um elegante bairro residencial desta cidade. Colocado no passeio, ignora-se quem poderia ser o destinatário.

Consta que nas averiguações relacionadas com os doze atentados do mesmo género, registados em Madrid, desde o passado dia 21, a Polícia teria descoberto uma célula comunista e uma rede de traficantes de automóveis. — (F. P.).

gracejando. Gromyko disse aos jornalistas que se tentava conseguir um acordo.

«Lord» Home juntou-se a Gromyko, segundos depois, quando os jornalistas rodeavam ainda o ministro russo, perguntando-lhe: «O que diz a meu respeito?». Recusou-se, porém, a responder a perguntas acerca dos assuntos que poderiam ser discutidos depois do jantar, limitando-se a declarar: «Estou cheio de fome». — (R.).

GIRA-DISCOS



4 Velocidades, desde	390\$00
Automáticos, desde	850\$00
Electrofonos, de pilhas e corrente, desde	1.150\$00
Gravadores de som, desde ...	1.900\$00

CASA J. GONÇALVES
AGENTE OFICIAL
WESTINGHOUSE
O melhor frigorífico americano
RUA ANTÓNIO ENES, 14
(ao Saldanha)
Tel. 43576

A NIGÉRIA É CONTRA A EXCLUSÃO DE PORTUGAL DA O. N. U.

NOVA YORK, 1 — A exclusão de Portugal e da África do Sul da O. N. U. não serviria os interesses da África nem os das Nações Unidas — declarou, ontem, à tarde, Jaja Wachucku (da Nigéria), no decorrer da sua intervenção na Assembleia Geral. Wachucku sugeriu que a África do Sul se transforme numa federação, «onde seria atribuída à população branca uma reserva territorial proporcional ao seu número», e pediu, finalmente, que os dois lugares reservados pelo «gentlemen Agreement» de 1946 à Europa Ocidental e à Europa Oriental no Conselho de Segurança sejam atribuídos agora à África.

Kazma Kisselev (de Bielorrússia) reclamou a retirada das tropas norte-americanas do Vietnã, e o fim de qualquer auxílio ao Governo Diem, bem como «a possibilidade do povo vietnamiano escolher o seu destino».

Pierre Ngendandumwe (do Burundi) salientou que os investimentos nos países pobres não deviam depender da sua responsabilidade. — (F. P.).

O F. C. PORTO seguiu para Espanha

PORTO, 1 — Seguiu hoje de avião para Espanha a equipa do Futebol Clube do Porto que ali defrontará o Atlético de Madrid num jogo nocturno a contar para a 1.ª mão da Taça das Cidades com Feira.

Novo comandante militar de Macau

Foi nomeado comandante militar de Macau o tenente-coronel de Infantaria sr. Carlos Armando da Mota Cerveira, que desempenhava o cargo de comandante do Corpo da Polícia de Segurança Pública da mesma província.

Acto de desespero no rio Tejo

Esta manhã, na viagem do caci-lheiro «Renovação», de Lisboa para a Outra Banda, caiu ao rio Cecilia do Céu Ribeiro Esteves, filha do sr. Arménio Ribeiro Esteves e de D. Castorina Ribeiro Esteves, e de Castorina Ribeiro Visconde de Juromenha, 22, 2.ª dt.º.

Dado o alarme, acorreram algumas embarcações, tendo a naufraga sido recolhida pela lancha «Maria Ettrudes», e conduzida para a Polícia Marítima onde prestou declarações sobre os motivos que a levaram àquele acto de desespero.

Doença súbita e mortal

A sr.ª Olímpia dos Santos Dinis, de 42 anos, residente na Rua D. Rodrigo da Cunha, adoeceu momentos depois de ter saído de casa. Conduzida ao Hospital de S. José, chegou ali já morta, pelo que o cadáver deu entrada no Instituto de Medicina Legal.

Quem perdeu?

Relação dos achados ontem em Lisboa e entregues na P. S. P. (Governo Civil): uma carteira com «travelers-cheques»; um porta-moedas com determinada quantia; um par de óculos; um lenço e uma fita; um porta-moedas com determinada quantia; uma nota do Banco de Portugal; uma carteira com fotografias; outra carteira com bilhete de identidade de Joaquim Francisco Vicente; uma factura da Caixa de Previdência dos Trabalhadores do Porto de Lisboa pertencente a Adelino Pires; um tampão para depósito de gasolina; um boné; o bilhete de identidade de Edite da Conceição Damaso e Abreu; uma bomba de bicicleta; e diversas argolas com chaves.

NECROLOGIA

FALECIMENTOS

D. Adelaide Sofia Gerales Lobo

Faleceu a sr.ª D. Adelaide Sofia Gerales Lobo de Avila de Castro, viúva, natural de Santa Leocádia (Baía). Era irmã da sr.ª D. Maria Antónia Gerales Lobo de Avila e dos srs. Francisco Gerales Lobo de Avila e José Duarte Gerales Lobo de Avila.

O funeral efectua-se amanhã, às 9 e 15, da igreja de São Mamede, para jazigo de família no cemitério de Santarém.

Os serviços funebres estão a cargo da Agência Magno.

Augusto dos Santos Amado Bonifácio

Faleceu o sr. Augusto dos Santos Amado Bonifácio, de 64 anos, comerciante, natural de Alenquer.

O funeral, a cargo da Agência Magno, realiza-se amanhã, às 11 horas, da Avenida de Sintra, 11-A, em Cascais, para o cemitério da Guia.

Eugénio Carlos Garcia

Na sua residência, na Rua de Entreampas, n.º 42, 2.ª dt.º, faleceu o sr. dr. Eugénio Carlos Garcia, de 74 anos, advogado e capitão de infantaria, reformado, antigo professor dos Pupilos do Exército e do Instituto de Odontologia, que também desempenhou o cargo de director do Montepio Geral. Era natural dos Açores (Horta) e casado com a sr.ª D. Elvira das Neves Garcia.

O funeral saiu da morada acima para o talhão dos Combatentes da Grande Guerra, no cemitério do Alto de São João, a cargo da Funerária Lisboense.

José Manuel da Rocha

VIANA DO CASTELO, 1 — Na sua residência, na freguesia da Meadela faleceu com a idade de 78 anos, o sr. José Manuel da Rocha, industrial de tanoaria, casado com a sr.ª D. Maria Martins Pimenta.

Era pai do sr. José Manuel Rocha Junior, industrial e comerciante em Alcácer do Sal, sogro da sr.ª D. Judite Rodrigues de Sousa Rocha e avô de José Alexandre de Sousa Rocha.

O seu funeral efectuou-se para o cemitério paroquial de Meadela.

SUFRAGIOS

D. Maria da Conceição Mello de Abreu Theriaga

Mandada celebrar por sua família, reza-se amanhã, às 11 e 30, na igreja de Nossa Senhora de Fátima, missa pelo eterno descanso de D. Maria da Conceição Mello de Abreu Theriaga.

ESPECIAL PARA A LEITORA

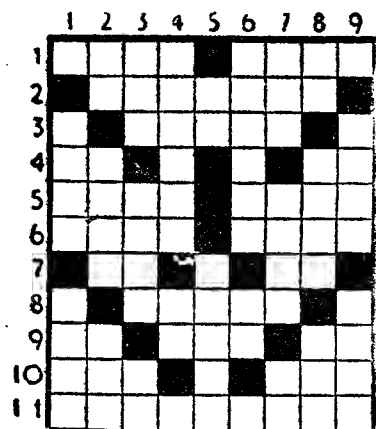
PESCADORA DE QUALIDADE — A esposa do antigo presidente do Conselho francês Michel Debré revelou-se uma extraordinária pescadora. Na localidade de Prefailles, onde passou o Verão, era frequentemente vista de calças e blusa brancas, quase sempre descalça, a pescar durante longas horas. E quase sempre com resultados surpreendentes.

ALIMENTOS ENLATADOS — Os cientistas norte-americanos que se dedicam à dietética chegaram à conclusão de que a maior parte dos alimentos enlatados não perde a vitamina C que contém durante a produção.

A MULHER IDEAL — Segundo um inquérito recentemente realizado em França, a «mulher ideal» será aquela que reunir os mais belos atractivos de Rita Hayworth, Elizabeth Taylor, Gina Lollobrigida, Martine Carol e Marlene Dietrich. Mas, quem indica os atractivos mais característicos de cada uma delas?

Palavras cruzadas

(COM PROVERBIO)
Problema n.º 3166



HORIZONTAIS: 1 — Porto de entrada do Mar Vermelho. Símbolo. 2 — Erqueira. 3 — Cidade de Espanha. Artigo definido. 4 — Interjeição. O mais. 5 — Planta medicinal da Índia. Existência. 6 — Nome de dois heróis gregos da guerra de Troia. Jario (planta). 7 — Preposição. Tempo do verbo ser. Letra grega. 8 — Desejo ardente. Artigo definido. 9 — Artigo definido. Prendo. Cinquenta e cinco em romano. 10 — Oferecer. Claramente. 11 — Adormecer profundamente.

VERTICAIS: 1 — Verniz da China negro ou vermelho. Porto interior. 2 — Preposição. Actualmente. Preposição. 3 — Pronome pessoal. A folhagem das plantas Batráquio. 4 — Escritor francês autor de «Golo» e da «Bela Infância de Thierry Seneuses». Em a. 5 — Li. Verão. 6 — Devastava. Satélite de Júpiter. 7 — Cólera. Apr. Doutor. 8 — Utensílio doméstico. Pai de Cam. Barreia. 9 — Grande cão de fila. Vila e sede de concelho do distrito de Aveiro.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

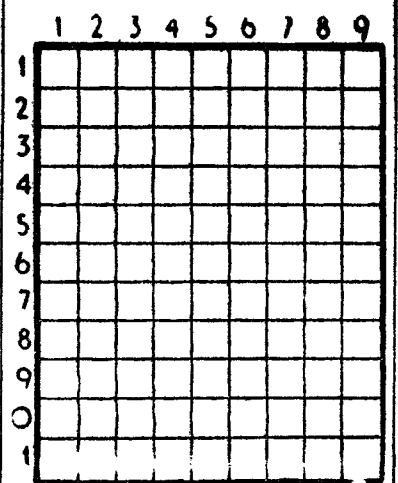
Solução do problema n.º 3165
HORIZONTAIS: 1 — Eco. Erres. 2 — Caso. Ni. 3 — Avanço. 4 — Má. Ou. Daí. 5 — Custear. 6 — Cá. Al. Ao. 7 — Pi. Muu. 8 — Aprazar. 9 — QUEM. Nave. 10 — Una. Ro. 11 — Evró. Oso.

VERTICAIS: 1 — Eram. Craque. 2 — Vaca. Puni. 3 — Oca. Prear. 4 — Anos. Iam. 5 — ESCUTA. Rs. 6 — Roa. Elmano. 7 — DE. Urato. 8 — Ensaiar. Vás. 9 — SI. OUVÉ.
(Provérbio: QUEM ESCUTA DE SI OUVÉ).

(NOVA MODALIDADE)
Problema n.º 7011

HORIZONTAIS: 1 — Cidade de Portugal. Oferece. 2 — Larvas das teridas dos animais. Tombar. 3 — Governador de cidade em Narsinga, na Índia. Empunhei. 4 — Símbolo químico do rado. Termo. Deus dos pastores. 5 — Sujos. 6 — Colocar. Colorido. 7 — Vila e concelho do distrito de Leiria. 8 — Escarnece. Atilho. Artigo definido (ant.). 9 — Pedra de altar. Passada. 10 — Pompa. Caminharem. 11 — Viração. Iguala.

VERTICAIS: 1 — Navio mercante de três mastros. Cidade de Portugal. 2 — A Irlanda. Bordejar. 3 — Seguiam Rio de França. O mais. 4 — Reis. Título de aforamento. Nesse lugar. 5 — Herói nacional espanhol conquistador de Valência. Lírio. 6 — Antes de Cristo. Ave nocturna. Prefixo de negação. 7 — Em partes iguais. Ecoa. Cólera. 8 — Determinar. Político inglês que esteve recentemente no Algarve. 9 — Cantigas. Reclama.



Solução do problema n.º 7010

HORIZONTAIS: 1 — Alma. Lago. 2 — Remir. Lar. 3 — Caires. Sa. 4 — Ar. Agar. 5 — Pousara. 6 — Dó. II. 7 — Criança. 8 — Siga. Ba. 9 — LI. Sondat. 10 — Moor. Seize. 11 — Asa. Sais.

VERTICAIS: 1 — Arção. Clama. 2 — Lear. Dr. Ios. 3 — MMI. Pois. Rã. 4 — Airão. Ais. 5 — Reguengos. 6 — Sãs. Canes. 7 — Al. Raia. Dia. 8 — Gás. Ri. Bati. 9 — Orava. Raras.

LIVROS DE ESTUDO

Novos e usados, vende, troca, compra a Académica de D. Felipa, Livraria do Bairro Social, entre o Liceu D. Felipa e a Estatística. Vende economicamente todos os artigos de papelaria. Brindes aos compradores. Tel. 770661.

O duro ofício de espião

Foi submetido ao Congresso dos Estados Unidos um projecto de lei que prevê a concessão de pensões de reforma para os agentes de espionagem.

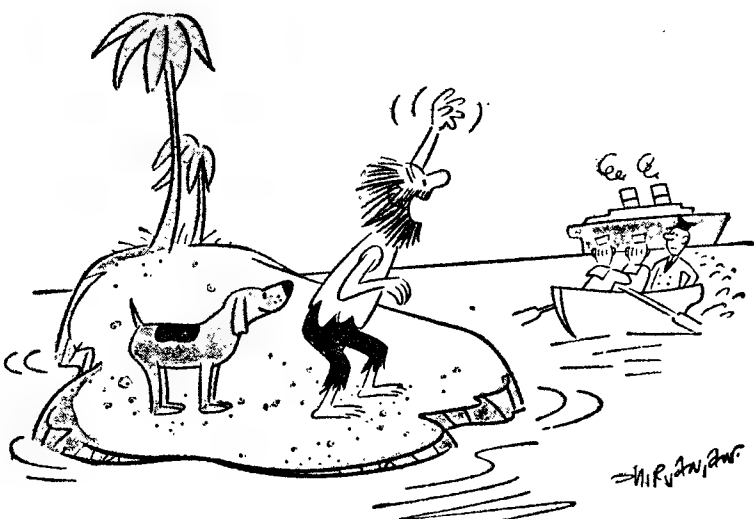
Os espões norte-americanos são os mais bem pagos do Mundo, mas teme-se que a falta de serviço, quando já não estão na idade de exercer as suas perigosas tarefas, os leve a fazer espionagem para os dois lados...

Razão absurda

Uma pessoa que visitava um hospital de Londres observou a um dos doentes:

— Parece que foi o gosto pela bebida que o trouxe para aqui, não é verdade?

— O sr. é maluco — respondeu indignado o enfermo. Aqui não há nada que se beba!



— AO!... AO!... AO!...

A VIÚVA DE CHAPLIN...

O grande artista Charles Chaplin recusou-se a ficar com um retrato de sua mulher pintado por

Bossard, sob o pretexto de que o pintor a representara vestida de negro dos pés à cabeça.

— É que ela ainda não está viúva, percebeu? — comentou Charlot.

Pelikan

para o Colégio



Para o princípio das aulas recomendam-se os artigos Pelikan para escrita, pintura e desenho. Há dezenas de anos, sempre melhorados e aperfeiçoados de colaboração com pedagógicos, os produtos Pelikan correspondem exactamente às necessidades do Colégio. Consulte p. f. a sua Papelaria. Estará sempre ao seu inteiro dispôr para esclarecimentos.

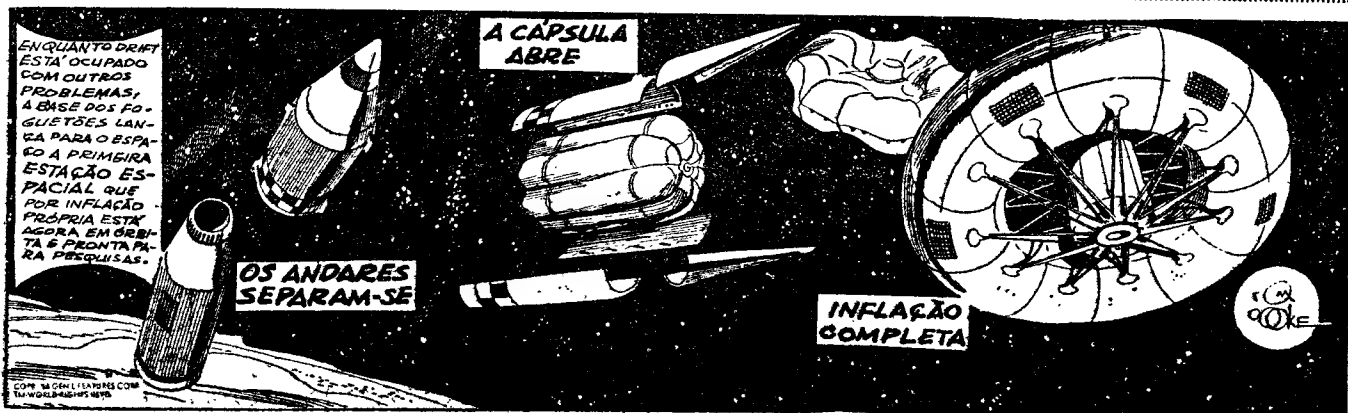
Günther Wagner Hannover Pelikan-Werke

MARLO

O HOMEM DO ESPAÇO

Por PHIL EVANS e TOM COOKE
sob a orientação científica
do dr. J. M. LEVITT

613



O caso da noiva desaparecida

por PHILIP KETCHUM



FOLHETIM SEMANAL DO
Diário de Lisboa

7

RESUMO DOS CAPÍTULOS ANTERIORES —
A noiva desaparecida é rica. Chama-se Carol Huntigdon. É bonita. Mas a sua criada, Helga Sturm, é quem foi encontrada morta em Central Park — com a garganta aberta. As circunstâncias misteriosas do caso, aumentadas pelo desaparecimento de Carol, uma hora após o seu casamento com Eric Sunley, levam o detective Roberts a ir pedir o auxílio de Jevan McCabe.

CAPÍTULO II

Havia quatro pessoas sentadas na sala de estar, de frente para Jevan McCabe e o detective Roberts. O tutor de Carol, John Lambert, estava visivelmente transtornado. Eric Sunley parecia zangado. A sr.^a Quinn, amedrontada. O seu filho Fred Quinn, cabisbaixo. Todos tinham os nervos electrizados. McCabe apercebeu-se disso imediatamente.

— Compreendo muito bem — disse o detective Roberts — que os senhores não queiram a publicação oficial do desaparecimento da rapariga, pelo menos enquanto houver uma esperança de ela voltar de moto próprio.

John Lambert acenou a cabeça.
— Eu digo que ela volta. Não compreendo a razão da sua fuga. É claro que se ela corresse perigo...

A cabeça de Sunley endireitou-se.
— Que quer dizer com isso? — gritou. Havia uma luz de desespero no seu olhar e os músculos faciais saltitavam com tiques nervosos.

— Não me refiro a nada de concreto — replicou Lambert. — Veja se se domina, Eric. Verá que Carol está bem.

8

O advogado passou a mão pelos cabelos, e continuou:

— Carol Huntigdon sempre foi uma rapariga muito estranha. É sensível e excitase facilmente. Tem poucas amizades. Já por duas vezes desapareceu assim. A meu ver, a excitação do casamento transtornou-a, mas verão que dentro de algumas horas ou dias, ela aparecerá por aí.

— Você previa este desaparecimento? — perguntou McCabe virando-se para Sunley.

Sunley humedeceu os lábios.

— Como poderia prever tal coisa? — Falava em voz baixa mas bem controlada. — Amava-a e ela sabia-o. Teria feito tudo quanto ela de mim exigisse. Ter-me-ia mesmo ido embora, se ela o quisesse.

— E a nenhum dos presentes passou pela cabeça que ela pudesse fugir?

A sr.^a Quinn abanou a cabeça.

— Conheço a Carol melhor que ninguém. Nunca vi rapariga mais radiante com o seu casamento. E agora... ela desapareceu.

Calou-se ao pronunciar a ultima frase. Puxou do lenço e assoou-se com força. Era uma mulher bastante grande, quase gorda.

— Minha mãe tem razão — disse Fred Quinn.

— Carol não tinha motivos para fugir.

O olhar de McCabe voltou-se para o jovem que acabava de falar. Fred Quinn aparentava os seus 20 anos. O seu queixo denotava falta de vontade.

— Carol entrou de posse da fortuna há coisa de dois dias — declarou Lambert. — Eu quis fazer-lhe entrega de tudo, mas ela recusou. Disse-me que esperaria até estar casada e que o marido se ocuparia dos seus assuntos. Apesar disso, insisti. Por fim, a seu pedido, fiz uma doação dos seus bens a favor de Eric Sunley.

— E ela assinou essa transferência?

Lambert acenou a cabeça.

— Menciono isto apenas para lhe demonstrar a confiança que ela depositava em Eric Sunley.

— Eu não queria tal coisa, mas ela insistiu que eu me encarregasse de tudo — murmurou Sunley. — Mas para quê falar nisso? O que eu

9

quero é que Carol volte. Quero lá saber da fortuna!

McCabe perguntou a si próprio se seria de facto assim.

— Não desejo que se faça publicidade á volta do caso — disse Lambert. — Quando Carol voltar...

— Não poderá evitá-la — retrucou Roberts. — Carol Huntigdon é demasiado importante na vida social. O seu casamento veio em todos os jornais.

Jevan McCabe aproximou-se da cadeira da sr.^a Quinn.

— Poderei ver o quarto de Carol? — perguntou.

— Naturalmente que sim — disse a governanta, levantando-se.

O quarto ficava no segundo andar. Era espaçoso e não ficava longe da escada de serviço que levava ao andar inferior. McCabe reparou nessas escadas, ao entrar no quarto.

— Carol ocupava este quarto, desde os seus tempos de menina — explicou a sr.^a Quinn. — Não queria outro.

McCabe acenou a cabeça. Estava mobilado com simplicidade; uma cama, algumas cadeiras e uma secretária. As paredes eram pintadas a azul muito claro e as cortinas eram brancas.

— Depois da criada ter saído — disse a governanta — ela podia ter descido pelas escadas de serviço, e saído pelo jardim.

McCabe foi até á janela. Para lá de um talhão arrelvado, via-se o portão de ferro forjado, aberto no muro de pedra que circundava a casa. Ergueu a janela de guilhotina, mas não conseguiu firmar a vidraça e só então reparou que lhe faltavam as correias. Notou também em mais qualquer coisa. Pequenas manchas escuras e arredondadas, que poderiam ser de sangue, no peitoril da janela.

— A senhora possui algum retrato de Carol?

A governanta disse que sim e saiu para o ir buscar. Quando a viu desaparecer, McCabe puxou do canivete e raspou um pouco de tinta do peitoril da janela. Depois disso, vagueou um

10

pouco em torno do quarto, observando coisa aqui coisa ali.

A sr.^a Quinn voltou com a fotografia da rapariga desaparecida. Mostrava um rosto moreno e sério. A testa era alta, o nariz pequeno e direito, o queixo bem modelado. Os olhos tinham uma expressão clara e directa.

Roberts, Lambert e Eric Sunley entraram nesse momento no quarto. Sunley agarrou no braço de McCabe.

— Julga realmente que será capaz de a encontrar?

— Farei o que puder — prometeu McCabe. — Suponho que o senhor tenha telefonado a todas as relações da sua mulher.

— Sim — atalhou Lambert. — Eu fazia tentões de partir amanhã para as Bermudas, mas quando demos que Carol desaparecera, cancelei a passagem e ficarei aqui até a encontrarmos.

McCabe guardou o retrato da rapariga no bolso. Notou então a ligadura que envolvia o dedo d' s.^a Quinn.

— Cortou-se? — perguntou.

A governanta não pareceu surpreendida.

— Sim, estava a afiar um lápis e a faca es-corregou-me da mão.

— Reunimos a criadagem lá em baixo — informou Roberts. — Você quer falar-lhes?

McCabe acenou a cabeça e virou-se para a porta.

Durante uma hora, McCabe esteve a interrogar os criados. Depois, voltou a falar com Sunley, Lambert, Fred Quinn e sua mãe. Aparentemente, as suas perguntas eram vagas. Chegou mesmo ao ponto de perguntar quais os pratos preferidos de Carol, os livros que mais apreciava e a que horas costumava levantar-se pela manhã. Fez o mesmo género de perguntas a respeito de Helga Sturm.

Já fazia escuro quando os dois homens saíram. Durante a viagem, McCabe virou-se bruscamente para o amigo.

— Volte para trás e tome pela rua que corre pelas traseiras da casa. Quero ver para onde dá aquele portão.

11

O detective Roberts torceu imediatamente o volante.

— Dá para uma travessa — disse a McCabe. — Quase todas as entregas são feitas por um carreiro que sai do portão da frente, mas vai dar ás traseiras. Não me parece que o portão da parte de trás seja alguma vez usado. Além disso, está fechado á chave.

Travou o carro numa rua lateral e os dois homens fizeram a pé o resto do percurso.

— O portão fica um pouco mais acima — murmurou Roberts.

McCabe parou. A sua mão segurou o braço do detective.

— Veja! — sussurrou.

Um vulto saíra do muro, atravessara a travessa e desaparecera.

— Quem quer que fosse, saiu pelo portão — murmurou McCabe — Vamos ver se descobrimos para onde foi ele.

Apressaram o passo e quando se acercaram do local onde o vulto desaparecera, deram com a sebe baixinha que marginava a propriedade que ficava em frente.

Para lá da sebe, havia uma larga extensão de campo arrelvado e a sombra de uma casa. McCabe julgou ter discernido um movimento furtivo junto á casa, e logo a seguir uma porta abriu-se e fechou-se.

Virou-se então para o companheiro.

— Alguém acaba de entrar naquela casa, pela porta das traseiras. Vai tu pela porta da frente e toca a campainha. Faz todo o barulho que possas. Eu irei até á porta das traseiras e verei quem sai. Se entrares, finge que te propões passar revista á casa.

Roberts acenou a cabeça. Apressou-se a contornar a esquina da casa, enquanto McCabe se aproximava da porta. Só então viu que estava apenas encostada. Inclinou-se para a frente, de ouvido á escuta. Uma campainha retiniu bruscamente, seguida de pancadas vibradas com força na porta. E logo depois, elevou-se um grito agudo, de pavor mortal.

(Continua)

CASCAIS



Augusto dos Santos
Amado Bonifácio

FALECEU

Ana dos Santos Amado, Mário Santos Amado, sua mulher e filhos; José Bento Amado e sua mulher; Lidia dos Santos Amado e seu marido e filhos e mais família, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu querido marido, pai, sogro, avô e parente e que o funeral se realiza amanhã, ás 11 horas, da Avenida de Sintra, 11-A, em Cascais, para o cemitério da Guia.

AGENCIA MAGNO (Tel. 734187)



D. Maria da Conceição Mello
de Abreu Theriága

AGRADECIMENTO E MISSA DO 30.º DIA

José de Abreu Theriága, sua mulher e filhos; Isaura de Abreu Theriága e mais família, vêm, por este meio, agradecer penhoradamente a todas as pessoas que se dignaram testemunhar-lhes o seu pesar aquando do falecimento de sua muito querida mãe, sogra, avó, e parente, especialmente áquelas a quem o não fizeram directamente por ignorarem as suas moradas, ao mesmo tempo que participam que amanhã, quarta-feira, dia 2, ás 11,30 horas, na Igreja de N.^a S.^a de Fátima, será celebrada missa pelo seu eterno descanso, agradecendo também desde já a todos quantos se dignarem associar-se a tão piedoso acto.

P. N. A. M.

AGENCIA MAGNO



Adelaide Sofia Gerales
Lobo de Ávila de Castro

Confortada com os Sacramentos da Santa Madre Igreja

FALECEU

Francisco Gerales Lobo de Ávila, sua mulher e filha, Maria Antónia Gerales Lobo de Ávila, José Duarte Gerales Lobo de Ávila, sua mulher e filhos e mais família, cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus servido chamar á Sua Divina Presença, sua muito querida irmã, cunhada, tia e parente e que o funeral se realiza amanhã, ás 9,15 horas, saindo da Igreja de S. Mamede, para jazigo de família, no cemitério de Santarém.

P. N. A. M.

AGENCIA MAGNO—Telf. 734167

CONVOCATÓRIA

Adelino Augusto Ferreira, Presidente da Mesa da Casa de Repouso dos Motoristas Portugueses, convoca esta Assembleia a reunir em sessão ordinária, para cumprimento da b) do N.^o 1.^o do art.^o 59 do Estatuto, no dia 15 de Outubro de 1963, pelas 21 horas, com a seguinte

ORDEM DOS TRABALHOS

Discutir e votar o Orçamento Ordinário para o ano de 1964

Caso em 1.^a convocação não estejam presentes a maioria dos associados, reunirá em 2.^a convocação uma hora depois com qualquer numero de presenças.

Esta reunião terá lugar no salão da Associação dos Inquilinos Lisbonenses, cedido obsequiosamente, na Av. Almirante Reis, N.^o 12, em Lisboa.

Lisboa, 30 de Setembro de 1963.

O PRESIDENTE DA MESA

Adelino Augusto Ferreira

FOLHA DE FLANDRES

SEMPRE A PREÇOS MUITO ACESSÍVEIS

CICC, LDA, - RUA D. JOÃO V, 7-1,

LISBOA - TELÉF. 68.41.31/2/3

A reabertura das aulas

(Continuação da página central)

pulação de uma escola técnica elementar. O curso de Formação Feminina tem de ir ocupar as modernas escolas primárias do Cedro — localizadas a uns dois quilómetros. Está em projecto a construção, como solução de emergência, de seis pavilhões pré-fabricados nos pátios da escola a céu aberto, o que não se considera recomendável.

A Escola Comercial Oliveira Martins, com cerca de 2800 alunos, não os pode alojar no inadequado casarão-sede, à Rua do Sol. Terá de distribuir os alunos do ensino nocturno pelas Escolas Técnicas Gomes Teixeira, Ramalhão Ortigão e ainda por um edifício da Rua das Taipas.

A Escola Industrial Infante D. Henrique, cuja frequência deve atingir este ano cerca de 4000 alunos, distribui alunos por uma secção na Escola de Artes Decorativas Soares dos Reis. A escola industrial prevista na área da cidade, a de Ferreira Borges, não foi criada por falta de edifício capaz. A Escola Industrial Aurélio de Sousa é obrigada a desdobramento da sua população escolar.

Em Lisboa 18 700 alunos do ensino liceal estão distribuídos (incluindo o de Oeiras) por nove liceus. Em 1965-66, se se mantiver o ritmo de progresso, teremos a média de 2166 por liceu de Lisboa e de 2864 alunos por liceu do Porto. Só excepcionalmente deveria um liceu ultrapassar os 800 alunos, não devendo nunca exceder 1200.

O ensino técnico aumenta a uma média de 15 por cento (últimos dez anos) e tem este ano, na área de Lisboa (incluindo Almada e sem incluir Sintra) 32 214 alunos distribuídos por 21 escolas. Faltam, pelo menos, nove liceus em Lisboa e umas sete escolas técnicas nas Avenidas Novas, Xabregas, Costa do Castelo, Alcantara-Belém, Alvalade, etc. Não há escolas técnicas e liceus em Loures (incluindo uma escola técnica no Plano de Fomento) com 102 124 habitantes. Cascais, com 59 617 habitantes, Seixal, com 20 476 habitantes, Moita, com 29 710 habitantes. Não há liceus em Almada, 70 968 habitantes. Barcelos, 35 088 habitantes. Vila Franca de Xira, 40 594 habitantes. Montijo, 30 217 habitantes. Não há escolas técnicas em Oeiras, 94 255 habitantes. Se construíssemos já nove liceus em Lisboa estes ficariam com 1083 alunos por estabelecimento de ensino.

No Porto não há escolas técnicas e liceus na Maia, 53 613 habitantes. Valongo, 33 300 habitantes. Não há liceus em Matosinhos, 91 017 habitantes. Gondomar, 84 599 habitantes. Vila Nova de Gaia, 157 257 habitantes. Espinho, 23 084 habitantes.

● Poupar em farinha para gastar em farelo

O mal é geral e tende a agravar-se de ano para ano. Não se pode parar. A obra realizada precisa de continuar a um ritmo intenso para alcançar os fins desejados.

Constrói-se mais, trabalha-se mais, mas o esforço rende menos, pois a proporção dos efectivos e necessidades aumentaram muito mais e as técnicas de trabalho e organização não se aperfeiçoaram.

Até ao fim do corrente ano de 1963 ficarão concluídas e em condições de ser entregues ao Ministério da Educação Nacional treze edifícios escolares, cujo valor total, incluindo mobiliário e equipamento, é da ordem dos 165 000 contos. São eles as escolas técnicas de Famalicão, Agueda, Montijo, Caldas da Rainha, Vila Real de Santo António, Moura, Pombal, Estremoz, Sintra, Viana do Castelo, Matosinhos, Viseu e o Liceu Feminino Rainha Santa Isabel, do Porto, que substituirá o actual liceu instalado na Rua do Heroísmo. O novo liceu foi possível ser localizado junto do antigo pela aquisição de parte do edifício alugado e dos amplos terrenos anexos que faziam parte da mesma propriedade. A entrada do novo edifício passará, no entanto, a fazer-se pela Rua António Carneiro.

Entregues para funcionamento no ano passado, estão para ser inauguradas em Lisboa, em cerimónia presidida pelo Chefe do Estado, as Escolas Industriais Marquês de

Pombal, Ferreira Borges e Manuel da Maia.

Com a escola técnica de Viseu é a 63.ª construída ao abrigo dos Planos de Fomento. É de facto um esforço magnífico mas que há cerca de dois anos tem todo o aspecto de diminuir, o que se observa pelas poucas obras postas a concurso.

As soluções adoptadas, de pré-fabricados, aluguer de edifícios, secções ou escolas dispondo de sete edifícios não trazem qualquer vantagem material e pedagógica. Pelo contrário, é poupar em farinha para gastar em farelos. O mesmo, noutro aspecto, sucede com o pessoal docente.

● Magistério: passagem para o i ferno

Uma soma de situações estranhas radicou no espírito das massas o curso de professor do ensino secundário como uma carreira sem futuro, só próprio de ricos, nirvanicos, abulicos, inúteis ou falhados... ou, então, de pobres, seduzidos pela aparência de menor duração do ensino superior. Na melhor das hipóteses, como afirma o dr. Manuel Gonçalves Pires, na revista «Labor», a inframediania como termo de uma Via Sacra do Lutar, em que os melhores saíram.

Em 1917 os agregados do ensino secundário ganhavam nas férias, com o decreto de 1934 (n.º 24 043), passaram a situação de eventual, com o não pagamento das férias grandes. No entanto o referido decreto declarava «que havia muitos diplomados sem colocação». Passou entretanto despercebido que a necessidade de técnicos começava a levar a concessão de regalias especiais em certas profissões, o que se traduzia numa nova hierarquia profissional, em manifesta disparidade com a extensão e o valor dos cursos académicos que preparavam as diversas profissões. Um caso concreto: um director de serviços (Ultramar) ganha 9 500\$00, um professor do ensino liceal e técnico 5 500\$00, um engenheiro de minas 18 000\$00 e um agente técnico de engenharia 12 000\$00.

A necessidade de técnicos levou as referidas disparidades de retribuição mas contudo não é menor a disparidade de professores. No entanto, no liceu havia 1000 professores eventuais, quando no 2.º grupo havia, em 1950, 58 professores efectivos (homens), e em 1961 36 apenas, sendo em Novembro de 1962 de 54 o número actual de vagas masculinas. Há escolas técnicas criadas em 1959 com mais de 2000 alunos e sómente com um professor no quadro.

Descem os números referentes aos candidatos ao estágio do liceu (não pagos mas com facilidades para a admissão) e do ensino técnico (estágios remunerados). O dispêndio de 600 contos anuais que actualmente se está fazendo para aliamento de professores liceais — 600 contos absolutamente infrutíferos («Labor», Março de 1963).

Já no IV Congresso da União Nacional, 1956, o dr. Simão Portugal propunha soluções materiais, absolutamente razoáveis, para evitar as disparidades de remuneração praticadas para com os professores. Estão publicados estudos, artigos, esclarecimentos objectivos.

O futuro está em jogo. É necessário restituir ao professor o lugar que ele deve ocupar na Nação. A igualdade de títulos e valor dele está em perda de velocidade em relação a outros grupos sociais. É necessário refazer hierarquias.

● As frequências de Lisboa

O Liceu de Oeiras, com novos pavilhões, e ainda com a secção de Algés aglomerará 3300 alunos. Desistiu-se, por impraticável, da solução do Estoril. Aguarda-se, levará três anos e era necessário começar já, a construção do novo liceu em S. João do Estoril, atrás da estação dando para a Avenida João Gaspar. O terreno foi oferecido pela Câmara. O Liceu Maria Amália tem 2400 alunos; Gil Vicente, 1415; D. João de Castro, 1300; D. Filipa de Lencastre e secção, 2203; Pedro Nunes e secção da Rua da Bela Vista, 4 Lapa, 1380; Camões e secção, 2800; D. Leonor e secção da Junqueira, 2500; e Passos Manuel, 1404.

No ensino técnico a Escola Comercial Ferreira Borges tem 2300 alunos, incluindo as secções da Rua da Creche e da Junqueira; a Escola

Industrial Afonso Domingues, 2105, incluindo a secção nocturna na Escola Técnica Nuno Gonçalves; a Escola Técnica Nuno Gonçalves, 1060; a Escola Técnica Manuel da Maia, 652; a Escola Técnica Eugénio dos Santos 1112; a Escola Técnica Francisco de Arruda, 842; a Escola Industrial Machado de Castro, 1505; a Escola Técnica Marquesa de Alorna, 1280; a Escola Técnica Paula Vicente, 721; a Escola Industrial e Comercial Emídio Navarro, Almada, 2550; a Escola Técnica D. António da Costa, Almada, 1381, incluindo a secção na Escola Industrial Emídio Navarro; a Escola Técnica Pedro de Santarém, 650; a Escola Industrial Marquês de Pombal, 2220; a Escola Comercial Patrício Prazeres, 2900, incluindo a secção na Costa do Castelo; a Escola Comercial Veiga Beirão, 2513, incluindo a secção da Costa do Castelo (que em Janeiro de 1964 se integrará na Escola Comercial Patrício Prazeres); a Escola Comercial D. Maria I, 2450, incluindo as secções do Liceu de Passos Manuel e da Escola Industrial Josefa de Óbidos; a Escola Industrial Fonseca Benevides incluindo a secção da Rua dos Lusíadas, 1611; a Escola Industrial Josefa de Óbidos, 1107; a Escola Industrial Dona Luísa de Gusmão, 1438; a Escola de Artes Decorativas António Arroio, 900 e a Escola Comercial do Ateneu Comercial, 670.

O ensino liceal, na área descrita, regista este ano 18 700 contra 17 374 do ano passado. O ensino técnico 32 214 alunos contra 32 281 no ano anterior. A estabilização da frequência lisboeta do ensino técnico deve-se em parte ao funcionamento da Escola Técnica de Sintra (com 2300 alunos) que, no sexo feminino, atingiu sobretudo a Escola do Ateneu Comercial (perto da Estação do Rossio). Em Lisboa pressente-se, no entanto, uma estabilização da frequência embora, no ensino técnico, o aumento anual seja de 15 por cento. O maior aumento de frequência regista-se nos cursos industriais.

Em Lisboa todos os liceus e escolas técnicas têm no corrente ano escolar os mesmos dirigentes, reitores e directores, à excepção da Escola Industrial Josefa de Óbidos, cuja directora, professora D. Maria das Dores Malveiro Monteiro Santos, pediu a exoneração e regressou ao seu quadro na Escola Técnica Marquesa de Alorna. A Escola Industrial Josefa de Óbidos, como noticiámos, tem como actual directora, a dr.ª D. Justina de Carvalho.

ASSISTENTES PARA A FACULDADE DE CIÊNCIAS

Na secretaria da Faculdade de Ciências de Lisboa recebem-se, até 15 de Outubro, declarações de candidatura para o lugar de 2.º assistente, além do quadro, dos seguintes grupos: 1.º e 2.º grupo da Secção de Ciências Matemáticas, Física, Química, Mineralogia e Geologia, Botânica, Zoologia e Desenho. Os candidatos devem possuir as respectivas licenciaturas ou um curso superior que inclua as disciplinas do grupo a que concorrem.

O começo das aulas na Escola Comercial Ferreira Borges

Na Escola Comercial Ferreira Borges o período de aulas, propriamente dito, começa depois de amanhã, para os alunos que frequentam a sede. Para os que têm aulas na secção da Rua da Creche as aulas começam a 4 de Outubro. E para os que vão frequentar a secção da Junqueira, a 7 de Outubro.

POLICLÍNICA DE CAMPO D'OURIQUE

RUA FRANCISCO METRASS, 24, 1.º-D.
TELEF. 66 99 64

Doenças das crianças	Dr. A. Ferreira Gomes
Doenças das senhoras — Partos	Dr. Eduardo de Albuquerque
Clinica cirúrgica	Dr. Eduardo Amaral
Clinica medica	Dr. E. Oliveira Machado
Doenças dos olhos	Dr. José Coelho Puga
Doenças dos ouvidos, nariz e garganta	Dr. Lúcio do Amaral
Ortopedia e cirurgia das crianças	Dr. Maria Albertina do Carmo
Doenças reumáticas	Dr. Maria Isabel Barata
Raios X	Dr. Coelho Lopes
Análises clinicas	Dr. Eugénio Lito
Agentes físicos	Dr. F. Formigal Luzes

A CONSTRUÇÃO E REPARAÇÃO DAS ESCOLAS PRIMÁRIAS EM 1962

Utilizando uma forma já tradicional, que revela o desejo de informar publico e técnicos, acerca das actividades das Obras Públicas, o respectivo Ministério mantém um sistema de esclarecimento que representa uma lição de energia e de desejo de bem servir a Nação. Não há serviço no Ministério de Obras Públicas onde não se revele a eficácia dos métodos seguidos e onde não se possam obter documentos esclarecedores das nossas possibilidades de progresso e dos nossos recursos de toda a ordem, desde o de ordem técnica à capacidade financeira. E isto sem omitir e mascarar os insucessos e as imperfeições.

Com a maior naturalidade se obtém os elementos necessários sobre a construção de escolas primárias, escolas técnicas, liceus e edifícios universitários. Há mesmo serviços que nas salas de espera, utilizando a silhueta de Portugal, nos informam graficamente do andamento das construções escolares, das que estão projectadas, etc. É de facto um processo de trabalho que outros Ministérios deveriam seguir. Anote-se ainda a louável iniciativa do Ministério das Finanças, com as suas agências de informação fiscal, num esforço para esclarecer o publico.

Estas observações vêm a propósito do habitual relatório das actividades do Ministério das Obras Públicas que nos elucida que foram concluídas, em 1962, 954 novas salas de aula e 16 cantinas para 98 salas de aula e ficaram no ano em construção 1332 salas e 22 cantinas primárias. Atingiu-se na execução do Plano dos Centenários e do novo Plano o total de 4336 salas e de 179 cantinas para 954 salas. E o relatório informa ainda: A reduzida percentagem de cerca de 10 % das salas servidas por cantinas evidencia a necessidade de aumentar o ritmo da construção destas ultimas, o que tem de depender do concurso das iniciativas dos beneméritos particulares e das Camaras Municipais para a sua manutenção. A reparação de escolas, segundo normas agora estabelecidas, permitiu a recuperação de 87 edifícios, com um total de 102 salas de aula.

Assim se informa o País, se esclarecem os interessados. Todos ficam em condições iguais para apreciação, confiantes, tomando-se consciência das facilidades e dificuldades encontradas no sector das Obras Públicas. Só há a ganhar com tais processos de trabalho.

Cerca de 2 mil alunos começaram os exames de segunda época na Faculdade de Letras

Na Faculdade de Letras de Lisboa começaram, esta manhã, as provas escritas dos exames da época de Outubro, ao qual concorrem este ano cerca de dois mil alunos, distribuídos por 96 disciplinas de 7 cursos, ali ministrados.

As provas, que se prolongam até ao dia 11, serão feitas de manhã e de tarde, respectivamente, das 10 às 12 e das 15 às 17 horas.

A data do começo das provas orais será oportunamente determinada pelos júris de cada uma das disciplinas.

Na próxima segunda-feira, às 19 horas, começam as provas escritas de licenciatura, relativas aos programas do curso antigo.

Novo assistente

O eng. José Joaquim Delgado Domingos foi contratado para segundo-assistente, além do quadro, do Instituto Superior Técnico.

Comandos da P. S. P.

O sr. major Armando Manuel Cardoso Aires de Abreu foi exonerado do cargo de comandante-geral do Corpo da P.S.P. de Moçambique, por ter sido designado para outra comissão de serviço.

Os srs. major Francisco de Sousa Serrão e capitão Fernando Artur de Oliveira Baptista da Silva foram reconduzidos nos cargos de comandante-geral e adjunto do Corpo da P.S.P. de Angola.

CAIXA DE PREVIDENCIA DOS TÉCNICOS E OPERÁRIOS METALÚRGICOS E METALOMECÂNICOS

Sede:
Rua de Santa Marta, 32—LISBOA-2
Delegação:
Rua de Santo Ildefonso, 245—PORTO

AVISO

ABONO DE FAMÍLIA E ASSISTÊNCIA MÉDICA

PROVA ANUAL

De harmonia com o disposto no § 3.º do artigo 16.º do Decreto-Lei 33 512, de 29-1-944, os beneficiários devem, anualmente, fazer prova de que subsiste o direito ao abono de família e assistência médica em relação aos seus familiares, pelos quais hajam requerido tais regalias.

Assim, a Caixa está a proceder ao envio de impressos de modelo próprio que, depois de preenchidos e assinados pelo Presidente da Junta de Freguesia da área da residência do beneficiário, deverão ser devolvidos até ao dia 25 de Outubro do corrente ano.

Os beneficiários que estejam nas condições mencionadas, e não sejam recebedores dos referidos impressos, deverão requisitá-los à Caixa, ou à empresa onde prestam serviço com a maior brevidade possível, a fim de se evitem desnecessárias suspensões no pagamento dos abonos.

ENSINO PRIMÁRIO

Por determinação do Decreto-Lei n.º 38 969, de 27-10-952, alterado pelos Decretos-Lei n.ºs 40 964 e 42 994, respectivamente de 21-12-956 e de 28-5-960, os beneficiários de abono de família devido por menores, sujeitos à obrigação de frequentarem o ensino primário, isto é, por terem idade igual ou superior a 7 e inferior a 13 anos, em 31 de Dezembro do ano em curso, deverão entregar, nesta Instituição, até ao dia 25 de Outubro de cada ano, e conforme os casos, os seguintes documentos:

- a) Certificado de matrícula de cada descendente que se encontre matriculado em qualquer classe daquele ensino; ou
- b) Certificado de dispensa de matrícula nos casos previstos na lei; ou
- c) Documento comprovativo da aprovação no exame da 4.ª classe (no caso de não ter sido entregue anteriormente).

A falta de entrega, ou entrega fora do prazo, dos documentos referidos implicará a suspensão dos abonos devidos pelos descendentes em idade escolar e a perda do direito ao abono de família até ao mês inclusive, em que for efectuada a prova exigida.

ENSINO SECUNDÁRIO, MÉDIO E SUPERIOR

Em conformidade com alterações legais, impostas pelo Decreto-Lei n.º 43 184, de 23 de Setembro de 1960, o limite de idade dos 14 anos, para atribuição de abono de família, foi ampliado para os 18, 21 e 24 anos, desde que os descendentes estejam matriculados num curso secundário, médio ou superior e dispensado o requisito de bom aproveitamento escolar.

Nestes termos, o direito ao abono de família, relativamente a descendentes estudantes, fica unicamente dependente, dentro dos respectivos limites de idade, da apresentação até 31 de Dezembro, de cada ano, por parte dos beneficiários, de documento comprovativo da matrícula escolar e da frequência até final do ano lectivo anterior.

DESCENDENTES INCAPAZES

No caso dos beneficiários estarem a usufruir do direito ao abono de família e assistência médica, em relação a descendentes que sofram de incapacidade permanente e total para o trabalho, deverá ser apresentada um atestado comprovativo de que se mantém a situação de invalidez, passado por médico da Federação de Caixas de Previdência «Serviços Médico-Sociais».

A DIRECÇÃO

Boletim do dia

HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 1 de Outubro de 1933 publicava:

«Desde Agosto que Cuba está na ordem do dia das questões internacionais. As convulsões das ultimas semanas fizeram convergir sobre a pequena Republica das Antilhas as atenções do Mundo. O ambiente da excitação em que se vive ali não é, porém, ao contrário do que geralmente ali se supõe devido apenas a trágica acção do ditador Machado. A origem dos acontecimentos é mais remota. É que sendo Cuba, por direito próprio, um Estado independente, os Estados Unidos não a deixam dar em falso o mais pequeno passo. O início da má vontade contra o general Machado deve-se mesmo ao facto de ele ter sido considerado pessoa de «boas graças» do Governo de Washington».

RADIO

EMISSORA — Programa «A» — 451 m — 655 kc/s — A's 18: Noticiário; 18 e 10: Musica de dança; 18 e 45: A verdade é só uma (Rádio Moscovo não fala verdade); 19: Opereta; 19 e 20: Conto radiofónico, pelo dr. Paulo Pombo; 19 e 50: O acordeonista Aimable; 20: A Orquestra Philippe Parés; 20 e 15: Jornal sonoro; 20 e 35: O povo canta e dança; 21: Noticiário — Comentarário — Crónica de Angola; 21 e 40: Variedades: «Nova Onda»; 22 e 25: Coro Etnográfico da Covilhã; 22 e 45: 2.ª emissão de jornal sonoro; 23: A verdade é só uma (Rádio Moscovo não fala verdade); 23 e 10: Musica de dança; 23 e 45: Noticiário; 24: Encerramento.

Programa «B» — 397 m — 755 kc/s — A's 18: Canções de Debussy, pelo barítono Fisher-Dieskau; «Três Baladas de François Villon» (Debussy); 18 e 15: Obras de Brahms: «Quarteto n.º 2, op. 51, n.º 2, em lá menor», pela Orquestra Hollywood; 18 e 50: Noticiário regional; 19: «A Ópera do Século XX — Epilogo de 3 Séculos de Ópera»; 19 e 50: Solos em violão dedilhada, por Julian Breen; 20: Noticiário; 20 e 15: Musica de tela, de Mozart; 20 e 35: Musica de camera, de Ravel: «Quarteto em fá maior» (Julliard); 21 e 5: «Der Hirt Dem Felsen» (Schubert); 21 e 20: Musica sinfónica: «Concerto n.º 2, em mi bemol maior, op. 32» (Weber); piano, Friedrich Wüner, e Orquestra Sinfónica Pro-Musica, de Viena, dirigida por Hans Swarowsky; 21 e 50: Teatro dos nossos dias; 23: O programa internacional «A Voz do Ocidente»; 1: Encerramento.

Modulação de frequência — A's 23: Musica portuguesa: «Abertura Sinfónica, n.º 1» (Joly Braga Santos); «Concerto para piano e orquestra, em si» (António Vitorino de Almeida); piano, o autor e a Orquestra Sinfónica do Porto; «Rapsódia Eslava», pela Orquestra Sinfónica da E. N. (David de Sousa); 23 e 45: Noticiário; 24: Encerramento.

RADIO CLUBE — A's 18 e 15: Artista; 18 e 30: Conjuntos; 19: Canções de todo o Mundo; 19 e 45: Noticiário; 20 e 30: As mais belas histórias de amor; 20 e 45: Carta de Berlim; 21: Noticiário; 21 e 15: Orquestras; 21 e 30: Exitos da Broadway; 21 e 45: Solistas; 22: Banda de som; 22 e 15: Conjuntos; 22 e 30: Motivos portugueses; 22 e 45: Canções; 23: Variedades; 23 e 30: Rítmicos de baile; 23 e 45: Noticiário; 24: Programa «Meia-Noite»; 6: Boletim Meteorológico.

Emissor de Miramar — A's 18: Rítmicos de baile; 19 e 16: Orquestras e vocalistas; 19 e 45: Solistas; 20: Noticiário; 20 e 30: Um conjunto ligeiro; 20 e 40: Do Minho ao Algarve; 21: Noticiário; 21 e 15: Programa só-rádio; 21 e 30: Inter-médio musical; 21 e 45: Selecções; 22 e 15: Canções eternas; 22 e 30: Variedades; 23 e 15: Rítmicos de baile; 23 e 45: Noticiário; 0 e 45: Noticiário; 1 e 30: Fecho.

RADIO RENASCENÇA — A's 18 e 25: Leitura do boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção, da basílica dos Mártires; 19 e 5: Migalhas doutrinais; 19 e 10: Musica de Cole Porter; 19 e 25: Boletim do S. C. R.; 19 e 30: O seu programa; 20: Agenda musical; 20 e 30: Noticiário e boletim de Rádio Rural; 20 e 55: Meditando; 21: Canções das Américas; 21 e 15: Estrelas da alvorada; 21 e 45: Livros e leituras; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Chuva de estrelas; 23: A 23.ª hora; 2: Encerramento.

Estação do Porto — A's 18: Caixa de musica; 18 e 15: Saudação da tarde; 18 e 30: Terço, da basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 5: Migalhas doutrinais; 19 e 10: Programa de Lisboa; 19 e 25: Bo-

letim religioso e de filmes; 19 e 30: O seu programa; 20 e 15: Oca enquanto janta; 20 e 30: Noticiário e boletim de Rádio Rural; 20 e 45: Boletim de filmes; 20 e 55: Meditando; 21: Mosaico; 21 e 30: Programa «Na Escola de Jesus»; 21 e 45: Orquestras e canções; 22: Calendário; 22 e 30: Chuva de estrelas; 23: A 23.ª hora; 2: Encerramento.

RADIO UNIVERSIDADE — A's 17 e 1: Nota de abertura ou Saudação musical; 17 e 5: Musica de filmes; 17 e 25: Discos pedidos (musica culta); 17 e 45: Noticiário; 17 e 50: O ultimo disco.

EMISSORES ASSOCIADOS — Das 17 às 19 e 30: Voz de Lisboa; 19 e 30 às 22: Clube Radiofónico de Portugal; 22 a 1: Voz de Lisboa; 1 às 2: Clube Radiofónico de Portugal.

para o seu transistor

DIALUX

a pila de confiança

TELEVISÃO

Hoje — As 19 e 30, Abertura; 19 e 32, Telejornal; 19 e 45, «3.ª Feira à Tarde» — programa juvenil para as raparigas; 20 e 05, Os Flintstones — na Idade da Pedra (desenhos animados); 20 e 30, Angulo Recto — programa de informação e divulgação culturais; 20 e 55, «Onde a Ciência Começa»; 21 e 20, Telejornal; 21 e 45, Boletim meteorológico; 21 e 55, A viagem presidencial a Angola; 22 e 10, 7.ª Arte: «Uma Furtiva Lágrima», com Alfredo Kraus; 23 e 55, Telejornal; 24, Fecho.

Amanhã — As 19 e 30, Abertura;

19 e 32, Telejornal; 19 e 45, Programa da Junta da Acção Social; 20 e 05, Idolos do Desporto Mundial; 20 e 15, «Let's Learn English» (cujo vocabulário o «Diário de Lisboa» publica hoje); 20 e 45, «O Manda Chuva» (desenhos animados); 21 e 20, Telejornal; 21 e 45, Boletim meteorológico; 21 e 55, Viagem presidencial a Angola; 22 e 10, «Três sonetos de Miguel Angel», de Hugo Wolf, pelo baixo Alvaro Malta (ao piano, José Carlos picoto) e poemas ditos por Varella Silva; 22 e 30, Ribalta — Noite de Teatro: «O Outro Lado do Rio», de Jorge Ferreira da Silva (2.º prémio do Concurso Permanente de Originaes 1961, promovido pela R. T. P.) — interpretação de Teresa Mota, Mário Pereira, João Lourenço, Manuel Lereño, Sousa Costa e Fernanda Borsatti; 23 e 50, Telejornal; 24, Fecho.

MARES

PREIA-MAR

Dia 1 — As 2 e 40 (3,88 m);
14 e 55 (4,13 m);
Dia 2 — As 3 e 22 (4,10 m);
15 e 38 (4,33 m);
Dia 3 — As 4 e 01 (4,26 m); 16 e 21 (4,45 m).

BAIXA-MAR

Dia 1 — As 8 e 11 (1,09 m);
20 e 41 (0,85 m);
Dia 2 — As 9 horas (0,86 m);
21 e 27 (0,67 m);
Dia 3 — As 9 e 40 (0,70 m); 22 e 07 (0,58 m).

CARTAZ DO DIA

CINEMAS

(Para maiores de 6 anos)
AVIS — As 21 e 45: «A grande família».

(Para maiores de 12 anos)

TEATROS

MONUMENTAL — A's 21 e 45 — «O gato».

AVENIDA — A's 21 e 45 — «Vamos contar mentiras».

CINEMAS

S JORGE — «A respeitável carcaça».

EDEN — «55 dias em Pequim».

ROMA — «Mocidade em férias».

LYS — «Balaiaika».

ROYAL — «Ulisses».

COLISEU — «Hércules, o conquistador».

RESTELO — «Cinco semanas em balão».

ARCO IRIS — «O tesouro de Tarsan».

CAMPOLIDE — «Shane».

(Para maiores de 17 anos)

TEATROS

ABC — A's 20 e 45 e 22 e 45 — «Chapéu alto».

CINEMAS

TIVOLI — «Quando nasce o cinema».

S. LUIZ — «O mais selvagem entre mil».

IMPERIO — «Mundo cão».

MONUMENTAL — «O diabo e os mandamentos».

CONDES — «Madame Sans-Gêne».

POLITEAMA — «F. B. I. — agente implacável».

ALVALADE — «O mais selvagem entre mil».

ODEON — «Diferente».

PROMOTORA — «Carícias de luxo».

CHIADO TERRASSE — «Anna».

OLIMPIA — «Sangue de Drácula».

JARDIM CINEMA — «Idílio em Setembro».

IDEAL — «Companheiros da morte».

CINE MOSCAVIDE — «O magnífico detective».

FARMACIAS

TURNO J

(Ver pelos caixos das imediações e telefones entre parêntesis)

AJUDA — Mendes Gomes, Calc. da Ajuda, 222 (638256). Tapada, Ld. Calc. da Tapada, 83-A (634721).

ALCANTARA — Nogueira, R. de Alcantara, 5-A (637563).

ALMIRANTE REIS — Antolin, Ld., Av. Almirante Reis, 88-B-C (44173) * Magalhães, Av. Almirante Reis, 4-D e 4-F (49479).

ALTO DO PINA — Pais, R. Abade de Faria, 22-A-B (723965).

ALVALADE — Libia, Av. da Igreja, 4-B-C (711681) * Marbel, Av. de Roma, 131-A (776335) * Nova Iorque, R. António Patrício lote 247 da Av. E. U. A (750658).

AMOREIRAS — Amoreiras, Pr. das Aguas Livres 8-D (681515).

AREIRO — Lusitana, Av. de Roma, 18-A (725443) * Chinde, R. Agostinho Lourenço, 6-B (710331).

AVENIDAS NOVAS — Providência, R. D. Filha de Vilhena 9-C (770324). * Sá da Bandeira, Rua Marquês Sá da Bandeira, 36 41961) * Oliveira Viegas, Rua viriato, 29-29-A (48966).

BAIRRO DA ENCARNACÃO — Ascenso, R. 27, n. 41 (389216).

BAIXA — Formosinho, Pr. dos Restauradores, 18 (30927) * Normal, R. da Prata, 220 (321342).

BENFICA — Vicente, Est. de Benfica, 466-A (782606) * Alegria, Est. de Benfica, 180-A-B (780511) * Progresso, Rua A-da-Maia, 64-C (702226).

CAMÕES — Macedo, R. do Loreto, 71 (323631).

CAMPO DE OURIQUE — Maria Pia, R. D. Maria Pia, 514 (687949) * Linalda, R. Ferreira Borges 30 (660955).

CAMPOLIDE — Ronil, R. Rodrigo da Fonseca, 153 (683438) * Zenel, Rua A. 182, Bairro da Liberdade.

CAMPO DE SANTANA — Peninsular, Campo dos Mártires da Pátria, 117-118 (53308).

CARNIDE — Leal de Matos, R. Neves Costa 33 (780181).

CHARNECA — São Bartolomeu, Quinta dos Balsares de Baixo, Vila Paulo Jorge, 1 (790969).

ESTEFANIA — Délio, R. Açores, 22 (52388).

ESTRELA E LAPA — Neves, Suc., R. da Bela Vista á Lapa, 37 (661251).

GRACA — Almeida Dias, L. da Graca, 38-A-39 862909) * Higienica R. Heliodoro Salgado 20-A (844361).

LUMIAR — Patuleia, Herdeiros, R. do Lumiar, 122-124 (790332) * Douro, A. das Linhas de Torres, 93-A-B (791131).

PALHAVA — Canto, Est. das Laranjeiras 202-B (780841).

PEDROUÇOS — Higilux, R. de Pedrouços, 50-52 (610280).

PENHA DE FRANÇA — Dalton, Av. Mouzinho de Albuquerque R S V (843571).

PICHELEIRA — Marluiz, Calc. da Picheleira, 140-B-C (720703-728395).

REGO — Berne, Av. de Berne, 44-A (773568).

SANTO AMARO — Botânica, R. da Junqueira, 38-40 (638132).

S. BENTO — Micael, R. de S. Bento, 380-382 (662162) * Açoreana, Largo do Conde Barão, 2 (661330).

ST. MARIA — Luiz de Magalhães, Ld. — R. de St. Marta, 15-A-B (45490) * Salix, R. Barata Salgueiro, 54 (730820).

DE ST. APOLONIA AO BEATO — Madre de Deus R. da Margem, 15-B (382470) * Cruz de Malta, L. do Chafariz de Dentro 36 (866120) * Zema, R. General Justimano Padrel (á alçada dos Barbadinhos), 21-A (832580).

SE — Santa Luzia, Rua da Saudade, 2 (869831).

BOLSA DE LISBOA

Fundos do Estado	Efect	Compra	Venda	C.ª Diversas	Efec	Cor pra	Venda
Cons. 2 3/4 % 1 10 ..	634\$00	633\$00	636\$00	Cimentos Tejo	—	720\$00	—
Cons. 3 % 1 10	671\$00	670\$00	672\$00	Cimentos Leiria	—	—	700\$00
Cons. 3 1/2 % 1 10 ..	788\$00	785\$00	790\$00	Credito Predial	—	—	—
Centenár 4% 1940	1.812\$00	1.810\$00	1.812\$00	Industrial Alliança	—	—	—
Obg. Res. 2 1/2 % 1942	—	1.011\$00	1.012\$00	Portugal e Colónias	710\$00	710\$00	715\$00
Obg. Res. 2 1/2 % 1943	—	1.011\$00	1.012\$00	Nacional Navegação	650\$00	610\$00	660\$00
Obg. Res. 2 1/2 % 1944	—	1.013\$00	1.020\$00	Colonial Navegação	405\$00	405\$00	—
Externo 1.ª série	—	—	—	Port. de Celulose	—	—	4.000\$00
Ext. 1.ª série car.	1.200\$00	—	1.210\$00	Portuguesa de Pesca	—	1.030\$00	1.050\$00
Externo 2.ª série	—	—	—	Port. de Tabacos	—	255\$00	250\$00
Ext. 2.ª série car.	—	—	—	Tabacos de Portugal	—	460\$00	—
Externo 3.ª série	—	—	—	Aguas, Electricidade e Gás	—	—	—
Ext. 3.ª série car.	—	—	—	Aguas Lisboa 1934	—	—	—
Caut. 3.ª série s/j	—	230\$00	233\$00	Aguas Lisboa 1936	—	—	350\$00
Obrigações				Eléct. das Beiras	1.520\$00	1.518\$00	1.525\$00
Aguas Lisboa 5 %	—	503\$00	—	Gás e Electricidade	322\$00	322\$00	322\$50
Norte de Portugal 5 %	—	—	105\$00	H. Alto Alentejo	156\$00	156\$00	156\$50
Gás Elect. 3 3/4 %	96\$00	950\$00	—	H. E. Cavado	—	1.115\$00	1.125\$00
Gás Elect. 4 %	—	955\$00	965\$00	H. E. Zézere	—	—	1.275\$00
Gás Elect. 4 1/2 %	—	980\$00	995\$00	Nac. de Electricidade	1.225\$00	1.222\$00	1.227\$00
Gás Elect. 5 %	1.010\$00	1.008\$00	1.010\$00	União Electrica Port.	155\$00	154\$50	155\$50
U. E. P. 3 3/4 %	—	89\$00	—	H. E. do Douro	1.055\$00	1.053\$00	1.055\$00
U. E. P. 4 % 1945	—	91\$00	91\$50	H. E. Portuguesa	—	—	—
U. E. P. 4 % 1948	—	—	—	H. E. S. Estrela	—	—	—
U. E. P. 4 1/2 %	—	—	—				
U. E. P. 5 % 1951	—	98\$50	100\$00				
U. E. P. 5 % 1952	—	—	—				
H. E. do Douro	997\$00	995\$00	998\$00				
H. E. S. Est	—	—	1.011\$00				
C. P. 4 1/2 %	—	565\$00	580\$00				
Metropolitano	—	—	—				
Accções							
Bancos							
Alentejo	—	—	—				
Angola	—	1.250\$00	1.700\$00				
Espirito Santo	—	—	—				
Lisboa & Açores	—	1.870\$00	1.900\$00				
Portugal	1.575\$00	1.573\$00	1.579\$00				
Ultramarino	1.085\$00	1.080\$00	1.090\$00				
Agricultura	—	56\$00	58\$00				
Seguros							
Fidelidade	—	—	—				
Mundial	410\$00	410\$00	450\$00				
Sagres	—	—	—				
Tagus	—	—	—				
Soberana	—	1.000\$00	—				
C.ª Ultramarinas							
Ag. Casseque	—	520\$00	560\$00				
Ag. das Neves	—	—	150\$00				
Agríc. Colonial	—	90\$00	—				
Acucar de Angola	580\$00	570\$00	590\$00				
Boror	—	90\$00	110\$00				
Cabinda	—	10\$00	—				
Cadá	—	25\$00	1.200\$00				
Colonial do Buzi	61\$00	59\$00	62\$00				
Ilha do Príncipe	—	260\$00	—				
Incomati	—	85\$00	—				
Mocambique	32\$00	32\$00	31\$00				
Zambézia	—	40\$00	45\$00				
Diamantes	400\$00	399\$00	400\$00				
Lobito	—	310\$00	320\$00				

BANCO BORGES & IRMÃO



PAISES	COMPRA	VENDA
Notas:		
Africa do Sul	35\$75	39\$50
Alemanha	7\$10	7\$30
América:		
Dólares de 1 a 2	25\$30	28\$60
Dólares de 5 a 1000	28\$50	28\$80
Argentina	\$18	\$22
Austria	\$110	\$115
Belgica	\$56	\$59
Brasil	\$02,5	\$03,2
Canada	26\$15	26\$65
Dinamarca	4\$05	4\$25
Espanha	\$47,3	\$48,3
Congo	\$07	\$10
França (N. Franco)	58\$75	58\$90
Holanda	78\$85	8\$10
Inglaterra	79\$50	81\$00
Italia	\$04,55	\$04,7
Marrocos	\$515	\$545
Noruega	38\$09	4\$19
Suécia	58\$10	58\$70
Suiza	68\$3	68\$73
Ouro:		
Inglaterra (Libra)	283\$00	291\$00
Portugal — Barra	—	—
Portugal — Barra fino	32\$60	33\$10

J. BURNAY, L. DA agência de crédito
Notas estrangeiras
RUA DO OURO 12 Tel. 31273

CURSOS PRÁTICOS

DE
CORRESPONDENTES
ESTENO-DACTILOGRAFOS
EM
Português — Francês — Inglês
Ambos os sexos a horas diferentes
AULAS DIURNAS
E NOCTURNAS
Peça folheto elucidativo á
ESCOLA PORTUGUESA
DE COMÉRCIO
EXTERNA TO

DIRECTOR
Prof. Mário do Carmo Peres
40, Rua Antero de Quental, 42
Telefone 4 20 73 — LISBOA - I

No congresso trabalhista

Wilson apresentou os planos para a «Revolução Científica»

SCARBOROUGH, 1. — Depois de ter rejeitado, ontem, à noite, as tentativas da ala esquerda trabalhista para introduzir no debate a questão do desarmamento, das bases norte-americanas e da participação da Grã-Bretanha na N. A. T. O., Harold Wilson, o chefe do Partido Trabalhista, apresentou, hoje, no congresso nacional do partido, em pormenor, os seus planos sobre a «revolução científica» que pretende fazer-se ganhar as eleições gerais. No breve resumo que apresentou ontem, à noite, Wilson disse que o próximo governo trabalhista terá um Ministério das Ciências e um Ministério de Planificação trabalhando em cooperação na preparação de planos de fomento económico a longo prazo.

A base do debate no congresso

A «Nova Fronteira» britânica

O congresso do Partido Trabalhista inglês começou ontem em Scarborough perante a expectativa geral. E compreende-se a expectativa dada que, primeiro o congresso se efectua apenas alguns dias depois da divulgação do «Relatório Denning» sobre o escândalo Profumo e, segundo, é no congresso que vai ser delineada a política do grande partido da oposição com vista às próximas eleições.

Como não podia deixar de ser, e tal como os liberais, os trabalhistas apresentam-se à opinião pública como campeões das reformas, em contraste com o programa conservador — por definição — do Governo de Macmillan. Também como os liberais os trabalhistas estão a fazer a sua propaganda à base de «slogans» inspirados na «Nova Fronteira» de Kennedy. Desta maneira, resumem a sua política no tema da «Revolução Científica», nitidamente relacionado com a «revolução industrial» que constitui para a Grã-Bretanha o grande arranque económico, técnico e financeiro que a guindou à posição indiscutível de grande potência, nos últimos 150 anos.

É, portanto, jogando com o saudosismo britânico quanto a um período de grandeza indiscutível que os trabalhistas fazem a sua política. A esse saudosismo juntam os ingredientes de uma utopia social em que a tecnologia é o «Abre-te Sésamo» e a ciência o farol da fé.

Neste ponto há, pelo menos aparentemente, uma aproximação do novo trabalhismo em relação ao humanismo de um Julian Huxley.

Mas até que ponto esta orientação «revolucionária» trabalhista encontrará eco nas massas?

O problema é aliciante, mas outro se põe, de maneira mais imediata: a entrada da Grã-Bretanha no Mercado Comum Europeu. A presença do dirigente social-democrático alemão Willy Brandt em Scarborough e o acordo a que ele teria chegado — segundo o «Sunday Times» — com o chefe trabalhista Harold Wilson podem ser tomados como provas de que o Partido Trabalhista pensa já no futuro em termos «europeus».

O general Vassalo e Silva recorreu para o Tribunal Pleno

O sr. prof. dr. Adelino Palma Carlos, defensor do sr. general Vassalo e Silva, interpôs hoje recurso para o Tribunal Pleno, do acórdão da 1.ª secção do Supremo Tribunal Administrativo, que se declarou incompetente para julgar o recurso do despacho do ministro da Defesa que demitiu aquele general.

DUAS LETRAS, DOIS CARRIS AO SERVIÇO DO PAÍS

Pombos portadores de morte

NOVA YORK, 1. — Segundo o departamento de saúde desta cidade, os excrementos dos pombos causaram duas mortes em Nova York.

O dr. Maxwell Litman, dos serviços laboratoriais daquele departamento, declarou que as mortes foram causadas por inflamações no cérebro, do tipo das meningites, originadas por um fungo que é frequente encontrar nos excrementos dos pombos e que penetra no organismo com o ar poluído. — (R.).

A Nigéria (República desde hoje) é o «gigante» do Continente Negro

LAGOS, 1. — O dr. Namdi Azikiwe, presidente da nova república federal, proferiu o seu primeiro discurso radiodifundido cinco horas depois da proclamação da República da Nigéria. Depois de ter comparado o tempo do regime colonial a um período vivido numa cadeia miserável, e de recordar os três anos que precederam a proclamação, o orador congratulou-se com os progressos realizados pela Nigéria e fez um apelo a favor da democracia parlamentar e do respeito pela liberdade individual.

Independente desde Outubro de 1960, a Federação da Nigéria tornou-se republicana a partir de hoje. A instauração do novo regime não modificará sensivelmente as estruturas nacionais. A Constituição republicana pouco difere da anterior. Em relação à das Repúblicas africanas francófonas e a do Ghana, apresenta a originalidade de não concentrar nas mesmas mãos a presidência da República e a do Governo.

O presidente da República, comandante supremo das Forças Armadas, exercerá o poder executivo «em consulta com o primeiro-ministro», quer se trate dos negócios estrangeiros ou dos assuntos internos, como seja a nomeação de magistrados.

Cada uma das quatro regiões agrupadas em federação contará o seu próprio governo e as suas próprias assembleias regionais. Conservará, por isso, lata autonomia administrativa. As questões de ordem nacional — defesa, segurança interna, saúde pública e finanças, nomeadamente — serão da competência do Governo federal e das duas câmaras federais (Câmara dos Representantes e Senado).

QUEM É O PRESIDENTE

A escolha dos nigerianos para o cargo de primeiro magistrado da Nação recaiu unanimemente num veterano da luta pela independência, o dr. Namdi Azikiwe, a quem os compatriotas tratam familiarmente por «Zik». Contando 59 anos, tem o curso superior de filosofia e antropologia da Universidade de Lincoln e da Universidade da Pensilvânia e é doutor «honoris causa» pela Universidade de Howard.

Tendo regressado à Nigéria em 1937, não mais deixou praticamente de tomar parte activa na política do seu país. Successivamente director de jornais, presidente do N. C. N. C. (National Council of Nigerian Citizens), membro da Assembleia Legislativa Federal, chefe da oposição, primeiro-ministro da região oriental, o dr. Azikiwe desempenhava ontem ainda o cargo de governador-geral. Deste modo, sucede a ele mesmo na chefia da Federação.

QUARENTA MILHÕES DE HABITANTES

A Nigéria, considerado o «gigante» da África, é o primeiro dos Estados africanos negros pela população (uns 40 milhões) e a economia global (o plano de fomento de 1962-68 eleva-se a 676,5 milhões de libras esterlinas), se não pela

superfície (967 000 quilómetros quadrados).

No plano político africano, a Nigéria é partidária da unificação por etapas. Foi o inspirador da Carta de Monróvia, que serviria de modelo à Carta de Addis Abeba. Em política externa, declara-se neutrista, mas não esconde as simpatias pró-ocidentais. Permanecerá na Comunidade Britânica. — (F. P.).

DO ESTRANGEIRO EM POUCAS LINHAS

● Revelações de Jules Roy sobre Dien Bien Phu

PARIS, 1. — Num livro intitulado «A Batalha de Dien Bien Phu», o antigo coronel francês Jules Roy, que serviu na Indochina, afirma que o falecido secretário de Estado norte-americano John Foster Dulles chegou a propor ao Governo francês o emprego de bombas atómicas contra as forças comunistas que cercavam Dien Bien Phu. Depois de consultar os dirigentes do Congresso norte-americano, porém, Dulles desistiu da ideia e propôs o lançamento de 500 toneladas de bombas por aviões «B 29» escoltados pelos caças da Sétima Esquadra norte-americana. O então ministro dos Negócios Estrangeiros britânico, Anthony Eden, soube do projecto e convenceu Dulles de que nenhuma intervenção aliada na Indochina se devia verificar sem a concordância da Grã-Bretanha. — (A. N. I.).

● Boicotagem comercial do Tanganica à África do Sul

DAR-ES-SALAAM, 1. — O Governo do Tanganica anunciou um boicote completo do comércio com a África do Sul, a partir de hoje. A comunicação, que proíbe qualquer pessoa do país de realizar comércio com a África do Sul, diz que a decisão «está de acordo com a política declarada do Tanganica no que respeita a relações com a África do Sul». — (R.).

LOTARIAS E TOTOBOLA
CAMPIÃO
SEMPRE PREMIO GRANDES

CRUZEIRO FIM DE SEMANA AVISO

MUNDIAL TURISMO informa que o embarque para o Cruzeiro a Gibraltar e Tanger, no «Moçambique» terá início às 12.30. do dia 4, na gare Marítima de Alcântara. O paquete sai às 14 horas.

Os senhores passageiros que desejarem almoçar a bordo no dia da partida, deverão fazer o seu embarque até às 13.30.

Todos os participantes no Cruzeiro poderão desde hoje levantar os bilhetes e a respectiva documentação na Mundial Turismo — Avenida António Augusto de Aguiar, 90-B — Lisboa.

Ben Bella num discurso: «O nosso país está a ser atacado do exterior»

ARGEL, 1. — «A situação criada por Mohand El Hadj, ex-comandante da 7.ª região militar, exige que eu me dirija a todos os homens que estiveram ao lado do povo aos combatentes do nosso valeroso Exército de Libertação Nacional» — declarou ontem à noite o presidente Ben Bella, no começo de uma alocução pela TV. — «É na qualidade de presidente da República, chefe supremo das Forças Armadas, que lhes falo, pedindo-lhes que não acatem seja que ordem for de qualquer chefe militar que pretenda pôr novamente em causa a legitimidade dos poderes que a nação unânime acaba de plebiscitar. Negaria o sacrifício de milhão e meio (na guerra da independência) quem mergulhasse o país no «wilaísmo» e no regionalismo, vírus das forças neocolonialistas e contra-revolucionárias...»

A 150 000 MARROQUINOS VAI SER DADA A NACIONALIDADE ARGELINA

Quanto a Marrocos, afirmou: «O nosso país está a ser atacado do exterior... Há semanas, assiste-se em Marrocos a uma preparação psicológica. Centenas e milhares de argelinos são espoliados. Esta política é má. É uma política que não serve os interesses do povo irmão marroquino, nem do povo argelino, nem do povo magrebinho».

Afirmou mais adiante que o chefe do Estado que não seria tomada qualquer disposição contra os marroquinos residentes na Argélia e que a 150 000, a seu pedido, vai

Declarações argelinas em Pequim

(Continuação da 1.ª página)

Pequim, Amar Uzegane, ministro de Estado, depois de ter agradecido à China Popular o auxílio que deu à Argélia durante a luta pela independência, declarou que oficiais e soldados argelinos se baseavam nas obras de Mao Tsé Tung acerca da estratégia revolucionária na conduta da guerra de guerrilhas.

Relativamente à atitude da Argélia para com os negócios africanos, Uzegane indicou: «O apoio a Angola, Moçambique e África do Sul, não deve limitar-se a simples moções de solidariedade. No momento em que os nossos amigos africanos perdem o seu sangue sob o fogo das metralhadoras coloniais, os revolucionários decididos devem conceder-lhes rápido e eficiente auxílio. Consideramos necessário o auxílio em armas e dinheiro».

A concluir a sua alocução, Uzegane fez aclamar a amizade sino-argelina, a amizade sino-africana e a luta pelos povos amantes da paz de todos os países que combatem para destruir o imperialismo através do Mundo». — (F. P.).

ser dada a nacionalidade argelina. Antes, tinha notado que a crise provocada por Ait Ahmed e El Hadj ocorre «na altura em que os soldados marroquinos de Mulay Hassan II estão a 10 metros das fronteiras argelinas... e não hesitamos em perguntar se a subversão em Tizi Ouzou não se prolonga para o exterior, sobretudo sabendo que Belkacem Krim esteve recentemente em Tanger...». — (F. Presse).

Comício em Argel

(Continuação da 1.ª página)

devia reabrir no dia 7, realizará uma sessão especial na quinta-feira e os deputados foram avisados de que a sua presença é indispensável. — (A. N. I.).

FOI DESMENTIDO QUE TENHA SIDO SUSPESA A RETIRADA DAS TROPAS FRANCESAS

PARIS, 1. — O vespertino francês «France-Soir», publica hoje uma notícia do seu correspondente na Argélia segundo o qual o general Michel de Brebuisson, comandante em chefe das forças armadas francesas na Argélia, tinha decidido interromper temporariamente a repatriação dos soldados que deveriam abandonar a Argélia nos próximos dias. Segundo o mesmo jornal a França deseja estar preparada para qualquer novo acontecimento na Argélia.

Actualmente, estão na Argélia 80 mil soldados franceses e a sua evacuação completa está marcada para Dezembro de 1964.

Mais tarde, o Ministério das Forças Armadas desmentiu a notícia. Um funcionário declarou: «Os planos de evacuação não foram de forma nenhuma modificados». Acrescentou que alguns soldados estão a ser repatriados diariamente.

George Gorse, embaixador da França na Argélia, que regressou hoje a Paris para consultas, desmentiu, também, que a evacuação das tropas francesas tenha sido interrompida.

Acrescentou que «para evitar quaisquer incidentes e interpretações tendenciosas, foram interrompidos provisoriamente todos os movimentos de tropas francesas no território argelino». — (R.).

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o vento era fraco e o céu estava muito nublado nas regiões do litoral oeste, e pouco nublado nas restantes, por acção de uma massa de ar transportada na circulação conjunta de uma depressão de origem térmica, centrada sobre a Península Ibérica, e de um anticiclone, centrado a norte dos Açores.

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS: Porto, 15°; Portalegre, 14°; Lisboa, 18°; Faro, 22°; Sagres, 16°; Funchal, 21°.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTRADAS HOJE EM LISBOA, ATÉ AS 16 HORAS: máxima, 22°6; mínima, 16°. No mesmo dia do ano passado: máxima, 23°3; mínima, 17°1.

PREVISÃO ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ — Céu geralmente muito nublado, no litoral, para norte do cabo Carvoeiro, e geralmente pouco nublado, nas outras regiões; vento fraco ou moderado de noroeste, neblina ou nevoeiro, no litoral ocidental, e terras baixas do interior. Descida de temperatura.



DOS JOVENS PARA OS JOVENS

Férias, claro! Mas como?

por ISABEL LINO FERREIRA

Quando este artigo for publicado no «Juvenil», é bem possível que as férias tenham acabado. Como é de uso, virão a lume diversos artigos e composições, subordinados ao tema «apontamentos de férias». É também de férias que eu vou falar, na secção «Peço a Palavra». Falar daquilo de que gostamos, representa ainda uma maneira de lhes prolongar o sabor, a estadia, a vida...

Refiro-me, evidentemente, às férias escolares, porque as outras, as férias profissionais estão sujeitas a uma série de condicionamentos que não me sinto habilitada a discutir.

Falou-se muito, durante o ano que passou, na possibilidade de o ano escolar terminar em Junho, ficando a reabertura das aulas (aquilo a que os franceses chamam «rentrée») marcada para quinze de Setembro. As vantagens seriam alongar o primeiro período, exigindo-se, assim, um maior esforço no início das aulas, e organizar os exames longe da canícula de Julho que aumenta o sacrifício dos alunos.

Não sei se o projecto existe ou se não passou de simples boato, aqueles boatos que circulam entre os alunos com incrível velocidade. Não me compete a mim criticar o plano, embora seja de opinião que a rea-

(Continua na 3.ª página)

Um jovem ao acaso

«Procuramos um jovem para...
aquilo que é...»

P — Como se chama?
R — Maria Clotilde Simões Cruz.

P — Que idade tem?
R — Treze anos.

P — Estuda?
R — Terceiro ano, Liceu Filipa de Lencastre.

P — Gosta do liceu?
R — Muito. Ótima camaradagem e professoras amigas.

P — Lembra-se das suas colegas, então.

R — Sim. Especialmente da Beatriz Isabel, a Filomena Gutierrez, a Conceição Patuleia — amigas velhas, amigas de sempre...

P — Qual é a disciplina de que mais gosta?

R — Português e Inglês. Gosto de línguas, pelo que elas me podem proporcionar de cultura, de conhecimento.

P — Que caminho pretende seguir?

R — Letras, Germânicas.

P — Qual o seu entretenimento preferido?

R — A leitura e a música.

P — Indique um nome...

R — Selma Lagerlöf.

P — Pratica alguma arte?

R — Piano e dança.

P — Não pretende seguir o «ballet»?

R — Não. Danço por puro prazer, sem pensar, de maneira nenhuma, em vir a profes-

sionalizar-me. No «ballet» o que me prende é a sua beleza, nada mais. Mas julgo não ter condições físicas que permitam dedicar-me de corpo e alma.

P — Quanto à música...

R — A música mora na minha casa, desde que me conheço. Meu avô, Mário Simões, é primeiro violino na Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, minha mãe, componente do coro feminino da Emissora Nacional, trago a música nas veias. Não admira, portanto,

(Continua na ultima página)



LIA MÜLLER

POEMA

LIA MÜLLER

por

M. J. Matos Nunes

Publicava o «Juvenil» no n.º 326, uma carta e uma narrativa de uma suíça chamada Lia Müller-Peninger, amiga dos jovens portugueses, estudante desinteressada dos assuntos nacionais e mormente do nosso idioma.

O facto não passou despercebido a ninguém porquanto, era uma colaboradora de um país bem diferente do nosso, onde a paisagem, a geografia e o clima contrastam perfeitamente.

Se bem que o conto da autoria de Lia Müller, não estivesse perfeito, é indiscutível que se impôs entre os nossos jovens, pelo amor com que ela o impregnou, pelas invocações felicíssimas dos lugares e coisas de Portugal, pela singeleza de espírito com que nos encheu o coração. Basta só isto.

Não será injustiça afirmar, que apesar de Lia Müller não ser uma jovem na própria acepção da palavra, continua a sê-lo nos ideais e nos sentimentos, no estudo e no amor.

Disso, é prova concludente, o questionário e a carta que se seguem.

Ainda que, a missiva se dirija a mim, parece-me que tem algo de maior e de sublime, en-

(Continua na página seguinte)

Poema

Um pássaro
deixaria de ser um pássaro
se outro pássaro lhe fizesse um poema
o pássaro seria o deus feito poema.

CIDALIA DE BRITO

Conversando com Cecília Guimarães

P. — Como surgiu a sua vocação para o teatro?

R. — Depois de ter cursado o 5.º ano liceal (onde reprovei em matemática...) abandonei o liceu, contra vontade de meus pais.

P. — Porquê?

R. — O teatro, e não os números, era a minha pai-

xão... Em Lisboa existe, como vocês sabem, um Instituto de Orientação Profissional, e a fim de ver «para que servia», fui lá prestar provas. Analisados os diferentes «testes» a que fui submetida, o resultado foi categórico: «A sua estrutura intelectual e temperamental é mais

(Continua na ultima página)



Os leitores do «Juvenil»
com a simpatia da
Cecília Guimarães

CECÍLIA GUIMARÃES

a mosca presa na garrafa!

por MARIA ADELAIDE M. A. QUEIRÓS

Foi o primeiro Verão que os meus dois irmãozinhos foram apenas comigo para a praia. Sou pacata e sisuda, grave e comedida. Confiaram-me as crianças. A minha irmã entra num colégio depois de amanhã. O colégio é interno e esta é uma despedida. A nossa economia doméstica anda muito por baixo, e eu vou com o meu irmão para a província, para casa do avô, para suavizar a vida em casa. Tenho 19 anos e nesta idade torna-se-me penoso abandonar a cidade por dois ou três anos, mas as circunstâncias são imperiosas,

exigem-no. As crianças vieram. Conquistei-as para as dominar. Comecei a conquista em casa. Vesti-lhes bibes com bolsos, para que melhor se entretivessem. Considero o bolso o entretenimento numero um da criança. Ela, inconscientemente, procura objectos para utilizar o bolso, que é o lugar único que é só seu. Sente-se proprietária, quando ele está cheio. No caminho, e já na praia, falei-lhes sempre baixando-me á altura deles. Assim, com o meu rosto perto do

(Continua na 3.ª página)

A 2500 KM. COM LIA MÜLLER

(Continuação da pagina anterior)

cerca nas suas linhas uma grande mensagem à juventude portuguesa, e é só por isso que me atrevo a publicá-la.

M. J. MATOS NUNES

ZURIQUE (hospital)
7-9-63

Querido amigo:

O destino quis que nos momentos mais graves da minha vida, recebesse grande consolação e felicidade, pela inesperada publicação do meu conto no «Juvenil». No meio de uma vida cheia de alegria e saúde, eai muito doente e exactamente no dia da publicação do meu conto tive que passar por uma operação perigosa.

Assim, no meio de muitas dores e desespero era a juventude de Portugal que rodeava a minha cama. Em cada carta recebida dos meus queridos amigos e amigos do «Juvenil», chegava um raio do sol de Portugal, e de cada vez tinha os olhos cheios de lágrimas de felicidade. Por isso sinto-me tão feliz e de mãos dadas com todos eles.

Agora estou já um pouco melhor e apesar das minhas forças reduzidas dou breve resposta ao questionário. Logo que possa, vou responder com muito prazer a todas as cartas recebidas.

A minha poesia favorita é o «Mar Português», de Fernando

Pessoa. E quantas vezes para achar consolação nos maus momentos, pensava nela... «Quem quer passar além do Bojador, tem que passar além da dor...».

Apesar dos poucos dias que passei em Portugal tomei grande afeição pelo país, com o seu amável povo que me sensibilizou com a sua alma delicada, que só posso dizer:

«Eu não quero nem brincando, Dizer adeus a ninguém: Quem parte leva saudades, Quem fica saudades tem».

Conheço vários outros países da Europa, mas nunca senti saudades deles. Isso há-de ser um «bacilo incurável» de Portugal.

Se Deus quiser que eu regressasse em breve a Portugal, gostaria de me encontrar com todos os meus amigos do «Juvenil», para trocar pessoalmente impressões sobre os nossos ideais, desejos e aspirações ao sublime da vida.

Nos meus estudos portugueses, trabalho actualmente com grande entusiasmo numa tradução de uma conferência grande, sobre a obra do Infante D. Henrique. Confio que cá possa publicá-la sendo um tema de interesse geral.

Querido amigo, muito e muito obrigada pela sua carta amável e o seu interesse na minha «estreia» modesta em português. Fico radiante de poder colaborar no «nosso» «Juvenil». (A minha primeira lição de português foi em Novembro de 1962). Peço-lhe que me ajude a corrigir esta carta que escrevo na cama, antes de a apresentar na redacção do «Juvenil».

Até breve e, uma vez mais muito agradecida.

A amiga suíça
LIA

QUESTIONARIO

1—Que idade tem?

Com as raparigas é assim: uma vez passados os 25 anos, ficamos sempre nos 25.

2—Que profissão desempenha?

Trabalho num consulado em Zurique.

3—Já visitou Portugal?

Pela primeira vez, só por uns dias no Setembro passado.

4—Como nasceu em si, este singular interesse pela língua portuguesa?

Quando visitei Portugal, não sabia uma palavra em Português, e despertada então a simpatia pela terra lusitana e o seu povo, tive vontade de estudar imediatamente o seu idioma. A alma de um povo só se compreende quando se fala o seu idioma.

5—Tem alguns conhecimentos da literatura portuguesa?

Algo sobre Camões, Fernando Pessoa e Gil Vicente.

6—E da História lusitana?

Sim, bastante bem, especialmente sobre os gloriosos tempos da Idade Média e a obra grandiosa do Infante D. Henrique.

7—Como começou a ler o «Juvenil»?

Mercê dos meus melhores amigos em Lisboa. Recebo o «Diário de Lisboa» e assim sinto-me muito reunida com todos os acontecimentos de Portugal e sincera amiga do nosso «Juvenil».

8—Em que gasta o seu tempo diário?

Todo o meu tempo livre é dedicado ao estudo de idiomas, literatura, musica clássica e pintura.

M. J. MATOS NUNES

2 POEMAS de CARLOS CARVALHO poema

Quero ser tanto
e sou tão pouco...

Quero ser tudo
e nada sou...

...grito... barafusto...

—O que sou é louco.
E o louco fica mudo...

///

sonho

Oh! Se eu pudesse
ver-te, afinal,
sózinha sentada
na rocha morena
da praia distante...
ficaria parado,
p'ra sempre parado
á rocha agarrado
como alga dormindo!..

Oh! e se eu fosse, ao
menos
o rochedo negro
onde estás sorrindo!



Maternidade * Desenho de Fátima Ceia


**BREVEMENTE-
NÚMERO
DEDICADO
AO DESENHO
DESENHADORES
JUVENIS
AGUARDAMOS
COLABORAÇÃO**


EVASÃO

por
Filipe de Sousa
e Silva

Sabem o que é estar sentado a uma secretária, preparando meticulosamente um exame de Química Orgânica para Outubro, e subitamente ter a sensação que as paredes me limitavam e me abafavam? Sentir um desejo absoluto de pontapear essas paredes, de as alargar até ao infinito, e ver o horizonte projectar-se no além?

Não pude mais: fugi do livro e do cinzeiro.

Encontrei-me na rua e senti-me um estranho na minha cidade, procurando algo que nem eu sei o quê.

Olhei os blocos de cimento que me rodeavam, e desejei ardentemente que se transformassem em árvores, árvores grandes e frondosas, rodeadas daquela terra castanha e dura que escorre das montanhas.

Cruzei-me com um carro eléctrico. Porque é que naquele dia ele era amarelo, como de costume? Passaram por mim rostos impessoais e distantes, aqueles rostos que se vêem numa cidade, principalmente quando se pretende não ver ninguém.

Encontrei-me num triste

banco verde de jardim, e vi uma criança. Sorria, sorria sempre, com aquele sorriso puro que só as crianças têm, e eu senti-me triste por já não ser criança. Desejei vê-lo outra vez, e desejei saber sorrir, porque a missão das crianças é sorrir...

Imaginei descobrir o encanto de uma bola ou de um triciclo, não saber a fórmula do ácido sulfúrico ou que D. Afonso Henriques foi o primeiro rei de Portugal, desconhecer que se pode ser velho apenas com vinte anos de idade e ignorar o poder fascinante de uma nota de cem escudos.

Senti-me só, assustadoramente só, na companhia daquela criança que sabia sorrir. Fugiu da criança, do banco verde, do eléctrico amarelo, e da própria terra castanha que não vira. Precisava de alguma coisa ou de alguém, mas nem eu próprio sabia quem.

Tudo aquilo que eu desejava (nem eu sei ainda o que desejava) não aconteceu, e eu voltei lentamente para casa, onde me esperavam pacientemente o cinzeiro, e a terrível Química Orgânica.

EXITO

teatro * cinema * rádio * televisão * teatro * cinema
teatro * cinema * rádio * televisão * teatro * cinema
teatro * cinema * rádio * televisão * teatro * cinema
teatro * cinema * rádio * televisão * teatro * cinema

SENTIDO DE UMA HOMENAGEM

por **MANUEL DE AZEVEDO**

MANUEL DE OLIVEIRA é um caso raro, senão único, no nosso cinema, um vivo exemplo do que pode a paixão dedicada e desinteressada por uma arte, quando servida pela pureza do fogo interior e pelo talento; do que pode realizar a determinação individual, a vontade profundamente inspirada, mesmo quando encontra um ambiente pouco propício, quando se vê rodeada não só pela indiferença mas, até, pela hostilidade.

A quem acompanhe, pelo País fora, os actos da homenagem agora prestada a Manuel de Oliveira, poderão parecer forçadas aquelas nossas afirmações. Mas é preciso ter em conta que o «Douro, Faina Fluvial» tem mais de 30 anos e que o seu autor, neste longo lapso de tempo, pode apenas dar-nos uma escassa meia dúzia de filmes. Cremos não ser indelicados se dissermos que Manuel de Oliveira deve ser o realizador cinematográfico português com mais projectos não realizados, com maior número de sonhos mortos à nascença. A sua «fase luminosa» — se assim podemos chamar o período que vai do «Douro» ao «Aniki-Bóbó» — poderiam pertencer muitos outros filmes significativos, em que a realidade portuguesa seria observada com o mesmo interesse humano, com aquela originalidade e o particular carinho fraterno pelo homem simples e pelas crianças que dão à sua obra uma particular e comovente ressonância.

Muitos desses projectos chegaram até à fase da planificação — como «Os Gigantes do Douro»,

uma história fortemente impressionante do que custa, em sacrifícios de gerações de cavadores e de tripulações de barcos rabeles, um cálice de vinho do Porto; «O Circo», um caso de amor e de simpatia humana numa barraca de saltimbancos, inspirado numa notícia de jornal; ou «O Bairro de Xangai», um romance de amor humilde num bairro de lata. A rudeza do trabalho, a prostituição, os chocantes problemas habitacionais e tantos outros aspectos e contrastes da vida moderna, tiveram sempre em Manuel de Oliveira um observador impressionado e emocionado, capaz de transmitir a sua angústia, senão o seu protesto, numa linguagem muito pessoal, despida de retórica, mas viva e lucida, sempre nimbada de uma tocante poesia e de adesão humaníssima à realidade portuguesa.

Para além dos seus filmes, Manuel de Oliveira tentou por diversas vezes concretizar o sonho de criar no Porto um centro de produção, que fosse uma réplica com ambições artísticas ao cinema de baixo nível mercantilista dominante e, simultaneamente, uma escola de novos cineastas — ne prosseguimento das belas tradições cinematográficas portuguesas que vinham de Aurélio da Paz dos Reis e da «Invicta Film». O espantoso é que tantas desilusões o não tenham desencantado, afastando-o definitivamente das preocupações de se exprimir através do cinema.

Foi de certo modo a juventude

Como se vive o Teatro em Inglaterra

Entrevista conduzida por **Carlos Porto**

Inserimos hoje a continuação da entrevista com o jovem bolseiro da Fundação Gulbenkian, José



JOHN GIELGUD

Augusto Cayolla, iniciada no número anterior deste Suplemento. O entrevistado, como então se disse, estagiou um ano em Inglaterra, contactando com um ambiente teatral vivo e rico de implicações sociais.

O aluno nos cursos rotativos de organização teatral

— Parece-nos que chegou a altura de sabermos o que fez no que se refere à sua participação em cursos de teatro.

— Cheguei a Bristol no final da época de 62 para frequentar o curso de Teatro em The Bristol Old Vic Theatre School. Assisti ainda às últimas peças do curso. Como não há cursos de encenação (houve um, mas falhou, pois não se aprende a ser encenador como não se aprende a ser poe-

ta) inscrevi-me nos cursos técnicos.

— Em que consistem esses cursos?

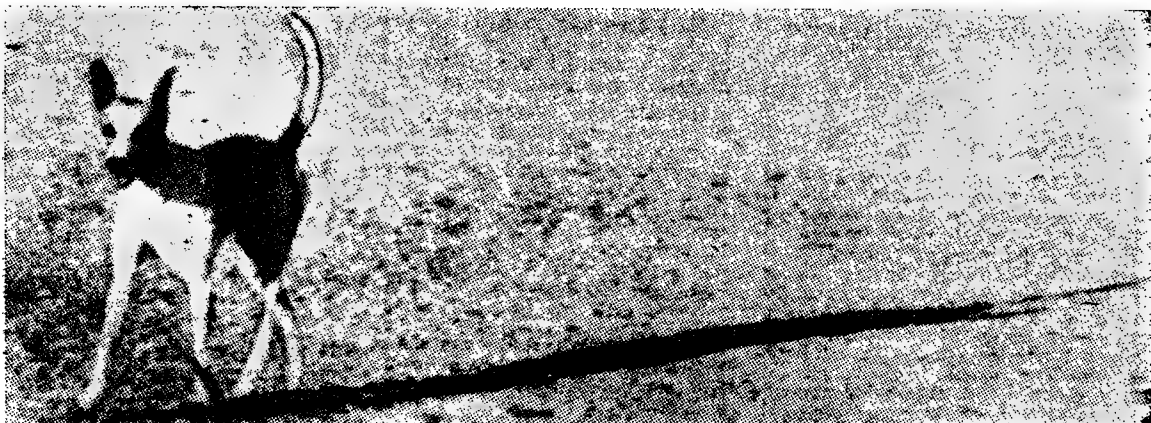
— Os alunos são obrigados a conhecer tudo o que diz respeito ao teatro, técnica do palco e administração. Constroem tecnicamente, com as suas próprias mãos, o espectáculo para os actores. Graças a um sistema rotativo, todos os alunos passam pelos diversos sectores em que se divide a organização teatral. Carpinteiros e pintam cenários, mas também dirigem a cena, administram, etc. Na actividade teatral inglesa o director de cena assume papel primordial.

— Defina, em síntese, a organização teatral britânica.

— Escolhido um texto, e escolhidas as pessoas que o vão montar, há uma reunião em que o encenador marca directrizes. Ao director de cena compete viabilizar essas directrizes. Poderá, no entanto, negar determinado cenário por não haver disponibilidades financeiras, uma projecção por falta de material, etc. O director de cena tem, em Inglaterra, um valor não reconhecido em Portugal. O director de cena dirige uma equipa composta pelo assistente, pelos técnicos de luz e de som, pelo encarregado do guarda-roupa, pelo cenógrafo e pelo aderecista. E' com o director de cena que o encenador se tem de entender. Compreende-se que assim seja. Os encenadores ingleses não estão fixados em companhias certas. E' necessário, portanto, que exista alguém que conheça perfeitamente toda a organização do teatro, no qual o encenador vai episodicamente trabalhar. Aliás, os encenadores foram quase sempre directores de cena. Antes de se iniciarem os ensaios, o espectáculo está já de tal maneira planificado que, na montagem, não há problemas, económicos ou outros. Como todos os planos são cuidadosamente conservados, qualquer reposição se encontra enormemente facilitada. O director de cena (ou o seu assistente) tem de assistir a todos os ensaios, bem como todos os técnicos. Se necessário, o director e o assistente auxiliam os técnicos: carpinteiros, pintam, etc. Por sua vez, os técnicos da luz e do som, o aderecista, podem dar sugestões que o encenador aceita com a maior simpatia. O director de cena é como um maestro. Dispõe de um livro de ponto dividido em várias colunas: chamadas dos actores, marcação, luz, som, teia. Por este livro, ele comanda todo

o espectáculo por intermédio do sistema sonoro ou luminoso de que os teatros dispõem. Até nos camarins há instalações sonoras que permitem avisar os actores da sua vez de entrada em cena. Voltando ao meu curso. Há aulas de electricidade e técnica da iluminação dadas por professores especializados (na Universidade de Bristol), com prática laboratorial, permitindo descobrir novos processos de iluminação. Aulas de direcção de cena, cenografia, sonoplastia. Aulas de modulação com arquitectos. No curso não há compartimentos estanques: todos têm de saber tudo. Por exemplo, temos aulas em que aprendemos a construir adereços. O professor manda-nos procurar cascas, folhas de árvores e pedras. E dá-nos um exercício: fabriquem adereços com esses ma-

(Continua na página central)



Na terra seca, onde o Sol dardeja a prumo, «Baleia» e a sua sombra magra. Inteira e esguia. Dramática e angustiada. Ela vai morrer sonhando adormecer para acordar feliz junto de Fabiano, Sinhá Vitória, os meninos e as cabras

Um filme boicotado pelo Brasil rico para se não pensar no Brasil pobre

Um grande talento dramático, vigoroso e autêntico, foi o que Nelson Pereira dos Santos descobriu em «Baleia», a cadelinha «vira-lata» que encontrou em Alagoas e transformou na «estrela» de «Vidas Secas». Nunca até agora, no Brasil, um realizador de cinema tinha tentado explorar o talento de um animal, mas Nelson não tinha outro caminho: para filmar o romance de Graciliano Ramos precisava duma cadela que aparecesse muitas vezes na obra com maior destaque do que Fabiano, sinhá Vitória ou os dois

filhos do casal. No começo foi difícil: atordoada com tantas máquinas e muita gente à sua volta ela tinha vontade de fugir ou de morder. Depois acostumou-se e, por fim, já tinha o comportamento de uma veterana.

Terminado o filme «Baleia» pagou o seu tributo à fama: arranjou um pretendente — o cachorro de «mané» Garrincha, o «galo doido» do futebol brasileiro.

No princípio eram seis a fugir da seca: Fabiano, o vaqueiro desempregado, sinhá Vitória,

sua mulher, os dois filhos, a cadela «Baleia» e o papagaio mudo. A caatinga avermelhada pelo sol e salpicada de manchas brancas (que eram ossadas) negava água e comida. E só de vez em quando dava a sombra de um juazeiro para o descanso.

Quanto ao mais, só o voo dos urubus á procura de bichos moribundos. O papagaio foi sacrificado: a fome era demais. Para «Baleia» sobram os pés, a cabeça e os ossos do amigo.

A viagem prosseguiu, mais lenta, mais arrastada. Apenas cinco sobreviventes e a «Baleia» à frente do grupo. Arqueada, as costelas á mostra, corria ofegando, a língua fora da boca.

Até que surgiu uma fazenda sem vida: o curral estava deserto, o chiqueiro das cabras arruinado, a casa do vaqueiro fechada. Fabiano decidiu ficar; a fazenda renasceria.

Veio a chuva e, com ela, o dono da terra. Fabiano foi expulso. fez-se desentendido, «fereceu» os seus préstimos e foi aceite. Era vaqueiro de novo. O trabalho era pesado e rendia pouco, mas Fabiano não se incomodava. Labutava o dia inteiro com a ajuda de sinhá Vitória, dos filhos e

(Continua na página central)

RITMO NA PARTE NOVA

por **PEDRO ALVIM**

Fomos, uma destas noites, ao Roma. Sempre foi da nossa predileção aquele cinema, discretamente afastado da grande avenida nova, todo quadrangular na pouca superfície da praça. E' um cinema de vidros bem desenhados, de piso fofo e colorido, um fio de musica suave nos intervalos. As arrumadoras, todas de azul, são diligentes com os espectadores — e dir-se-ia que a moeda branca que lhe oferecemos fica a sorrir na palma leve de sua mão...

...Pois fomos ao Roma. Projectava-se, na tela, «Mocidade em férias», denominado em inglês «Summer in holiday», o que, efectivamente, vem a ser a mesma coisa. Filme realizado por Peter Yates, e interpretado por Cliff Richard e Laurie Peters,

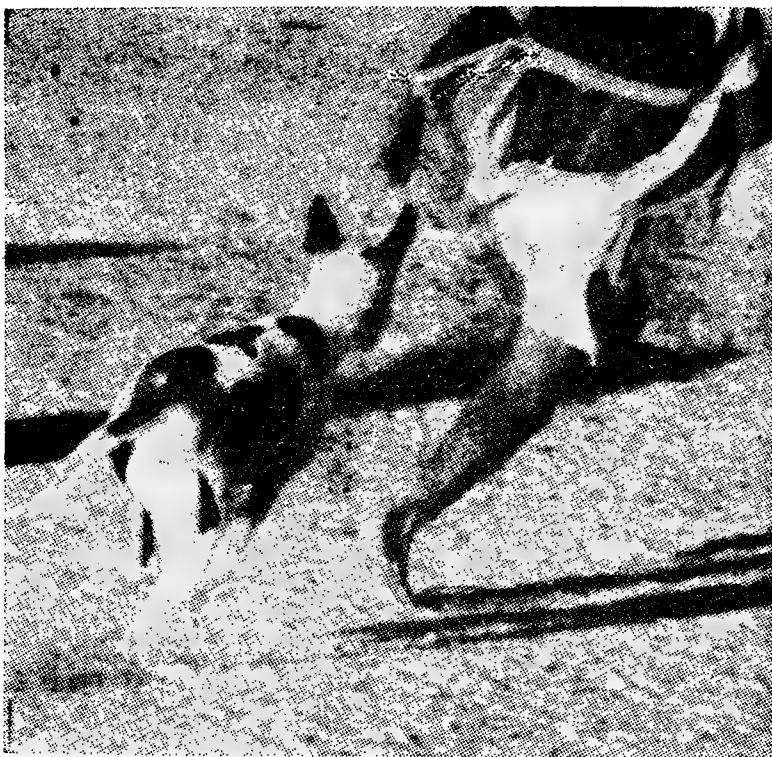
(Continua na página central)



THE MASTERS, adaptação por Ronald Millar da novela do mesmo nome de C. P. Snow. — Brown: «Mrs. Royce, permita que lhe apresente o nosso convidado, «sir» Horace Timberlake». Mrs. Royce: «Como vai? Lamento muito sinceramente não se encontrar presente meu marido...»

(Continua na página central)

Diário de Lisboa



«Baleia» e o menino mais novo brincam no pátio da fazenda. Brincam para esquecer a fadiga do trabalho e a recordação, ainda mais forte, da tragédia da seca

(Continuação da 1.ª página)

de «Baleia», que tomava conta das cabras.

As coisas foram acontecendo: Fabiano foi à cidade comprar mantimentos, perdeu dinheiro ao jogo, foi preso e apanhou na prisão. Sinhá Vitória sonhava com uma cama de verdade e ficou furiosa com Fabiano porque ele se ri da sua falta de jeito quando calçava os sapatos de verniz. O menino mais novo viu o pai do mar uma égua alazã e quis praticar uma façanha que espantasse o irmão e a cadela: tentou

cadela tentou fugir, mas sentiu que as forças lhe faltavam. Quis morder Fabiano. Estava a perder sangue e já não latia: uivava baixinho. Morreu a querer dormir para acordar feliz e lamber as mãos de Fabiano, brincar com os meninos e encontrar muitos preás, todos gordos, enormes. A vida continuou. Mas Fabiano e a família, todos, tinham saudades da «Baleia».

Um dia o bebedouro encheu-se de aves de arribação: era a seca a chegar.

Mais uma vez Fabiano teve de fugir em busca de um lugar onde ele, a mulher e os filhos pudessem viver uma vida melhor.

Quando Graciliano Ramos publicou «Vidas Secas», em 1938, o livro foi recebido como o grande romance do ciclo nordestino. Nem mesmo os seus livros anteriores apresentavam um clima tão cruel, com tão poucas possibilidades para a sobrevivência das personagens. A terra endurecida pela seca exigia muito de Fabiano e de sua família e quase nada dava em troca. Esperança quase não havia. Retratava o que todos consideravam ser o drama fiel dos nordestinos. O livro passou, assim, a ser um clássico da literatura brasileira, uma leitura obrigatória. Ninguém pensou em filmá-lo na época, primeiro porque o cinema brasileiro estava atrasado, e também porque não havia um realizador com a audácia suficiente para tentar a adaptação. Humberto Mauro era um homem sózinho. Sómente 23 anos depois, Nelson Pereira dos Santos, autor de «Rio, 40 Graus» e «Rio, Zona Norte», associando-se ao uruguaio Danilo Trelles, decidiu filmar «Vidas Secas». Partiu para o interior de Alagoas com uma equipa de técnicos e logo sofreu a sua primeira derrota. Não havia a terra calcinada que ele esperava encontrar: estava tudo inundado. Como tinha compromissos com o grupo uruguaio, improvisou, então, outro filme:



O sorriso oferto de Dany Robin

montar o bode. Foi atirado para longe, o irmão riu-se e «Baleia» desaprovou a aventura.

O menino mais velho também tinha um problema: aprendera uma palavra muito bonita — inferno — mas logo descobriu que ela designava coisa ruim.

Houve uma festa na cidade e Fabiano embebedou-se. Um dia teve um encontro com um soldado amarelo. Pensou matá-lo, mas acobardou-se.

Nas contas com o patrão saía sempre a perder porque havia os juros.

Veio o Inverno e a casa quase foi arrastada pelas águas.

«Baleia» trabalhava e apanhava. Outras vezes era acariciada. Uma das suas obrigações era conduzir as cabras ao bebedouro. E sempre apanhava pontapés que achava desagradáveis mas necessários. Fugia para os evitar, mas às vezes era apanhada desprevenida. Corria a latir e ia-se escondendo no mato. Um dia começou a emagrecer, o pelo caiu e apareceram-lhe chagas na boca. Fabiano pensou que era hidrofobia e amarrou-lhe um rosário de sabugos ao pescoço. Mas «Baleia» piorou e o vaqueiro acabou por decidir matá-la. Com uma carga de chumbo numa perna traseira, a

● Jill St. John, que contracenou com Frank Sinatra na distribuição Paramount «Come Blow Your Horn», a versão do êxito da Broadway, que se estreou no Rádio City Music Hall de Nova York, está a trabalhar com Dean Martin e Jerry Lewis — mas separadamente, claro. Jill St. John, que recentemente concluiu a sua actuação ao lado de Dean Martin em «Who's Been Sleeping In My Bed?», está actualmente a filmar «Who's Minding The Store?», com Jerry Lewis.

● «Tiempo aberto» de Javier Aguirre e «La suerte» de Mario Camus foram as curtas-metragens apresentadas pela Espanha no festival. «Tiempo aberto» foi rodada durante os cursos de Verão da Universidade de Santander e indaga opiniões e ideais dos estudantes estrangeiros que os frequentam, deixando-os falar e intercalando «fotos-fixas» e alguns metros de actualidades.

«Mandacaru Vermelho». No ano passado voltou e foi mais feliz: não havia chuva. O seu grande problema foi, porém, encontrar uma cadela que pudesse interpretar o papel de «Baleia», uma das personagens principais do romance. Encontrou-a e o trabalho maior foi, de início, fazê-la actuar como uma grande actriz dramá-

O realizador de «Vidas Secas»

Nelson Pereira dos Santos é carioca. É jornalista há muitos anos. Trabalhou no «Diário Carioca» e no «Jornal do Brasil». Em 1955 fundou uma cooperativa para rodar o primeiro filme. Toda a sua equipa trabalhou com sacrifício: moravam todos num apartamento, dormindo até no chão, e o prato único que tinham era macarrão. Quando terminou «Rio, 40 Graus», a película foi proibida pelo chefe da Polícia, com a alegação de que nunca os termómetros tinham registado temperatura tão elevada no Rio de Janeiro. E foi muito atacado por mostrar a vida miserável das favelas quando havia, no Brasil, tanta coisa boa para mostrar: a Quitandinha e Copacabana, por exemplo. Autorizado, depois, pela censura o filme, graças àquela excelente e gratuita campanha de publicidade, foi um êxito de bilheteira e mereceu os melhores elogios da crítica, mesmo da estrangeira. Outras películas suas: «Rio, Zona Norte», «Mandacaru Vermelho» e «Boca de Ouro».

tica. Era a primeira vez no cinema brasileiro que um animal tinha um dos principais papéis. Nelson voltou satisfeito com o que conseguiu. Quer agora exhibir o filme em todo o mercado brasileiro e ganhar um prémio num festival internacional, repetindo a façanha de «O Pagador de Promessas».

Mas as coisas não lhe têm corrido de feição. Chianca de Garcia, ilustre colaborador deste jornal e autoridade de renome, numas das ultimas das suas sempre notáveis «Cartas do Brasil» referiu-se ao filme. Teceu-lhe os maiores elogios, justíssimos e sentidos, e disse verdades amargas. Depois voltou a falar em «Vidas Secas» para anunciar o seu absoluto fracasso comercial. O Brasil dos ricos boicotou a obra. Levou-a à derrota. O Brasil dos ricos não quer ter sobresaltos e amargos de boca. Não quer problemas de consciência. O Brasil dos ricos não quer pensar no Brasil dos pobres.

E assim em todo o Mundo. Não é só no Brasil que isto se dá. Mas Nelson Pereira dos Santos não desiste e não se rende. Tal como Fabiano ele continua a lutar, com os seus filmes, para que os homens possam vir a ter uma vida melhor.

Mais uma tentativa, portanto, de cinema-verdade. Mas tentativa falsa e agravada a partir do momento em que aqueles estudantes falam em castelhano correctíssimo, o que rouba, ainda, espontaneidade às suas confidências.

Quanto a «La suerte», de Mario Camus, (guitonista de «Los golfos» e autor de outra curta-metragem «Los borrachos»), apresenta cenas de rua, cauteleiros e compradores de lotaria e o andar da roda de «el Gordo», além de outros sorteios espanhóis. Não há comentário falado ou musical, apenas o ruído ambiente.

● Alan Ladd, que se tornou famoso de um dia para o outro no filme da Paramount «Aluga-se esta Arma», e reteve a sua fama em 25 outros filmes da Paramount, incluindo o fabuloso sucesso que foi a película «Shane», reúne-se agora em «The Carpetbaggers» a George Peppard e a Bob Cummings, que no filme é o agente de Hollywood Dan Pierce. Como Nevada Smith, Allan Ladd obteve um dos mais importantes e cobicados papéis na versão cinematográfica do êxito de livreria de Harold Robbins, que conta a história de Jonas Cord, Jr. (George Peppard), um audacioso magnate, que funda uma dinastia cinematográfica. Este filme é considerado como uma das mais importantes películas dos últimos anos, a ser rodada inteiramente em Hollywood. A sua realização pertencerá a Edward Dmytryk e o argumento foi assinado por John Michael Hayes. «The Carpetbaggers», será rodado em superpanavision de 70 mm e technicolor.

● Outra graça inofensiva esta agora a propósito do filme norte-americano «Dime with a halo» e do seu bando de garotos. Não creio que tenham trazido este filme a San Sebastian só pelo facto de ser interpretado por crianças, dado que estas enxameiam o cinema espanhol e nele pontificam como grande cartaz. Isso era antes com as películas onde entravam padres... Quando aparecia uma sotaina, logo havia quem gritasse «Toma nota, esta é para o festival de San Sebastian!...».

(Continuação da página anterior)

secundados por um grupo de gente nova — alegre, bem disposta e dinâmica — trata-se de um celulóide que, no género, logra o aplauso espontâneo de quem se rende à arte das imagens em movimento. Lembrados ainda estávamos de «West Side Story» — e ali tínhamos, mais uma vez, uma acção coreografada, toda dirigida para a dança íntima de cada um de nós. Repousante, permitindo que os nervos se distendessem, o ritmo da música imiscuia-se na fadiga de todos os dias — e dispersava-a, desfazia-a no próprio instante em que algo no «écran» perpassava em atitude de dança... «Mocidade em férias» encerrava, na verdade, um Verão descolorido — e era ali, na tela branca, que se encontrava tudo quanto não havíamos feito...

Uma jovem, no intervalo: — Quem me dera um Verão assim!

Cliff Richard, no prosseguimento da história, insinuou, musicado, que tudo na vida passa. Mas há sempre na existência um momento máximo: e pode ser o sol, e pode ser um rosto, um fruto, uma carta...

Laurie Peters, muito feminina, de rosto um tanto erótico, e toda sob o moço que a deseja, tem um murmúrio de palavras de grande suavidade. Subitamente, a coreografia de tudo se apodera: é um largo movimento de alegria, de pernas e de braços, de olhos e de bocas! Tudo se precipita, tudo se enlaça, tudo se eleva — e tudo, novamente, se afasta e diminui em perspectiva de «plongée»...

...E eis um dos derradeiros planos do filme: «The Shadows», em



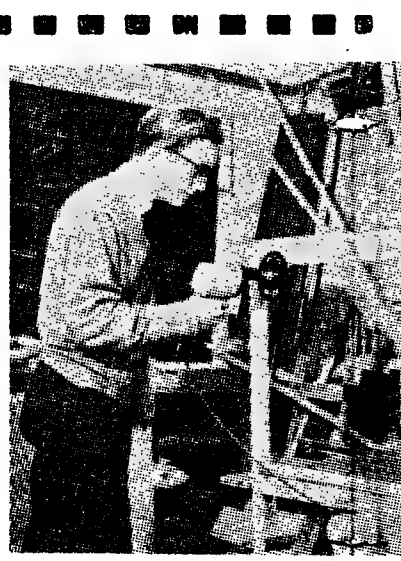
«Days of wine and roses» («Escravos do ven sendo exibido. Os seus intérpretes comprovam, uma vez mais, a razão do

(Continuação da 1.ª página)

teriais. Somos, também, encarregados de procurar, nas casas de antiguidades adereços para determinadas peças. Aprendemos a resolver os problemas levantados pela administração de um teatro, temos aulas sobre organização teatral. Além disso, temos trabalhos manuais para a execução de «maquettes»; aulas de corte em que, efectivamente, cortamos, e de história do traje. Para dar uma ideia da qualidade das aulas do «Old Vic School», dir-lhe-ei que o cenógrafo-chefe foi bolseiro no «Berliner Ensemble». Uma das mais curiosas experiências que tive no meu curso foi a que se relacionou com o seguinte exercício: como vestir «Sonho de uma noite de Verão» de forma mais próxima de nós. Estudámos o texto e durante três aulas discutimos o tema e as sugestões feitas. Apresentei, devidamente alicercada, a sugestão de fazer passar a peça de Shakespeare na

trajos regionais gregos, ora de perfil, ora de frente, sublinham de ritmo os últimos metros do celulóide. A música fica-nos no ouvido e nos olhos — e, fora, na precipitação de se apanhar o autocarro da 1 hora, que é o último, ali na Alameda D. Afonso Henriques, quem o filme viu, como que vai impregnado do seu movimento. Dir-se-ia que a máquina de projectar, ultrapassando o «écran», desdobra a película nas artérias novas, corridas de veículos e de transeuntes...

Chega o autocarro ao seu destino: um disco de Cliff no «pick-up», os bilhetes da plateia no cinzeiro e o programa devidamente colecconado.



Construção cénica: os alunos, futuros «maquet



«Escravidão do Vício», filme de Blake Edwards, tem obtido êxito assinalado, onde quer que seus intérpretes principais, Lee Remick e Jac Lemmon, atingem elevado nível dramático e técnico, a razão do seu fulgor e o apreço em que são tidos nos estudos de Hollywood e pelos cineastas e cinéfilos de todo o Mundo

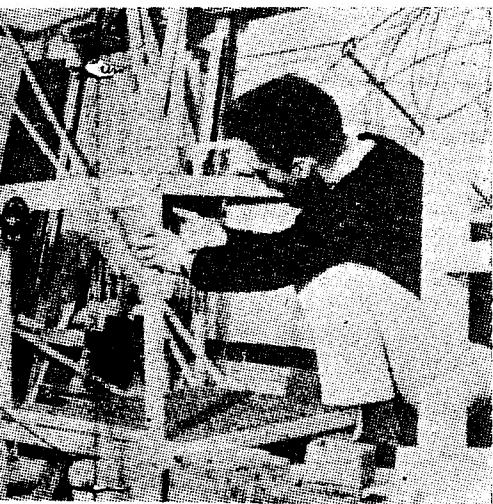
Atto

(página)

encarregar as casas de para determinar a relevância de um teatro, organização dos trabalhos, execução de corte em cartões, e Para dar de das aulas, dir-lhe-foi bo-ensemble». experiência foi a seguinte «Sonho de de forma Estudamos aulas dis-sugestões vividamente de fazer espere na

OVA

s, ora de sublinham metros do ca-nos no e, fora, na a último, onso Hen-viu, como o seu mo-a máqui-assando o lícula nas de vel-... seu des-o «pick-plateia no a devida-



alunos, futuros actores, na construção de uma «maquette»

«belle époque», tendo a minha sugestão sido bem aceite.

—Havia alguma norma para o estudo de uma peça no que diz respeito à sua encenação?

—Sim. Tínhamos o seguinte quadro para estudar: século em que o autor viveu—acontecimentos históricos—pintores (retratistas e paisagistas)—mobiliário e guarda-roupa da época.

—Quer dizer alguma coisa dos cursos dos actores?

—No primeiro ano, as aulas são constituídas essencialmente pelo seguinte: dicção (com prosa e versos); improvisação com o corpo (segundo os métodos de Stanislavski); esgrima; judo. Todas estas aulas são dadas por professores especializados. De resto, devo dizer-lhe que as cenas de ballet, esgrima, etc., são, em Inglaterra, ensinadas por especialistas. As aulas mais interessantes são, talvez, as de movimento, que se aprende jogando com bolas medicinais, improvisando movimentos ao som de música. Seria interessantíssimo trazer a Portugal o professor Raphael Shelley que gostava imenso de vir cá, e fazer com ele um curso para professores de ginástica competentes, que assim ficariam habilitados a ajudar o actor num aspecto fundamental e tão descuidado entre nós: o que diz respeito à exploração e domínio de todas as capacidades corporais. No segundo ano, os alunos interpretam peças de autores dos estilos mais diversos. No final do último ano lectivo foi encenada a peça de Lauro Olmi «La camisa». Fui convidado, pela mesma altura, a encenar a «Yerma», o que farei no meu regresso. Ainda a propósito das aulas para actores, quero contar um episódio que demonstra como em Inglaterra há toda uma teoria de compreensão ao serviço do teatro. Assisti uma vez a um ensaio de leitura em que os alunos liam uma peça de Ionesco, movimentando-se. Estranhei o facto, e a professora explicou-

me: «Você não vê como está um dia tão bonito! Se os pusesse só a ler, acabariam por se aborrecer e não colheriam nada da aula. Assim, crio-lhes mais um motivo de interesse que os obriga a estar atentos...» A camaradagem que reina entre todos é outro factor importante, a essa camaradagem não sendo alheia a familiaridade que se estabelece entre professores e alunos. O convívio na cantina — que é dirigida pelos alunos — e nos «pubs», renova quotidianamente essa camaradagem. Esse convívio constitui como que um prolongamento das aulas, pois permite discutir livremente o que se fez ou fará.

Quando John Gielgud se levanta em cena

—O papel do encenador, em Inglaterra, não assume a importância que tem em Portugal...

—Assim é, de facto. Por exemplo: o problema da marcação. É certo que há ainda encenadores que fazem uma marcação rígida. Mas, modernamente, o processo que se segue é de dar liberdade aos actores. A marcação é discutida livremente com os actores. Estes têm plena consciência do que estão a fazer, podendo sugerir modificações se não se sentirem à vontade na marcação estabelecida. Em Portugal, o encenador, quando existe, é um ditador. Em Inglaterra, o encenador usa processos menos rígidos, mais subtils, sugerindo mais do que impondo. É claro que os actores ingleses estão mentalizados de molde a permitir a sua participação activa na elaboração do espectáculo. Veja: os alunos do «Old Vic», de Bristol, vão estagiar no «Royal Theatre». Lá varrem o palco, auxiliam os técnicos, levam o chá aos actores. O actor principiante tem que fazer todos os serviços. Aquilo que um estagiário entre nós se recusa a fazer... por ser actor! Nos primeiros tempos, a vida dos actores jovens é muito dura. Têm que trabalhar muito. Não pense, além disso, que o teatro inglês está expurgado de todos os vícios e maus hábitos. Veja este caso: um actor jovem que fazia uma ponta em determinada peça, descobriu uma linha de interpretação feliz, com a qual conseguia, todas as noites, fazer um brilhante. Em certa noite, descobriu que o público deixara de reagir à sua actuação. Desesperado, quis saber o que acontecera. Explicaram-lhe: John Gielgud, que entrava nessa cena, resolvera simplesmente levantar-se enquanto o actor falava. E assim o lançou no olvido...

(Conclui no próximo numero)

EXITO

(Continuação da 1.ª página)

quem salvou Manuel de Oliveira. Foram as pessoas que sentiram a força, o talento e a vocação do autor do «Douro, Faina Fluvial» e do «Aniki-Bóbó», essa minoria que se transformaria, depois, no vasto e dinâmico movimento dos cineclubes, quem arrancaria o nosso mais coerente e bem dotado autor de filmes a um silêncio de 14 anos. Impressionado por essa revisão crítica e correspondente valorização da sua obra inicial, Manuel de Oliveira decidiu-se a retomar a actividade da grande paixão da sua vida, apetrechando-se tecnicamente e estudando em alguns centros europeus os problemas da cor e do som.

Assim surgiria «O Pintor e a Cidade», documentário de grande beleza, que marca não só o começo de actividade do nosso cineasta mais representativo, mas assinala também o início da fase a que chamaremos «angustiada», «contemplativa» ou «colorida».

Só então lhe seria atribuído um prémio oficial — mas a fotografia do «Pintor e da Cidade» — e concedidos subsídios para «O Auto da Paixão» e «A Caça», depois de várias recusas, agora renovadas ao indeferirem-lhe o pedido de comparticipação do Fundo do Cinema para «A Velha Casa», de José Régio, embora tais auxílios tenham sido dados a filmes insignificantes. Depois do «Pão» — um longo documentário com fragmentos muito belos e corajosos — a estreia dos seus últimos dois filmes é aguardada com o maior interesse, interesse justificado porque hoje ninguém ignora o mérito técnico e artístico de Manuel de Oliveira, a sua capacidade criadora e a densidade verdadeiramente invulgar da sua obra.

Vai longe o tempo em que alguns se lhe referiam desdenhosamente, acimando-o de «amador» e de dilettantismo. É possível que no início essas classificações tivessem algum cabimento, pois o jovem de 20 anos que filmou o «Douro», com António Mendes, era o mesmo que se dedicou com entusiasmo à ginástica e ao automobilismo. Mas o cinema — campo onde começara logo com um filme que é, ainda hoje, a obra mais notável da cinematografia portuguesa — acabaria por dominar por inteiro todas as restantes actividades desportivas. O cineasta amadureceu e, praticamente isolado, prosseguiu uma obra, que é totalmente sua, artesanal e fruto de uma individualidade forte e pouco vulgar.

Manuel de Oliveira, em 30 anos de uma actividade persistente, embora irregular, evoluiu. O realista por instinto, inteligência e sentimento crítico, deixou-se penetrar pela angústia do bem e do mal e situa-se, hoje, numa posição solidária com o homem e os seus destinos, que tanto pode ser a de um cristão como a de um laico sensível aos dramas individuais e colectivos do mundo de hoje.

Manuel de Oliveira manteve sempre, porém, uma forma muito própria de exprimir-se, uma seriedade acima de toda a dúvida, um apurado gosto, um espírito atento e um sentido crítico da maior agudeza. Modesto até à humildade, hesitando a cada passo dado, Manuel de Oliveira tem uma clara noção das suas responsabilidades. Mas uma vez encontrado o caminho, marcha com decisão para as soluções almejadas.

Os seus filmes têm, por isso, a marca do amadurecimento, embora se saiba que ele improvisa um pouco, até ao último instante. É o que pode classificar-se, um pouco paradoxalmente, como o artista da inspiração repentina, depois de muito pensada...

Sim, Manuel de Oliveira trabalhou quase sempre afastado do chamado «ambiente cinematográfico» português. Nunca pactuou com o comercialismo e a aventura, para fazer filmes de qualquer ma-

Romy Scheneider

A actriz Romy Scheneider, que se encontra em Hollywood para interpretar um filme ao lado de Jack Lemmon, foi escolhida pelo realizador Nicholas Ray, como protagonista do seu próximo filme, intitulado «Text stop — Paradise», o que significa «Próxima Paragem — Paraíso».

neira. Chegou a isolar-se e quase a desistir. Nem sequer «queimou as asas» numa ou noutra concessão momentânea — como é o caso de «Famalicão» — que definitivamente abandonou. Diziam alguns em surdina que, se nunca se traiu a si próprio ou deu o seu nome a obras de pacotilha é porque é rico. Creio, porém, que nunca o fez porque é honesto!

Aliás, o facto de ter meios nada prova e no caso de Manuel de Oliveira isso possibilitou-lhe a prática de alguns sacrifícios, para que hoje todos corram, com o maior interesse, a ver filmes como «Douro, Faina Fluvial» e «Aniki-Bóbó». O ter a sua própria aparelhagem permite-lhe, ainda, ser independente e poder produzir o que lhe interessa e agrada. É certo. Mas também é certo que cada filme representa, em certos casos, o sacrifício esgotante de anos de trabalho, em que acumula as funções de argumentista, planificador, realizador, operador e montador!

Sim, Manuel de Oliveira é um caso à parte na cinematografia portuguesa, o nosso primeiro grande cineasta de craveira internacional.

A sua obra é já hoje clássica — mas só agora o seu nome se está

Concurso Internacional do Filme Experimental

Realiza-se de 26 de Dezembro a 2 de Janeiro, em Knokke-le-Zoute, Bélgica, o terceiro concurso internacional do filme experimental, organizado pela «Cinemateca Real Belga». Por filme experimental, os organizadores entendem qualquer obra que represente uma tentativa de renovação da expressão cinematográfica.



O «Trio Harmonia» — agrupamento português na senda dos grandes triunfos internacionais

Uma vez mais o «Trio Harmonia» alcançou o galardão máximo de uma competição internacional de harmonia. Agora foi o campeonato do Mundo que acaba de ser disputado em Estrasburgo, sob os auspícios da Federação Internacional de Harmonia e da Associação «Juventude Musical da França».

Constituem este trio de vencedores os jovens José Peralta, Hermenegildo Mendes e Raul Mendes, tendo o grupo sido criado há seis anos.

Estiveram representadas no campeonato, agora disputado, no Pavi-

verdadeiramente a tornar popular. O «Aniki-Bóbó» foi um fracasso comercial, quando apareceu há vinte anos. Hoje é um êxito, até na Televisão, e críticos portugueses e estrangeiros classificam aquele filme como uma notável obra neo-realista — «avant la lettre».

Apesar da evolução já referida, o pendur realista de Manuel de Oliveira manteve-se suficientemente ao de cima para continuar a constituir uma das características dominantes da sua obra — que felizmente prossegue, numa linha de irrepreensível dignidade artística e intelectual. E' essa dignidade exemplar que hoje aqui festejamos, com alegria, visto ela ser tão rara no panorama cinematográfico português.

Minhas senhoras e meus senhores:

A presente homenagem a Manuel de Oliveira é não só um acto de justiça, como um acto cívico do maior interesse. Ele deu nova dimensão ao nosso cinema, introduziu-lhe exigências e destruiu o mito de que, neste domínio, éramos incapazes de contribuir para a cultura. Constitui também esta homenagem um valioso estímulo para as novas gerações, pois ela prova que, quem verdadeiramente trabalha para o seu povo, com seriedade, dando-se-lhe inteiramente como sempre fez Manuel de Oliveira, será, mais tarde ou mais cedo recompensado.

Manuel de Oliveira, ao fazer os seus filmes, nunca teve em mira ganhar fosse o que fosse, nem sequer uma crítica louvaminheira e fútil. Trabalhou e sacrificou-se para criar uma obra autêntica, contribuindo assim para a dignificação do cinema português.

Hoje, chegou a hora de lhe manifestar a nossa gratidão pelo esforço e pela dádiva valiosa. E fazemo-lo muito singelamente ao assegurar-lhe que a sua obra foi fundamental para cimentar os alicerces do cinema português do futuro.

Palmas, pois, para Manuel de Oliveira.

(Palavras proferidas na sessão de homenagem a Manuel de Oliveira, efectuada, em 27 de Setembro último, na Casa da Imprensa).

lhão de Festas de Estrasburgo, 25 nações e as provas dos concorrentes foram sempre seguidas por uma assistência numerosa e rica de entusiasmos. O campeonato englobava três categorias: «solistas», «trios» e «quartetos e quintetos».

Ainda há meses — em Dezembro do ano passado, precisamente — o «Trio Harmonia» conquistara outro título mundial, alcançando o 1.º prémio do Concurso Internacional de Harmonia, efectuado em Trossingen (Alemanha Ocidental), em competição com 507 concorrentes, representando 32 países.

**ÊXITO
A PÓS
ÊXITO**

o "PASSATEMPO PAC"

**JÁ VAI NO 6.º MÊS
DE LOTAÇÕES
ESGOTADAS**

«ORQUESTRA PAC»
sob a direcção de: Victor Bonjour
**PRÉMIOS
CONCURSOS**



LOCUÇÃO DE:
**FRANCISCO ARMANDO
E
RUI CIDRAIS**



DOMINGO, 6 DE OUTUBRO DAS 11 ÀS 13 H.
PARA MAIORES DE 12 ANOS
NO

EDEN-TEATRO



**MANUEL LERENO ★ MARIA MARIZE
FERNANDO CONDE E OS SEUS ELECTRÓNICOS
NATALINA JOSÉ ★ BELINHA COSTA**

COMA
CHOCOLATES
DA
FAVORITA



O CANTOR MISTÉRIO E **CARLOS MESQUITA**

NA SUA PRIMEIRA APRESENTAÇÃO AO PÚBLICO
APÓS O SEU REGRESSO DE ÁFRICA

oferecerá a todos os espectadores fotografia autografada



OFERECEM BILHETES AS SEGUINTE FIRMAS:

VILARINHO & SOBRINHO, LDA.	Rua das Janelas Verdes, 60
GALERIA DAS NOIVAS	Rua Ferreira Borges, 90
PANIFICAÇÃO S. ROQUE	Trav. do Rosário, 16
MELODIA	Rua do Carmo, 23
CASA FERREIRA	Rua da Rosa, 185
PANCHITO	Av. Guerra Junqueiro, 19-B
FARINHA PREDILECTA	Rua Ferreira Borges, 193-A
SOC. PERFUMARIAS DORLAN	R. António Maria Baptista, 20
TEIXEIRA, LOPES & NEVES, LDA. ...	Rua Nova do Almada, 1 a 9
LANALGO, LDA.	Rua de Santa Justa, 42
PANCHITO	Rua Barros Queirós, 36
PAPELARIA «A LITERÁRIA»	Rua Saraiva Carvalho, 288-A

TEIXEIRA, LOPES
& NEVES, L.
Rua Nova do Almada, 1 a 9
Ferragens
Ferramentas
Menage
Máquinas industriais
e agrícolas

PARA O PENTEADO
MODERNO

CAB-O-CREM

MASCULINO-FEMININO

CAFÉ
CHAVE D'OURO
mais de 50 anos
ao serviço
do público

VILARINHO & SOBRINHO, L.
JANELAS VERDES - LISBOA

NESTE ESPECTÁCULO, SERÁ ENTREGUE A: TONY DE MATOS
A TAÇA QUE LHE COUBE NA ELEIÇÃO DO REI DA RÁDIO
PORTUGUESA DE 1962

VISADO PELA INSPECÇÃO DOS ESPECTÁCULOS

F. FERNANDES
& COSTA, LDA.

Compra — Venda e Hipo-
teca de propriedades

Av. Almirante Reis, 104-2.

NOVA CAMPANHA
DE BRINDES
DA
FARINHA
PREDILECTA

casa
FERREIRA

Todos os materiais
e utensílios para os tra-
balhos de belas artes
Rua da Rosa, 181, 185 e 189
Filial — Rua da Vitória, 44
Lisboa-2

Leve o seu
pequeno a
visitar o
PANCHITO
(ENQUICADO EM TODOS OS GÉNEROS)
Rua Barros Queirós, 36
Av. Guerra Junqueiro, 19-B

MAGICOTE

A TINTA MAIS
AVANÇADA DO MUNDO

Alvorado DISCOS
ESTABELECIMENTOS
MELODIA
RUA DO CARMO, 204-27

BILHETES NAS BILHETEIRAS DO EDEN-TEATRO A: 5\$00 E 10\$00

ORGANIZADO EM COLABORAÇÃO COM O «DIÁRIO DE LISBOA»

os meus problemas

Passei este ano umas férias maravilhosas numa das nossas lindas praias. O meu grupo era estupendo, divertimo-nos bastante. Fazia parte do grupo um rapaz com quem me entendi muito bem, demô-nos lindamente, e as minhas amigas diziam que nos namorávamos mas não, ele nunca me disse nada a esse respeito. Quando nos despedimos trocámos as moradas e ele disse que havia de me escrever mas já lá vão três semanas e ainda não recebi notícias. Pelo meu lado, parece-me que gosto dele, pelo menos tenho saudades da sua presença, recordo-o a todos os momentos, e sinto um enorme desejo de lhe escrever. Não sei o que faço, por isso venho perguntar ao Tião se me fica mal escrever-lhe.

RESPOSTA

Não, não te fica mal escreveres a esse rapaz se o fizeres com naturalidade; por exemplo, podes mandar-lhe um postal com uma «vista» da tua terra, que ele não conhece, e uma frase simples, de simples amizade. O que eu te pergunto é se te valerá a pena dares o primeiro passo para o estabelecimento dessa correspondência que ele não deseja, pois que te prometeu escrever e ainda o não fez. Receio que estejas a fantasiar, a architectar um sonho inconsistente, a criar futuras preocupações, quando podes retomar a tua vida calma e sem problemas, e guardar das férias que acabas de passar uma agradável recordação.

Esse teu desejo de comunicação é natural. Mas talvez te baste, e talvez seja mais prudente, escreveres o teu diário... para ti. Afinal, tu não sabes nada nem do passado nem dos projectos desse rapaz. É natural que vocês tenham mantido uma boa camaradagem e, nesse plano um entendimento perfeito. Mas talvez seja arriscado pretenderes dar continuidade a essas relações de praia geralmente efémeras, e veres «nele» o teu ideal... És muito nova. Dá tempo ao tempo. Estes dias de transição, enquanto não recomças o trabalho, é que te custam a passar e deixam margem para esses devaneios. Mas dentro de uma ou duas semanas retomarás os teus hábitos de trabalho, as preocupações profissionais voltarão de novo, e esse «esboço de paixão» ficará reduzido às devidas proporções e verdadeiro significado.

Aqui tens, com toda a franqueza, o que deduzo da tua longa carta, que agradeço pela simpatia e confiança que me manifestas.

TIÃO

Férias, claro! Mas como?

(Continuação da 1.ª página)

Reabertura em meados de Setembro impede de assistirmos às grandes festas do campo; festas de natureza e de alegria, que são as vindimas, as festas portuguesas por excelência. No entanto, se me permitem, eu daria uma sugestão, quanto à distribuição das férias escolares. Aqui vai o respectivo mapa.

Reabertura — 5 de Setembro

Fim do 1.º Período — 20 de Dezembro

Início do 2.º Período — 3 de Janeiro

Fim do 2.º Período — 28 de Fevereiro

Início do 3.º Período — 1 de Abril

Fim do 3.º Período — 30 de Maio

Época de exames: Junho

Teríamos, assim, três períodos de férias:

O 1.º, Férias do Natal e Ano Bom, de 21 de Dezembro a 2 de Janeiro (total = 13 dias).

O 2.º, Férias da Páscoa, todo o mês de Março (total = 31 dias).

O 3.º, incluindo os meses de Julho, Agosto e os quatro primeiros dias de Setembro (total = 66 dias).

Realmente, se com o início a 15 de Setembro as vindimas ficavam prejudicadas, então mais valia não se contar com os dias anteriores a 15. Em geral, a instabilidade de Setembro, já convida ao regresso, à luta, ao trabalho, à actividade. Os dez dias que se ganhavam assim iam aumentar as férias da Páscoa, permitindo a transição do Inverno para a Primavera, dando mais tempo para a organização das excursões escolares, a uma possível contribuição dos alunos para os trabalhos do campo, etc., etc. sem falar ainda na recuperação da matéria perdida do 2.º período.

Evidentemente que os alunos que não tivessem exames ficariam livres em Junho, isto é, demasiado cedo... Mas competiria aos pais ou aos organismos escolares canalizar as suas actividades para fins úteis aos alunos e à colectividade. Por exemplo: porque não tornar obrigatória a aprendizagem dum ofício ou do aperfeiçoamento do «hobby» do aluno, durante o período que, para uns, é de exame e, para outros, é de ociosidade?

Enfim, isto é uma sugestão. Oxalá não digam que se trata de sugestão duma amiga... da onça...

(Continuação da 1.ª página)

dos deles e os meus olhos firmes nos seus, concordavam e aceitavam sem discutir.

— Agora vocês brincam e entretêm-se. Não se queixam um do outro. Não tiram os chapéus, nem fogem para longe.

Deitei-me então na toalha de riscas, assentei o meu «quico»,

abri o meu livro e, virada de modo a num relance poder vê-los, embrenhei-me na minha leitura. Divaguei, cavaleguei as letras e fui longe, para muito longe da praia. Ah, a que alturas me levam os livros que me agradam...

Deitei uma olhadela aos petizes. Abriam uma cova funda e estavam felizes e calmos.

O meu irmão tem quatro anos. É acentuadamente doli-cocéfalo, mas tem uns olhos mansos e uma boquinha rubra, em forma de rodela, que cativavam. É obediente, calado, risinho e quieto. Tem uma fala muito cómica, de petiz, e pode-se chamar-lhe uma criança simpática.

A minha irmã tem sete anos. É alourada e tem grandes olhos castanhos, e alongados como bolotas. Na vida quotidiana é uma actriz. Chora quando quer, põe cara ofendida ou radiante ou de espanto, conforme acha adequado. É exibicionista, fingida e mentirosa. Pode inventar uma mentira e mantê-la até ao fim, façamos e digamos o que dissermos. É o que se pode considerar uma criança antipática.

Verifiquei que estavam calmos e enveredei novamente pelos caminhos do livro. Quando daí a um pedaço olhei novamente, a minha irmã brincava sózinha. Pareceu-me particularmente estranho que ela deixasse sair dali o menino sem o vir acusar. Chamei-a mas continuou amontoando areia como se não me ouvisse. Gritei-lhe o nome. Tive a certeza que fingia apenas não ouvir. Pareceu-me até que virara um pouco mais a cara para o mar. Fui junto dela, ajoelhei-me no chão e perguntei-lhe: onde está o mano?

Ela indicou-me com o queixo o fundo da praia. Efectivamente, bastante longe, um garoto — parecia ele — seguia pela mão de uma mulher. Eu levantei a miúda, puxei-a pelo pulso e larguei a correr para fora. Ter-se-ia perdido o garoto e a senhora o encontrara?

Mas seria aquele realmente o meu irmão?

Se não era, onde estava ele? Os pensamentos assaltavam-me vertiginosos e pareciam correr no meu cérebro como os meus pés corriam na praia. Agora eu via nitidamente o menino pela mão de uma estranha. Chamei-o. Ele ouviu-me, voltou-se e parou. Estranhei porque não veio para mim. Então a senhora, sempre de costas, pegou na mão do menino e principiou novamente a andar vagarosa e cadenciadamente. A minha irmã tentava o impossível para se desprender da minha mão, mas eu mantive-me irrevogável, e muitas vezes puxava-a, outras içava-a ou arrastava-a, mas fui sempre seguindo a criatura, que tão senhora de si, levava o meu irmão; estranhamente, o rapazinho ia com ela sem se interessar pela minha presença alguns metros atrás. Eu queria ver no que aquilo dava, e ao mesmo tempo sentia uma espécie de temor não sei de quê.

A senhora foi caminhando e a sua sala de godés balanceando, preta e com lustro; ao lado, pela sua mão, o meu irmãozinho saltitava nos seus pezinhos pequenos. Abreirei-me e disparei:

— Minha senhora, este menino é meu!

Ela largou-lhe a mão e voltou no sentido contrário, pela beira-mar, sem dizer palavra e não acusando a mínima perturbação.

A menina encostou-se a mim muito assustada. Mas o meu irmão mal me olhou. Desatou a correr atrás da senhora e a gritar: «E o resto da história?»

E a história?» e foi juntar-se-lhe. A senhora deu-lhe a mão, olhou-o e fez sinais, e devia estar a continuar uma conversa interrompida.

Feita parva, seguiu-nos atrás até ao sítio da praia onde ficara a covinha deles e a minha toalha. Ai tirei-lhe novamente o menino, e empurrei-o para junto da irmã, e brinquei com ele, animei-o, falei-lhe, cantei com eles. Pareciam distrair-se, mas o olhar da senhora e o dele encontravam-se volta e meia e isso incomodava-me sobremaneira. A minha irmã tinha movimentos inquietos e embora brincasse, estava visivelmente nervosa.

Estendi-me na toalha, vigiando-os. Olhei ostensivamente a mulher. Vestia completamente de preto e mantinha um ar de força e firmeza incontestáveis. Parecia segura de si. O cabelo era curto e pintado de cor de vinho do Porto, excepto junto à raiz onde apresentava dois centímetros de uma alvura invulgar. Os olhos muito afundados na face, eram pequenos e tinham qualquer coisa de malvados. O rosto, de feições mirradas, apresentava-se todo coberto de um pó branco como farinha, empastado. Com um «baton», desenhara uns lábios que não existiam. A boca era apenas uma borradeira cor de tijolo, disforme e oleosa. E um sinal feito com a cabeça de um fósforo, estampava-se ridiculamente no queixo. As mãos brincavam incessantemente com uma medalha de esmalte que lhe pendia do pescoço velho, por uma fita preta, estreitinha, e o olhar devorava o meu menino.

Também o meu o seguia e redobrava de intensidade velando por ele. Chamei as crianças para comerem a merenda. Ela via-o ali perto dela e sorria de satisfeita e dava puxões no fio. Pensei que não devia ser normal e mantinha-me alerta como uma leoa vigia a cria, pronta a agredir se algo fizesse perigo aos meus irmãos. Notei com sobressalto que ela apoiava as palmas das mãos na areia erguia as nádegas e tornava a apoiar-se um pouco mais adiante. E assim se ia deslocando estrategicamente na nossa direcção. Ficou perto de mim. Perguntei-lhe o que queria.

Deixou cair no regaço a medalha de esmalte e pôs-se a rir. Na verdade espantei. Era a carita de um menino igual ao meu irmãozinho.

— É seu? — perguntei-lhe.

— É, é. Afinal não morreu — e pôs-se a apontar o meu menino.

Ergui os garotos e fui com eles até ao balneário, para os vestir; fui assim sem mais olhar a dama de preto, sem mais lhe dizer. Parecia-me tonta, desagradava-me a sua voz acrídoce e punha-me confusa. A presença dela fazia chorar a minha irmã, que pedia nos seus soluços: «eu quero a mãezinha, eu quero a minha mãezinha... não é verdade que esta senhora nos quer levar?»

Tentei tranquilizá-la. Não quero nada levar-te, palerma. Não quero nada.

Quando me dirigia para a estação ela vinha correndo na direcção contrária à nossa. Era velha mas parecia-me ligeira como uma jovem. Quando chegou perto do meu irmão que lhe sorria descontraído, arrancou-lhe o chapéu com á-vontade. Apertou-o e amachucou a palha contra o peito e mostrou-me os dentes incertos num sorriso detestável. Então largou estrada fora a correr, a correr como louca.

M. A. QUEIRÓS

COLABORAÇÃO — Regulamento dos colaboradores do juvenil

- 1 — Não é obrigatório dactilografar a correspondência nem os originais; mas «é indispensável» que a letra seja bem legível. Isso poupará muito tempo e esforço à Redacção e Tipografia.
- 2 — Os originais devem ser escritos num só lado do papel.
- 3 — Se houver duas ou mais folhas, devem estas ser numeradas.
- 4 — Os originais não devem ser muito extensos.
- 5 — Não podemos devolver originais. Portanto, sempre que nos remetam qualquer trabalho, aconselhamos a ficarem com uma cópia em seu poder.
- 6 — Da primeira vez que os Amigos nos escrevem indi-

carão nome completo, direcção, profissão, data de nascimento, habilitações.

- 7 — É permitido o uso de pseudónimo, mas os elementos de identificação indicados no n.º 6 são indispensáveis.

- 8 — O nosso «Juvenil» é lido e colaborado por jovens de todas as tendências. Devem, portanto, abster-se de ferir escusadamente alheias susceptibilidades. Quando houver de discutir ideias, que a máxima correcção e delicadeza sejam usadas. A tolerância é inseparável da cultura.

- 9 — Os colaboradores, Amigos, simples leitores do «Juvenil» não devem manter uma atitude passiva em relação:

- a) — à orientação do Suplemento;

- b) — à administração do espaço e à paginação;

- c) — ao conteúdo dos originais publicados.

Pelo contrário: devem reagir, corrigir, sugerir. Devem criticar. Sem crítica não há progresso.

- 10 — O «Juvenil» não pretende ser exclusivamente colaborado por estudantes. Isso reverteria, para ele, e portanto para nós todos, em grave prejuízo e mutilação. Todos os que trabalham: todos os autodidactas; todos os interessados na Cultura e na Arte, todos podem pertencer à grande família do «Juvenil».

ao acaso

(Continuação da 1.ª página)

esta minha paixão pela música.

P — Que autores prefere?
R — Beethoven, Mozart, Bach, Vivaldi, eu sei lá!

P — Só música clássica?

R — Também gosto da música moderna — talvez influenciada pelo meu tio Mário Simões.

P — Cite alguns nomes...

R — Pat Boone Nat King Cole, etc.

P — Que pensa da vida?

R — Bem vivida, será um sonho maravilhoso.

P — Quais são os factores que considera indispensáveis para a felicidade?

R — A paz no mundo, a extinção da miséria, a fraternidade, a eliminação dos problemas raciais. No nosso tempo estes problemas já não se compreendem!

P — Acha possível a amizade entre rapazes e raparigas?

R — Absolutamente! Essa amizade serve mesmo para pôr à prova o grau de educação



MARIA CLOTILDE SIMÕES CRUZ

dos rapazes e das raparigas.

P — Qual o problema que mais a faz pensar?

R — A farta miséria que ainda existe no mundo e a perturbação da paz.

P — Qual o sentimento que mais admira numa pessoa?

R — O amor ao próximo...

P — Uma mensagem para os leitores do «Juvenil».

R — Procurem sempre na vida aquilo que é digno de amar-se.

O CEGO

por ANTÓNIO MANUEL SERRÃO MARTINS

O barbeiro está a cortar-me o cabelo, quando ele entra.

Sessenta anos. Baixo. Largo de ombros. Cara redonda. Face impassível. Óculos escuros. Vem pelo braço de uma velhota simpática e sorridente. O seu andar é tenso. Tem algo de artificial. Atrai-me fortemente.

— Sr. Fonseca, quando puder, faça a barba ao meu Manuel; diz a velhota.

Este «meu Manuel» diz-me que são esposos.

Mas a mulherzinha continua, dirigindo-se agora ao marido:

— Senta-te, que á uma e meia venho buscar-te para o almoço. Leva-o para junto de uma antiga e respeitável poltrona: Olho o relógio. Nove e dez minutos. O barbeiro dá os últimos retoques no meu cabelo. Obriga-me a fazer as últimas torções ao pescoço. Afasta-se um pouco. Admira a sua obra-prima. Não está satisfeito. Mais umas tesouradas e, finalmente, penteia-me.

Há já várias pessoas na barbearia. O Francisco discute com o Josué, o vencedor do combate Cassius Clay - Sonny Liston. O Joaquim, arrebatadamente, diz ao Mário que o Torres é o futuro avançado-centro do Benfica. O Felizardo lê «O Mundo de Aventuras». O Acácio, o António e o Mamede pontapeiam uma casca de laranja, junto da porta. O cego continua sentado, tal como quando a mulher o deixou. Mãos paradas sobre os joelhos. Olhar fixo na parede defronte. Não faz o menor movimento.

Uma mosca voeja em seu redor, estranhando esta imobilidade absoluta.

Lentamente, a barbearia

esvazia-se. Eu não tenho nada a fazer aqui.

A curiosidade não me deixa partir. Tiro um livro do bolso. Começo a ler. Dez horas. De vez em quando, olho o cego. Continua quieto.

Acabei o livro. Doze horas. Tem apenas 116 páginas.

Clientes sucedem-se na cadeira giratória. Tenho-os contado. É o nono indivíduo que ali se senta para oferecer o seu dinheiro e o seu cabelo ao barbeiro.

Estou tentado a sair. Porém, a verdade é que a curiosidade é um manancial de paciência. Espero. Quero ouvir a sua voz. Porquê? Não sei.

É uma idiotice. Talvez. Não me admiro, pois, desde menino de colo que sou uma eterna fonte de ideias.

Treze horas. O cego continua queto. Fixa a parede, ainda. A face calma, não demonstra impaciência. As mãos, sobre as pernas, mantêm-se imóveis. Todo ele respira placidez. O que terá ele pensado, durante estas quatro horas?

Terá pensado em alguma coisa?

O barbeiro vai junto dele. Por um braço, condu-lo à cadeira onde o irá barbear. Ensaboa-lhe a cara. Raspa cuidadosamente.

Chega a velhota. Treze horas e trinta minutos. Foi pontual. O marido está já barbeado Saem. À porta, o cego volta-se um pouco e diz: — Até logo, sr. Fonseca!

A voz é normal. Uma voz vulgar, penso eu. Mas porque havia ele de ter uma voz diferente? Por ser cego? Não. Não foi por isso que eu esperei quatro horas e meia. Não foi isso que me aticou a curiosidade. Então, o que foi?

Não sei.

Conversando com

(Continuação da 1.ª página)

acomodada a uma carreira artística...

P. — E lançou-se logo nesse caminho...

R. — Não. Meus pais não concordavam, mas, depois de constantes súplicas, concederam.

P. — Incondicionalmente?

R. — Não. Iria, sim, para o Conservatório, mas sairia imediatamente de lá se perdesse o primeiro ano...

P. — Claro que não perdeu...

R. — A pauta, no fim dele, marcava dezasseis valores, e eu havia conquistado o meu lugar de actriz num teatro pobre e decadente...

P. — E quando terminou o Conservatório?

R. — Isso aconteceu em 1949. Um ano depois, estreei-me no antigo teatro-estúdio do Salitre, na peça «Era outra vez...», de Ricardo Alberty. Em 1954, mestre Alves da Cunha, a quem devo sábios e uteis ensinamentos, chamou-me para a sua Companhia e fui em digressão a Angola. No ano seguinte de Lisboa, e em 1957, no Teatro Experimental de Lisboa, interpretando «Antígona», de J. Anouilh. Depois veio a Televisão — mas a falta de contratos, o esquecimento por parte das Companhias, enfim sei lá, obrigou-me a procurar um emprego em que o meu pão não estivesse dependente das más ou boas vontades de empresários teatrais.

P. — Que lástima!

R. — Os numeros voltaram a massacrar-me nos escritórios duma fábrica de cabos eléctricos, onde ainda estaria a estas horas...

P. — Se...

R. — se António Lopes Ribeiro não me tivesse convidado para interpretar o papel de Juliana em «O Primo Basílio».

P. — Foi uma interpretação extraordinária! Recordo-me de que essa interpretação lhe valeu o 1.º Prémio de Interpretação em 1960.

R. — Exactamente. Por mais paradoxal que pareça, eu, que adoro teatro, ganhei um prémio fazendo cinema, pela primeira vez!

P. — Quando entrou no Teatro Nacional D. Maria?

R. — Em Março de 1962, Amélia Rey-Colaço convidou-me a ingressar na sua Companhia... Queira Deus...

P. — Queira Deus o quê?

R. — Que eu não volte a ser empregada de escritório, porque não é nada a minha vocação...

P. — Mudando de assunto:

prefere o teatro ou o cinema?

R. — Prefiro o teatro. Custo de sentir as reacções do público, os seus aplausos fazem-nos vibrar...

P. — Uma pergunta que não podia faltar nesta breve entrevista... Quais os motivos da crise do teatro em Portugal?

R. — Compreende: o teatro como o cinema, exige uma série de condições de que não dispomos! Para não ir mais longe: não temos encenadores, como não temos realizadores. Isto não quer dizer que não haja entre nós, nesse aspecto, profissionais potencialmente de categoria, com aptidões para fazer obra de vulto. Simplesmente, o meio não lhes proporciona uma continuidade de acção — e sem continuidade nada feito...

P. — Sem continuidade?

R. — Sim... Veja o caso, por exemplo, de António Lopes Ribeiro, que entre dois filmes («O Frei Luís de Sousa» e «O Primo Basílio») teve um espaço vazio de dez anos!

P. — Dez anos é tempo!

R. — Já vê. Depois, quer o cinema, quer o teatro, exigem a existência de conjuntos homogêneos. O vedetismo é também um mal que nos aflige... Enfim, não acri-

dito que o problema possa ser resolvido num futuro muito próximo...

P. — Reconhecendo-se, como se reconhece, em Cecília Guimarães um dos mais fortes temperamentos artísticos do Teatro português, qual a razão por que tão raramente a vemos nos nossos palcos, na Televisão e na Rádio?

R. — Ai está uma pergunta a que não me compete responder... Acho que ela devia, antes, ser posta a empresários, realizadores, directores...

P. — Qual o maior dramaturgo português de todos os tempos?

R. — Gil Vicente.

P. — Quais as qualidades primeiras a exigir a quem pretenda seguir a carreira artística?

R. — Gostar de teatro, ter talento, deixar-se dirigir.

P. — Algumas palavras para os jovens...

R. — Peço aos jovens que vão ao teatro. Aprendam a gostar dele, a captar toda a sua riquíssima mensagem. O Teatro precisa dos jovens, da sua presença, do seu carinho, dos seus aplausos! E se vocês, jovens leitores, sentirem verdadeira vocação para o Teatro façam como eu: quando nos realizamos, todos os sacrifícios compensam!



Além de actriz, Cecília Guimarães é declamadora de grandes recursos. Aqui a vemos durante um recital de poesia em que obteve assinalado êxito